

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**PENTECOSTALISMO E JUVENTUDE NA PERIFERIA
URBANA: estudo sobre a sociabilidade de jovens da Igreja
Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo no bairro
DER**

Sérgio Eugênio Ferreira de Camargo

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2020

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**PENTECOSTALISMO E JUVENTUDE NA PERIFERIA
URBANA: estudo sobre a sociabilidade de jovens da Igreja
Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo no bairro
DER**

Sérgio Eugênio Ferreira de Camargo

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Diretoria de Pós- Graduação e Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: **Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo autor

C172p

Camargo, Sérgio Eugênio Ferreira de

PENTECOSTALISMO E JUVENTUDE NA PERIFERIA URBANA:
estudo sobre a sociabilidade de jovens da Igreja Assembleia de Deus
Ministério São Bernardo do Campo no bairro DER / Sérgio Eugênio
Ferreira de Camargo. -- São Paulo, 2021

109 p.: tabelas., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo (Umesp),
Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, São Paulo

Orientador: Dario Paulo Barrera Rivera

1. Pentecostalismo. 2. Juventude. 3. Periferia urbana. 4. Assembleia de
Deus. I. Título

Folha de aprovação

A dissertação de mestrado intitulada PENTECOSTALISMO E JUVENTUDE NA PERIFERIA URBANA: estudo sobre a sociabilidade de jovens da Igreja Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo no bairro DER, elaborada por SÉRGIO EUGÊNIO FERREIRA DE CAMARGO, foi apresentada e aprovada em 09 de março de 2020, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Marcio Capelli Alo Lopes (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Vlademir Lucio Ramos (Titular/Centro Universitário Paulistano).

Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Lauri Emílio Wirth
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas Socioculturais

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Orlando e Maria Aparecida, que sempre se dedicaram, proveram e ajudaram na minha formação. Por também me ensinarem a ter empatia e lutar pela superação das dificuldades e injustiças que possamos desconstruir.

AGRADECIMENTOS

A minha família que sempre cuidou, insistiu e ajudou na minha educação para que eu conseguisse atingir meus objetivos.

A minha irmã Ana Carolina pelas incontáveis risadas e por proporcionar um ambiente agradável para meu aprendizado. A minha outra irmã Joyce, com quem dividi boletos, angústias e conselhos.

A minha esposa Mariana pelas correções, formatações e suporte incansável nessa jornada acadêmica.

Aos amigos e amigas do “Fé, Prosa e Comilança” por alentarem e alegrarem meus dias mais ansiosos.

A Naile Braffo Conde por ser compreensiva, amiga, leitora e crítica dos meus textos e única cubana que conheci até hoje.

A meu amigo Sullivan por tanto compartilhar e superar dificuldades.

A juventude da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo no DER por me acolher e repartir tempo da vida de vocês comigo. Vocês vão longe!

Ao Professor Dr. Paulo Barrera pela quase infundável paciência, dedicação, sugestões e conversas agradáveis e engraçadas.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo por meio do corpo docente dividir não só os saberes acadêmicos, mas também da vida e trabalharem em meio as crises e dificuldades institucionais do presente.

Ao Grupo de Estudos Religião e Pentecostalismo na América Latina – REPAL pela apreciação prévia da pesquisa. Especialmente ao Jair Emídio Barbosa, que se debruçou inicialmente a analisar e fazer conhecida a comunidade do DER por meio de sua dissertação, que tive a honra de participar enquanto ouvinte nesse mesmo Programa de Pós-graduação

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão da bolsa em quase todo o tempo e oportunidade de cursar o Mestrado em um dos centros de estudo mais relevantes para o campo da Teologia e Ciências da Religião.

CAMARGO, Sérgio E. F. *PENTECOSTALISMO E JUVENTUDE NA PERIFERIA URBANA: estudo sobre a sociabilidade de jovens da Igreja Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo no bairro DER*, (Dissertação de Mestrado), São Bernardo do Campo – SP: UMESP, 2020.

RESUMO

A presente pesquisa procura compreender aspectos que perpassam o campo do pentecostalismo no Brasil e suas relações intrínsecas à migração e formação das periferias urbanas brasileiras na segunda metade do século XX, especialmente em São Paulo e na Região Metropolitana. O objeto de estudo é focado em jovens de 18 a 29 anos da Igreja Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo na Favela do DER no município de São Bernardo do Campo. Cravada entre o centro da cidade e a Via Anchieta, destoando arquitetonicamente do restante do tecido urbano próximo, a favela é a mais antiga do ABC Paulista. Por meio de um estudo etnográfico busca-se entender a sociabilidade dos jovens, muitos deles negros, pobres e filhos de migrantes, nos espaços periféricos, marginalizados socialmente e excluídos político e geograficamente na paisagem urbana. Portanto, pretendemos analisar como o pentecostalismo nesses locais desatendidos pelo Estado, estigmatizados pelas classes médias e assediado pelas várias formas de violência, ajuda na construção de redes sólidas de crescimento mútuo, com a intenção de ser uma alternativa de sociabilidade para reordenar o sentido de vida desses jovens. Complementarmente, investigaremos de que modo a sociabilidade dos jovens pentecostais se ajusta e destoa dos princípios religiosos introjetados e impostos pela instituição religiosa, com o intuito de demonstrar a força que a juventude possui enquanto sujeitos religiosos que, individualmente e em momentos específicos, subvertem ou reafirmam os valores e práticas até então apreendidos.

Palavras-chave: pentecostalismo; juventude; periferia urbana, São Bernardo do Campo

CAMARGO, Sérgio E. F. *PENTECOSTALISM AND YOUTH IN THE URBAN PERIPHERY: study of the sociability of young people of the Assembly of God Church Ministry of São Bernardo do Campo in the DER neighborhood*, (Master Dissertation), São Bernardo do Campo – SP: UMESP, 2020.

ABSTRACT

This research seeks to understand aspects that permeate the field of Pentecostalism in Brazil and its intrinsic relations to the migration and formation of Brazilian urban peripheries in the second half of the 20th century, especially in São Paulo and the Metropolitan Region. The object of study is focused on young people from 18 to 29 years old from the Assembly of God Church São Bernardo do Campo Ministry in the DER slum in the city of São Bernardo do Campo. Located between the city center and Anchieta Highway, architecturally different from the rest of the nearby urban fabric, the favela is the oldest in ABC Paulista region. Through an ethnographic study, we seek to understand the sociability of young people, many of them black, poor and children of migrants, in peripheral spaces, socially marginalized and politically and geographically excluded in the urban landscape. Therefore, we intend to analyze how pentecostalism in these state-neglected places, stigmatized by the middle classes and harassed by various forms of violence, helps to build solid networks of mutual growth, with the intention of being a sociable alternative to reorder the meaning of life of these young people. In addition, we will investigate how the sociability of young pentecostal fits in and deviates from the introjected religious principles imposed by the religious institution in order to demonstrate the strength of youth as religious subjects who individually and at specific moments subvert or reaffirm the values and practices apprehended.

Key words: pentecostalism; youth; urban outskirts, Sao Bernardo do Campo

LISTA DE SIGLAS

AD – Assembleia de Deus

CCB – Congregação Cristã do Brasil

COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo

CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus

DER - Departamento de Estradas e Rodagem

IEADMSBC - Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MUP – Mocidade Unida Pentecostal

PUB – Plano Urbanístico Básico

RMSP - Região Metropolitana de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cidades que compõem a Região Metropolitana de São Paulo	29
Figura 2- Comparativo de áreas urbanizadas entre 1950/1962 e 1963/1974	31
Figura 3 - Favela do DER no mapa de São Bernardo do Campo.....	35
Figura 4 - Religiões evangélicas pentecostais	45
Figura 5 - População de cor não branca	45
Figura 6 - Perfil religioso	46
Figura 7 - Aglomerado subnormal.....	47
Figura 8 - Bairro DER	52
Figura 9 - Estatística de desigualdade social	61
Figura 10 - Homicídios de jovens.....	62
Figura 11 - Distribuição de sentença por cor do réu.....	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxas de homicídios de negros e de não negros a cada 100 mil habitantes destes grupos	61
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativo perfil econômico bairros Centro e Montanhão.....	38
Tabela 2 - Comparativo Jovens de 18 a 29 anos	70
Tabela 3 - Participação em coletivos, em porcentagem	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Campo, metodologia e objetivos específicos	16
1 SURGIMENTO DA PERIFERIA URBANA NO BRASIL E A ADESÃO PENTECOSTAL	21
1.1 PERIFERIA COMO ESPAÇO POLÍTICO-GEOGRÁFICO	21
1.1.1 Migração para as periferias: conceito e fenômeno social	24
1.1.2 São Paulo e suas periferias: anos 1950 em diante	26
1.1.3 A Periferia de São Bernardo do Campo	33
1.2 Pentecostalismo na periferia urbana do Brasil	39
1.3 Complexificação do campo pentecostal na periferia urbana	43
1.4 Pentecostalismo na periferia urbana de São Bernardo do Campo e o bairro do DER	49
1.4.1 Igreja Evangélica Assembleia De Deus Ministério São Bernardo do Campo Do Bairro do Der	52
2 JUVENTUDE E RELIGIÃO NO BRASIL	55
2.1 Juventude: conceito e possibilidades	55
2.1.1 Problemáticas de raça e cor das juventudes pobres	60
2.1.2 Subjetividade jovem	64
2.2 Juventude, história e religião	67
2.3 Sociabilidade juvenil na periferia	71
3 JUVENTUDE PENTECOSTAL NO CONTEXTO DA PERIFERIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO	75
3.1 Experiências cotidianas e o ethos pentecostal dos jovens da Assembleia de Deus do DER	75
3.1.1 Regulações morais como forma de reafirmação da ética pentecostal	78
3.1.2 Sociabilidades periféricas e jovens no contexto pentecostal	83
3.2 O jovem pentecostal como fator de mudança no contexto da periferia	87
3.3 Perspectivas juvenis acerca do sentido da religião na periferia	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

INTRODUÇÃO

A compreensão das ciências humanas a respeito das juventudes tem sido sistematicamente ampliadas e aprofundadas com o desenvolvimento dos estudos, sobretudo após o período de redemocratização. Relacionando a religião a esse grupo social, o escopo é mais ainda afunilado, não só porque muitos estudos a respeito da juventude utilizam da variável religião como influenciadora na construção do arcabouço cultural e social, mas também por ressignificar vidas de pessoas que estão localizadas nas periferias e são compostas majoritariamente por negros e pobres.¹

Nossa pesquisa trata de assuntos relacionados à desigualdade, urbanidade e vulnerabilidade social em termos gerais. Quando adentramos ao complexo estudo das *juventudes* – conceitualmente tratando assim e mostrando a necessidade de uma abrangência teórica – temos a intenção de compreender quais aspectos, conceitos, particularidades e informações compõem esse universo das juventudes e, também, quais as expectativas que os grupos adultos têm em relação aos jovens. Combinado a isso, trazemos o estudo de caso extremamente privilegiado geograficamente², do grupo de jovens da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo (IEADMSBC) no Núcleo Departamento de Estradas e Rodagem (DER).

Nessa teia de informações evocamos literaturas que facilitam a compreensão a respeito do fenômeno de favelização, constante e presente em países desiguais, quando pensamos a “superurbanização” (DAVIS, 2006) ocasionada pela perpetuação das condições de pobreza. Com isso quebramos a ideia de que o problema da desigualdade social poderia ser reduzido pela oferta de empregos oriunda do livre mercado. Nos apropriamos da crítica de que há uma concentração de poder em frisar como os órgãos econômicos mundiais, tais como Fundo

¹ Sobre a vulnerabilidade de jovens negros e pobres, o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (2017, p.15), traz a seguinte informação: “A violência atinge especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do Atlas da Violência 2017 (IPEA, FBSP) mostram que mais da metade das 59.080 pessoas mortas por homicídios em 2015 eram jovens (31.264, equivalentes a 54,1%), das quais 71% negras (pretas e pardas) e 92% do sexo masculino.” O estudo também considerou variáveis como frequência escolar e situação de emprego, além de um indicador de pobreza, com base no ano de 2015, que trouxe dados de que os jovens negros e pardos possuem maior risco relativo de ser morto, comparado a jovens brancos, conforme a maior desigualdade social. Consideraram as diferenças regionais e os estados da Região Sul tem menor risco de violência contra jovens negros que estados do Norte e Nordeste. Ou seja, o impacto econômico e social é imenso, já que o país perde todos os anos contingente populacional que poderia estar economicamente ativo.

² O Núcleo do DER ou Favela do DER como denominaremos no texto é cravada entre o Centro da cidade de São Bernardo do Campo e a Via Anchieta. Ocupando posição estratégica, a favela conta com equipamentos públicos muito próximos, o que facilita o cotidiano da comunidade, todavia serve também como um entreposto do tráfico de drogas, por ser vizinha de bairros de classe média.

Monetário Internacional e Banco Mundial, que se postulam como entidades financeiras fomentadoras do desenvolvimento econômico e social, por meio de conchaves políticos de cunho neoliberal arbitraram aos países em desenvolvimento uma agenda político-econômica extremamente opressora e deslocada da realidade social. Tanto que, há uma realidade da expansão do mercado informal de trabalho que surge como meio de sobrevivência para milhões de pessoas, que por sua vez são mais segregadas e as diferenças de classe passam a ser mais gritantes, inviabilizando a ascensão social. Assim, o privilégio acaba por ser a resolução de problemas que atendam as demandas de estratos sociais médios, geralmente imediatos, aumentando a precariedade das condições de vida dos mais pobres, estimulando o surgimento de favelas e o hiperadensamento de áreas sem qualquer infraestrutura e planejamento urbano.

Por conta dessas discrepâncias sociais, outro problema esperado é o da segregação espacial. Ora, as condições marginais construídas historicamente nem sempre foram tão “espontâneas” ou dadas pelo sistema econômico. O Estado desenvolveu ações que privilegiaram classes em detrimentos de outras, a ponto de não só *varrer* as populações pobres, mas loteá-las através da promoção de projetos urbanísticos e da facilitação de empreendimentos privados que desembocam em consumo “seguro” e qualidade de vida dos ricos (CALDEIRA, 2000). Após o período de industrialização, meados de 1950, as populações de migrantes, negros, pardos e os que não se adequavam as formas sociais da nova classe média brasileira foram repelidas às margens da cidade, formando o modelo *dual* entre centro-periferia. Mais tarde, com a expansão imobiliária desenfreada organizada pelo capital liberal, os ricos passam a ocupar legalmente a vizinhança das favelas que continuam na irregularidade.

Essas temáticas iniciais, além de demonstrarem consonância com a realidade, trazem contribuições para destacar o caráter absolutamente desigual de nossa sociedade. Para ilustrar, a população da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) hoje é de cerca de 21 milhões de pessoas³ e, de acordo com Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 11% desses habitantes vivem em favelas. No Brasil, são 6% da população, o que gira em torno de 11 milhões de pessoas vivendo irregularmente em condições domiciliares precárias. Nosso desafio enquanto pesquisa é não só chamar a atenção para um estudo direcionado, mas entender que não são simplesmente coincidências ou demandas internas que levam o jovem a internalizar valores e práticas religiosas. Todavia, há um pano de fundo que

³ REGIÃO Metropolitana de São Paulo. EMPLASA. Disponível em: <<https://emplasa.sp.gov.br/RMSP>>

cerceia liberdades, interrompe a construção de processos identitários, seleciona quais ações são protagonistas ou não, etc.

Os estudos sociológicos, antropológicos, demográficos comparativos ocupam posição de destaque na análise da formação e desdobramentos da periferia urbana brasileira, todavia a religião também fora notada como uma amálgama no espaço periférico mais tardiamente e isso demonstra a necessidade urgente de reflexões acerca (FAJARDO, 2011). Por isso nosso escopo está sobre a ação religiosa na periferia relacionada à juventude. É de suma importância enxergar a realidade dos jovens excluídos socialmente, investigar quais caminhos e programas as comunidades de fé pentecostais utilizam para estreitar os vínculos sociorreligiosos. A juventude da região periférica convive diariamente com questões de violência, aborto, tráfico e uso de drogas, que são velados pelos estratos sociais mais altos da pirâmide social. A partir do momento que tem contato com a fé e os "dons do Espírito Santo", apregoados pela doutrina pentecostal, a situação marginalizada de muitos destes jovens parece ser conduzida a uma ressignificação de vida. Logo, interessa explicar como essa ressignificação atende ou não a sociabilidade juvenil.

Outro ponto que torna esse estudo relevante é a pouca produção de conhecimento científico ao redor da temática do jovem pentecostal na periferia urbana brasileira. A proposta de pesquisa segue na linha de investigação de Barrera (2012) e Noronha (2015), que tratam fundamentalmente as periferias como locais de abundante produção cultural e sociorreligiosa, que por sua vez, são segregadas. Assim, constituem uma parcela significativa da população urbana, mas ainda sem o recorte voltado para a juventude periférica pentecostal.

A contribuição para tanto é visível, já que o crescimento demográfico da periferia na Região Metropolitana de São Paulo foi de 1,25%⁴ em relação ao ano 2000, superando o aumento populacional da própria Região Metropolitana que foi de 0,97% em 2010. Logo, existe a real necessidade de estudar profundamente a periferia urbana, desde a consolidação, seus desdobramentos no campo sociorreligioso, a interação simbólico-cultural com a juventude pentecostal e conseqüentemente investigar como esses pontos convergem e interagem com as percepções sociopolíticas a respeito das suas condições de juventude marginalizada.

⁴ SÃO Bernardo do Campo: população. IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-bernardo-do-campo/panorama>>

Com relação ao campo de estudo, São Bernardo do Campo figura como o maior município em contingente populacional do ABC Paulista⁵, com uma população de aproximadamente 839 mil habitantes e abriga um dos maiores parques industriais automotivos do país. É na construção desse polo automotivo e expansão industrial na RMSB que surge a primeira favela do município, a Favela do DER. Sobre a principal igreja pentecostal⁶ desse bairro e sua juventude está nosso olhar para compreender, interpretar e sistematizar as informações do campo e que tipos de relações são praticadas ali. Ressaltamos que, apesar de o pentecostalismo ser a religião majoritária nas periferias brasileiras⁷, nosso trabalho seguirá tendências de análises que contemplem a interdisciplinaridade contida na realidade empírica, baseada em inferências de dados estatísticos, demográficos, históricos e subjetivos dos objetos pesquisados.

Para termos uma base sobre o que pensar, nossa compreensão etária de juventudes é entre 15 e 29 anos, marcador utilizado inclusive pelo IBGE. Em termos quantitativos, em 2014 essa parcela da população brasileira era de um total de 48,9 milhões de jovens (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018). Seguindo o raciocínio das autoras, que divide essa faixa etária em grupos menores, com o intuito de analisar mais próximo e com mais qualidade os dados, temos noção que o grupo entre 15 e 17 anos estão muito mais centralizados em projetos escolares. As autoras tencionam a discussão ao entender que os jovens dessa idade estão alinhados com projetos de socialização baseados no ambiente escolar. Ou seja, o perfil dessa juventude ainda é baseado nas influências recebidas por meio do universo escolar, tanto que, em 2014, 84,3% dessa faixa etária frequentavam uma instituição de ensino (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018). De modo a termos mais facilidade para encontrar dados empíricos e relacionados as teorias utilizadas para entender nosso universo de pesquisa, optamos por destrinchar essa classificação etária e pesquisar jovens da IEADMSBC de 18 a 29 anos. Em uma congregação com frequência de cerca de 300 pessoas, para nossa surpresa o grupo de jovens era composto por 30 pessoas.

⁵ A Região Metropolitana de São Paulo é composta por 39 municípios e a região sudeste dessa massa urbana, correspondente ao ABC Paulista, engloba os municípios de Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

⁶ A IEADMSBC é a igreja pentecostal com maior tradição e relevância no bairro do DER, as outras apontadas por BARBOSA (2018) são: Igreja Evangélica AD – Ministério Belém, Igreja Evangélica AD – Ministério Taboão, Igreja Evangélica AD – Ministério Parque São Rafael, Igreja Evangélica AD – Ministério de Perus, Igreja AD Fogo no Altar, Igreja Pentecostal Missionária Água Viva, Igreja Evangélica Novo Tempo em Cristo, Igreja Pentecostal Jesus o Bom Pastor, Igreja do Evangelho Avivando Nações.

⁷ Conforme dados quantitativos do Censo 2010 e interpretado por TEIXEIRA; MENEZES (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, Vozes, 2013.

Esse segmento da juventude é formado por pessoas que estão em plena conexão com ações de protagonismo e afirmação identitária, inserção no mundo do trabalho e constituição de família (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018). Nosso recorte é preponderantemente de jovens, homens e mulheres, sumariamente negros e pardos, moradores de uma área periférica peculiar ao lado do centro de uma das maiores cidades da RMSP. Desse modo, trabalhamos a partir de uma heterogeneidade de características e histórias de vida, que transformam nossos olhares enquanto pesquisador, fazendo com que o objeto em estudo seja permeado de habilidades e soluções *sui generis* de acordo com as circunstâncias sócio-temporais.

Portanto, temos nosso foco em compreender a história de uma região periférica por meio das lentes de jovens, que nas suas maneiras de sociabilidade demonstram conceitos teóricos, lastros culturais e sociais diferenciados até então não compreendidos nos estudos das Ciências da Religião.

CAMPO, METODOLOGIA E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Ao nos depararmos com realidades religiosas um pouco distantes da periferia, centradas nos estratos médios, criamos inicialmente um estereótipo altamente cristalizado em torno do pentecostalismo. A corrente religiosa trazida ao Brasil no início do século XX, que ganhou força em regiões carentes visando atender o público renegado pelo protestantismo elitista e excluído pela aristocracia católica, cresceu junto com as periferias brasileiras (FREESTON, 1996). Todavia, esses grupos religiosos – os pentecostais – durante algum tempo ficaram esquecidos nos estudos acadêmicos e essas questões tiveram maior atenção recentemente, devido a esse grupo ser um fenômeno social tão relevante nos tempos atuais, sobretudo a partir do Censo IBGE de 1991⁸ que já demonstrava a ascensão do quantitativo evangélico. Antes disso, o acirramento dos regimes ditatoriais na América Latina e a desigualdade social nos chamados países de “terceiro mundo” fizeram com que a Teologia da Libertação⁹ e seus teólogos propusessem respostas rápidas e eficazes, unindo a teoria social empregada no discurso com a prática. Nesse sentido, os estudos de religião também ficaram concentrados nessa área. Assim, os estudos acadêmicos sobre pentecostalismo, iniciados por Beatriz Muniz de Souza em 1969 (SOUZA, 1969), só foram efetivamente retomados após a redemocratização.

“O pentecostalismo, por muito tempo ficou do lado de fora dos interesses da academia. O seu lento e gradual crescimento não preocupava e, ao que parece, outras razões eram de maior interesse dos departamentos das universidades; todavia, os últimos censo demográficos apresentaram um significativo crescimento dos evangélicos, que saltaram de 5,2% em 1970 para 22,2% em 2010.” (MARQUES, 2016, p.168).

No intuito de continuar os estudos de produções como Brunner (2004), Pinto (2012), Bertoli (2013), Cardoso de Oliveira (2017), optamos por investigar jovens de periferia com vinculação religiosa atrelada ao pentecostalismo, com o plano de dissecar as mecânicas sociais e compreensão das estruturas estruturadas do poder religioso, organizando o pensamento

⁸ No Censo IBGE 1991, a população Evangélica era de 13.189.284, em 2010 esses números saltam para 42.275.440, demonstrando o crescimento estrondoso em apenas 19 anos. No site é possível visualizar uma curva de crescimento demasiado quando comparado com as outras opções de religião disponível. IBGE. **Séries:** históricas e estatísticas. Disponível em <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60>>. Acesso em: 10 out.2019

⁹ A Teologia da Libertação pode ser brevemente descrita como um movimento eclesiológico e intelectual que buscara uma libertação ideológica da América Latina durante os governos ditatoriais na segunda metade do século XX. Eram enfáticos na opção pelos pobres e se opunham com argumentos teológicos e acadêmicos as práticas neoliberais que eram difundidas nos então “países de terceiro mundo”. Esse movimento teve como expoente o teólogo Gustavo Gutiérrez e o engajamento de Leonardo Boff no Brasil. O pensamento desses e outros personagens marcantes na recente história progressista do cristianismo latino-americano, influenciou diretamente acadêmicos e teólogos, que tem lutado junto com minorias e oprimidos nos dias de hoje.

científico de modo a entender o objeto de estudo com o rigor necessário para produção de resultados empíricos e substanciais, da forma mais objetiva e clara que a pesquisa possa apresentar (BOURDIEU, 2003).

Ao delinear-mos objetivamente nosso escopo decidimos empregar uma metodologia qualitativa de bases etnográficas. Seguindo a ideia de Malinowski (1978), buscamos atingir o cerne grupal dos indivíduos pesquisados, de modo a entendermos o arcabouço jovem pentecostal de periferia num tecido urbano com características de metrópole, divagações existenciais sobre a vida que somente se exprimem por meio de convivência constante e domínio de códigos relacionais introjetados no imaginário psicossocial. Dessa forma, postulamos nossa empreitada metodológica com a finalidade de extrair informações que detalhassem não só aspectos relacionados ao cotidiano da vida religiosa. Mas, para buscar compreender como as dinâmicas seculares são opostas ou híbridas as práticas religiosas.

A inserção densa a fim de produzir descrições profundas (GEERTZ, 1978), por meio de diálogos, participação em eventos, cultos, evangelismos e atividades genéricas, buscaram detalhar não a nível de senso comum, mas dedicação acadêmica para produção de conteúdo relevante para as Ciências da Religião. Essa jornada de cerca de 6 meses foi semanalmente feita e sistematicamente analisada pelo diário de campo, que como ferramenta sólida e discreta trouxe confiança aos participantes do estudo e a gravação das entrevistas colhidas para posterior transcrição. A inserção do pesquisador foi num primeiro momento mais tímida, adaptativa ao contexto pentecostal periférico, trazendo solidez aos laços entre pesquisador e participantes. Focamos nos cultos e reuniões informais, por entender que ali poderíamos apreciar a faceta mais consonante ao arcabouço sócio-religioso dos participantes. Depois de concentrar-se em assimilar os códigos e dinâmicas vivenciais, passamos a diagnosticar elementos próprios da cultura pentecostal e captar similitudes entre práticas, regulações e o contexto de periferia. Ao fim desse percurso, galgado por meio de diálogos riquíssimos, entrevistas e momentos de lazer com intenção de mapear as ações de sociabilidade com atores engendrados numa performance social (GOFFMAN, 1985), coletamos dados dentro das expectativas, mas também fomos superados ao desprendermos de preconceitos e detectarmos quão valiosas experiências e histórias de vida experimentamos.

O grupo de jovens da IEADMSBC composto por cerca de 30 pessoas de idades entre 18 e 29 anos, tem 18 mulheres e 12 homens, o que corrobora para a constatação da estratificação de gênero já pesquisada no pentecostalismo (MACHADO, 2005), que aponta 56% de mulheres em suas filas. Assim, utilizamos de entrevistas abertas com 16 jovens, 10 mulheres e 6 homens,

em que os jovens pudessem relatar sua história de vida, com a intenção de absorver informações que pudessem ser comparadas e interpretadas de acordo com a realidade experimentada pelo pesquisador. Nosso viés não é por questões de gênero, mas não existe pensar pentecostais sem falar das questões femininas. Ainda sobre isso, as jovens são em suma solteiras, participam do grupo de louvor e desenvolvem atividades relacionadas à educação bíblica de crianças e adolescentes, além de participarem de ministérios tradicionalmente ligados ao serviço feminino, como oração, ação social, ornamentação, bazar e cozinha. Já os homens têm conexões diretas como pastorado, Escola Bíblia Dominical, visitação, administração e tesouraria. Ou seja, o caráter patriarcalista perpetuado nas microrrelações de poder religioso (MACHADO, 2005).

O momento que a juventude passa é de reflexão e estreitamento de vínculos. Pois, anteriormente os líderes focaram em atividades para fora da igreja, o que fez com que muitos jovens não mais participassem das programações e tirassem a rotina da igreja do foco da juventude. Ao vermos uma congregação de cerca de 300 pessoas e com 10% de jovens de 18 a 29 anos, nossas expectativas de quantidade do grupo a ser investigado foram reduzidas. Por isso, há um engajamento mútuo para não se perderem e consolidarem cada vez mais os vínculos religiosos. Desse modo, justificamos o uso da etnografia por ser a ferramenta metodológica mais adequada ao contexto periférico pentecostal, por penetrar diametralmente nas relações sociais e ter capacidade de sintetizar as informações recolhidas.

Realizar tal pesquisa fora extremamente gratificante do ponto de vista acadêmico, mas também do pessoal por ser confrontado com realidades de periferia urbana até então não experimentadas. Entender jovens que pactuam mais ou menos voluntariamente com premissas religiosas extremamente conservadoras, acarretou em esbarrar em paradigmas pré-determinados. Ou seja, surgiram rupturas conscientes que alavancaram o entendimento sobre temáticas presentes no cotidiano, mas que muitas vezes são desprezadas para amenizar o exercício de reflexão social. Para endossar a provocação, traçamos o objetivo geral que foi o de estudar a interação de jovens, em suma negros e pobres, de 18 a 29 anos da IEADMSBC na Favela do DER com a realidade social, econômica e cultural, visando explicar como os mesmos vivem sua sociabilidade nessas condições de existência. Baseado nisso, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a. Determinar as características gerais de sociabilidade dos jovens pesquisados no bairro do DER;

- b. Estudar quais atividades religiosas a comunidade pesquisada desenvolve com sua juventude e como os jovens reconhecem o discurso de controle da instituição religiosa de sua sociabilidade;
- c. Explicar se a natureza da experiência carismática com os dons do “Espírito Santo” motiva uma mudança cultural, moral e política do jovem de modo a criar novas condições de sociabilidade;
- d. Analisar de que formas os jovens pentecostais vivem a sua sociabilidade em sintonia ou não com o esperado pela instituição religiosa.

Nosso respaldo teórico provém principalmente da sociologia, ao trabalharmos conceito de campo, capital social, capital cultural, *ethos* e *habitus*, utilizaremos de Bourdieu (2003) para ampliar nosso repertório, no intuito de demonstrar que é necessário fazer uma síntese dos fatores externos, que condicionam em certa medida os indivíduos – estruturas estruturadas – e em correspondência deve-se analisar objetivamente as reais intenções do indivíduo, de modo a captar as subjetivações concernentes as circunstâncias – estruturas estruturantes.

Para endossar esse diálogo teórico, propomos também pensar a partir do conceito de *juventudes*, explicitado por Novaes (2007), que crava a noção de juventude baseada em temporalidades culturais sob as relações com as diferentes espacialidades ocupadas. Nesse sentido, aponta que as relações de legitimidade da juventude com a sociedade sempre se deu por meio de organizações coletivas que propunham mudanças e questionavam a hierarquia social. Também utilizaremos de autores que ao estudarem juventudes periféricas produziram material teórico em consonância com os autores supracitados.

A intenção de trabalhar com o primeiro capítulo, no qual estivesse contida uma análise cartográfica, trazendo comparativo de dados baseados nos Censos do IBGE e outras fontes secundárias, elucida muito bem sobre como a formação das periferias brasileiras tem raízes históricas, que expõe suas ramificações até hoje, sobretudo quando se fala a nível da RMSP. Privilegiamos também a compreensão dos processos que auxiliaram na consolidação e crescimento do pentecostalismo junto as regiões urbanas periféricas, enfaticamente no município de São Bernardo do Campo. Nesse sentido, delimitamos nosso olhar para a IEADMSBC do bairro do DER, com a intenção de ter uma perspectiva específica não só do processo de formação das periferias urbanas brasileiras, como também a expansão pentecostal atrelada aos cinturões de pobreza.

A respeito dos estudos de juventude e religião, o texto organiza-se baseado em como as pesquisas sobre a temática jovem argumentam sobre a capacidade de interlocução juvenil, sem

deixar de apontar como a conjuntura social aponta pra qual tipo de juventude tem se desenvolvido na sociedade. Para entendermos mais sobre as juventudes pobres e negra das periferias, discutimos como as experiências do cotidiano pautadas em uma ética pentecostal estabelece e/ou aponta diretrizes de sociabilidade para esses jovens que buscam sentido na religião pentecostal. Por último, enxergamos nas regulações morais da IEADMSBC para com os jovens, como as perspectivas de futuro são organizadas e praticadas pela instituição de nosso estudo. Portanto, conseguimos entender que as mudanças psicossociais atribuídas aos jovens, passam também por uma (re)leitura da vida por meio de lentes que advém substancialmente dos espaços e vínculos religiosos.

1 SURGIMENTO DA PERIFERIA URBANA NO BRASIL E A ADESÃO PENTECOSTAL

Para que a compreensão a respeito de nossa pesquisa faça sentido, porque optamos por estudar esses espaços e com a possibilidade de contribuir com tais estudos, precisamos entender como se constituiu a periferia urbana no Brasil. Nosso intuito é pontuar ideias, fenômenos, dados estatísticos, etc., que corroborem para evidenciar que as periferias das grandes cidades brasileiras são espaços de luta simbólica e por sobrevivência. Concebida prioritariamente por pessoas negras, pardas, migrantes, de baixa escolaridade, em condições que denunciam o desleixo estatal, de modo a endossar o fortalecimento da lógica meritocrática no sistema capitalista, utilizando-se do neoliberalismo¹⁰ enquanto vertente teórica para aportar as ações desenvolvidas. Vemos as periferias urbanas como fontes de saberes coletivos, com o intuito de contraporem-se as hegemonias dominantes, utilizando-se de estratégias de ação oriundas das circunstâncias históricas, sociais, políticas e culturais. Portanto, neste capítulo a intenção é saber quais são as raízes da periferia escolhida para o estudo, de que maneira e por quais motivos os pentecostais aderiram mais rapidamente a esses lugares. Além de contextualizarmos o bairro estudado com a intenção de ambientar com que objeto estamos lidando.

1.1 PERIFERIA COMO ESPAÇO POLÍTICO-GEOGRÁFICO

A composição periférica brasileira é parte importante da historiografia nas Ciências Humanas e pode também ser uma lente para enxergar implicações sociopolíticas na atualidade. O adensamento populacional contínuo, conforme dados dos Censos 2000 e 2010, denota vários

¹⁰ Teoria econômica proposta a partir da lógica dominante e eurocêntrica de países ricos, que tem em Freidrich Hayek (1889-1992) seu principal expoente. De modo genérico, essa teoria econômica visa atender a demanda desses países hegemônicos que precisavam lidar com a alta desigualdade econômica, mas que dispunham de uma ingerência de ação estatal considerável para sanar essa problemática. Em contraposição, o neoliberalismo surge no século XX, como uma releitura do liberalismo, na qual o Estado dever agir minimamente, somente em setores específicos da sociedade, como na área de assistência social, fazendo assim com que a livre concorrência do mercado regule os processos socioeconômicos. Sobre isso, gostaríamos de pontuar que essa teoria econômica aplicada em países ricos ou que não sofreram processos colonizadores exploratórios, obteve resultados minimamente satisfatórios. Todavia, nos países “dependentes” economicamente, o abismo social somente aumentou com o decorrer do tempo. Para termos um exemplo desse tipo de situação, uma recente pesquisa do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA), publicado pelo Centro Nacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (IPC-IG/PNUD), descobriu que 1% da população brasileira concentra 22% a 23% da renda nacional. Ou seja, no estudo entre 29 nações – desenvolvidas e em desenvolvimento – o Brasil está no grupo de cinco países, em que os mais ricos recebem mais de 15% da renda nacional. < <https://nacoesunidas.org/brasil-esta-entre-os-cinco-paises-mais-desiguais-diz-estudo-de-centro-da-onu/> >

problemas sociais, potencializando a visão que temos sobre a desigualdade social, como uma engrenagem político-econômica que põe a prova, não só a incapacidade Estatal brasileira, mas também denuncia a falta de organização da sociedade civil decorrente da exploração extensiva do capital financeiro. (SANTOS, 1993). Essa formação dos cinturões de pobreza ao redor das grandes cidades brasileiras são arquétipos político-geográficos que tem a missão não só de segregar, mas de filtrar quais populações devem estar inseridas na dinâmica urbana. Por isso, nessa primeira parte deste capítulo trabalhamos sob um panorama histórico-crítico, a constituição das periferias brasileiras, especialmente São Paulo e as cidades circunvizinhas, enfatizando São Bernardo do Campo e os movimentos migratórios que alavancaram o processo de industrialização brasileira na região do ABC Paulista.

A passagem do século XIX para o século XX, no Brasil, não trouxe somente ideais republicanos no plano político-ideológico, antes contribuiu para o desenvolvimento científico, econômico e conseqüentemente industrial. São Paulo é a maior cidade brasileira com cerca de 12 milhões de habitantes e herdou as benesses de ser uma cidade cosmopolita no processo de modernização, entretanto fora desenvolvida imersa em um processo industrial extremamente liberal economicamente (MARICATO, 2000). O que fez com que a paisagem urbana fosse abruptamente modificada, as relações de trabalho complexificadas e inevitavelmente, por causa da migração acentuada, houvesse uma segregação social de viés étnico-racial de proporções até então não experimentadas pelos brasileiros.

O contexto urbano paulistano era suscetível a mudanças devido ao aumento populacional e no surgimento de um parque industrial movido por diversas fábricas que se instalaram primeiramente, na Zona Leste da capital paulista. O centro da cidade, que até então, era tomado por redutos de imigrantes europeus, negros filhos de escravos e todo tipo de “caipiras”, eram vistos como verdadeiros entraves para a modernização urbana. Ora, a modernidade europeia consolidada pelo racionalismo através das universidades, a arquitetura e artes francesas influentes no Brasil e o poderio industrial inglês, eram vistos como o ápice do processo modernizador. Com essa perspectiva eurocêntrica algo deveria ser feito com essas populações “marginais”.

A higienização da cidade foi realizada na remoção não somente dos negros, mas também de todos aqueles que eram chamados “nacionais”, os pobres da cidade, os caipiras etc., a parcela da população de “descalços” e despossuídos. A preocupação central era esconder uma imagem da cidade que era considerada feia e suja. A justificativa sempre foi a questão sanitária, mas as leis implementadas visavam não apenas fazer o controle higiênico, tendo em vista a saúde, mas sobretudo banir a presença daqueles que adotavam comportamentos indesejados para o novo padrão da cidade. (SILVA, 2006, p.10).

Os processos sistêmicos de formação e consolidação da periferia urbana em São Paulo foram complementares. Operando por meio de dinâmicas que segregavam as populações pobres, a saber por duas frentes (MARQUES & TORRES, 2005): a primeira aportada por uma concentração territorial de grupos sociais mais ou menos homogêneos, mas que sirvam para serem estigmatizados, e a segunda, por meio de uma ótica que considere os espaços ocupados por essas populações periféricas, como lugares homogêneos que não funcionam e que nem a intervenção efetiva do poder público viria a resolver as mazelas ali instaladas.

a periferia não se caracteriza, necessariamente, como condição geográfica, "às margens das cidades", mas caracterizada por uma condição social marcada pela imprevisibilidade das relações estabelecidas entre seus habitantes, pela precariedade do acesso aos mecanismos estatais necessários para manter o direito a uma vida digna (saúde, escola, moradia, transporte, etc.) e pela insustentabilidade econômica deste sistema (carência de emprego, provisoriedade das rendas, entre outros). Assim, a periferia produz uma imagem associada à desordem, ao inacabado, ao provisório, ao precário e carente, produto de práticas de subsistência que compreendem desde a autoconstrução da moradia, às alternativas informais de geração de renda até mesmo a infraestrutura dos equipamentos sociais públicos disponíveis. (AMARAL, 2014, p. 5)

Sob essa leitura crítica, pensamos também que há uma lógica de que as deficiências público-estatais em áreas de periferia tendem a apresentar piores índices de qualidade de vida, implicando muito sobre o campo educacional, no intuito de precarização de vida. Pois, existe uma cadeia de eventos que por falta de acesso à educação, deslocam as pessoas do mercado formal perpetuando a pobreza e segregação. Nesse sentido, há uma tendência a ponto de que essas ausências do Estado em um determinado tempo surjam problemas, com os quais o poder público não conseguirá atender do ponto de vista técnico, muito menos político.

Isso significa que a segregação socioespacial existente em nossas cidades induz a uma relativa homogeneidade do alunado das áreas mais segregadas, como os residentes nas periferias urbanas. Em outras palavras, se a hipótese relativa ao impacto do perfil socioeconômico da escola procede a segregação socioespacial tem como resultado esperado um pior desempenho escolar (MARQUES & TORRES, p. 127. 2005).

A realocação populacional, ou seja, a segregação social funciona então como um verdadeiro marco histórico-político na construção da periferia paulistana e conseqüentemente nas outras grandes cidades brasileiras, haja vista, os dados censitários do IBGE em 2010 e dos mapas da Desigualdade da Rede Nossa São Paulo¹¹, que evidenciam as periferias urbanas como grandes redutos – para não se dizer guetos – de populações estigmatizadas e excluídas

¹¹ REDE Nossa São Paulo. **Mapa da desigualdade**: 2019. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf> Acesso em: 15 ago. 2019

socialmente ao longo da história recente brasileira. Sofrendo com a ausência de aparelhamento estatal básico, como creches, escolas, hospitais, delegacias de plantão, infraestrutura cívica e de transporte, sem falar na ausência de conveniências privadas, muitas vezes empreendidas e que são meios de sobrevivência de moradores locais, que dinamizam a economia da região e o deslocamento quase que compulsório dos trabalhadores para regiões da cidade, nas quais o capital oferece demanda de empregos acessíveis à população, em suma, de baixa escolaridade. Assim, o panorama latente da desigualdade social escancara o modelo falho de urbanização e industrialização brasileiro, a partir de uma migração quase forçada, quando consideramos a necessidade de sobrevivência dos atores sociais.

1.1.1 MIGRAÇÃO PARA AS PERIFERIAS: CONCEITO E FENÔMENO SOCIAL

Primeiramente devemos considerar os fluxos migratórios oriundos preponderantemente do Nordeste brasileiro, não somente como um fenômeno social decorrente de uma conjuntura político-econômica desajeitada do início do século XX. Mas evidenciamos a necessidade de sobrevivência dos sujeitos que para São Paulo vieram no intuito de produzir sustento para si e suas famílias, que eram assoladas pela precariedade estatal e desinteresse do capital em áreas sem estrutura urbana. Os relatos das experiências migratórias para São Paulo nas décadas de 1930 a 1950 registradas por Paulo Fontes (2008), são carregadas de informações que retratam a realidade paupérrima vivida pelas populações nordestinas em interiores do país, de modo a se sujeitarem a regimes de trabalho e condições de vida, tão inferiores quanto as que foram encontradas na São Paulo em início de processo de industrialização.

As ondas migratórias se constituem como um processo social. Não funcionam simplesmente porque determinada região não é capaz de suprir as necessidades daquela população. Todavia, é um processo que tem fundo estrutural, no caso brasileiro, a industrialização tardia focada no Sudeste. Com isso, o estado de São Paulo absorveu só pela migração interestadual na década de 1970, cerca de 3,2 milhões de pessoas (BAENINGER, 2005). Estamos falando sobre um crescimento populacional não planejado e extremamente desordenado, já que o principal destino era a cidade de São Paulo, que chegou a receber 1 milhão de migrantes (FONTES, 2008). Ressaltamos que a migração massiva era composta sobretudo por nordestinos, que logo se tornaram estigmatizados por apresentarem déficit

educacional e até então não estarem acostumados com o ritmo de uma metrópole. Logo foram habitar as recém-criadas periferias paulistanas, especialmente a zona leste da capital.

Infelizmente havia o despreparo não só estrutural da cidade de São Paulo, mas também dos próprios habitantes que logo utilizaram-se de estereótipos para classificar e estigmatizar os migrantes recém-chegados. Para os moradores, os migrantes que aportaram, eram todos “baianos”, devido a uma mensuração fenotípica e preconceito relacionado ao jeito de conversar. Tanto que FONTES (2008) relata que os migrantes que estavam nas periferias seriam os responsáveis pelo aumento da pobreza e conseqüentemente da violência, na visão dos paulistanos.

Ora, não esqueçamos também do fator psicossocial desencadeado nesse primeiro momento de transição dos migrantes. Pois, algo que tangenciava o pensamento de tais, era por melhorar sua situação de vida e isso nem sempre era possível, mesmo com informações repassadas “boca a boca” por seus antecessores nessa busca. Estava em jogo também acesso ao que a modernidade, mesmo que tardia, seria capaz de oferecer aos recém-chegados a capital paulista. Já que muitos desses grupos haviam experimentado basicamente experiências culturais regionais de cunho popular-religioso e socialmente restrito. Em São Paulo a oferta cultural e inclusive a religiosa é perpassada por opções variadas, mesmo que acessada em proporções mínimas, mas capaz de reordenar sentidos e mover o sujeito migrante, mesmo que em seu imaginário, para o “centro” dos acontecimentos relevantes nacionais (PASSOS, 2000).

Desde a segunda metade do século XIX São Paulo passava a ser local de atração para levas de imigrantes, de origens diversas, que se dirigiram à capital paulista, e deixaram marcas na sua paisagem urbana, uma vez que se concentravam em determinados bairros, como os italianos no Brás, os japoneses na Liberdade e os árabes no Bom Retiro. No século XX, outros fluxos migratórios continuaram se dirigindo para São Paulo, sobretudo de brasileiros, como os nordestinos. (JACOB et al, 2006, p. 157)

Ora, os migrantes nordestinos, em grande parte, vieram para São Paulo em verdadeiros comboios humanos, numa espécie de onda migratória, estimulada pelo poder público e as indústrias que rapidamente se instalavam na cidade, precisando de mão-de-obra barata que estivesse disposta a trabalhar em um ritmo frenético (FONTES, 2008). Assim, notamos como o poderio do capital moderno coadunado à deficiência estatal brasileira criou o cenário propício para o adensamento populacional desgovernado em São Paulo.

Nesse sentido, vemos a migração como uma variável a ser registrada na história da formação periférica brasileira. Ou seja, ela redefine o paradigma social que antes pairava sobre negros e descendentes de imigrantes europeus, para deslocar as lentes de estratificação social

de maneira contínua para migrantes pardos e negros oriundos com pouca ou nenhuma experiência com o meio urbano, de regiões de caráter social e economicamente desvalorizadas. Também vemos como um conceito sociológico destacado pela relevância que traz consigo a partir de uma ocorrência espaço-temporal carregada de sentidos para as populações que passaram por isso. Ou seja, a relação dos atores sociais com a migração é transmitida de geração para geração, estabelecendo rupturas e continuidades de histórias de vida, de modo a influenciar não só socialmente, a partir das experiências subjetivas, mas coletivamente, ao criar um sentimento de pertencimento a determinado grupo social e/ou etnia.

Outro ponto que notamos a partir de estudos sobre migração e trabalho, diz respeito em como o sujeito migrante desenvolve não só a capacidade adaptativa de circular por territórios diferentes, mas também na construção e produção de identidades sociais bricoladas e não vinculadas ao lugar fixo. Fazendo com que o mesmo adquira habilidades e desenvolva competências até então desconhecidas para ele mesmo, nesse sentido apontando para uma (re)composição de sua subjetividade capaz de ampliar seu olhar sobre a vida, nas lentes apregoadas pelo capital. Essa constatação não é tão óbvia, haja vista que nosso olhar é por um prisma, na intenção de entender a migração como um fator histórico-cultural, traçado em decorrência do momento político-econômico, porém sem esquecer da capacidade significativa que o ator social possui quando atribui significados a seus projetos de vida nesse tipo de empreitada.

1.1.2 SÃO PAULO E SUAS PERIFERIAS: ANOS 1950 EM DIANTE

A partir destes eventos previamente definidos que demonstram nossas balizas enquanto referenciais para entender o processo de periferização brasileira, vemos na cidade de São Paulo o exemplo mais próximo de nosso objeto de pesquisa e como os volumes migratórios influenciaram diretamente na consolidação das periferias paulistanas. A falta de políticas públicas para ocupação correta do solo paulistano foi uma das principais características desse período de êxtase industrial/urbano (GROSTEIN, 2001), o que acarretou numa convivência do poder público para a falta de infraestrutura em bairros mais afastados, criando assim uma perspectiva de cidade dual. Ou seja, centro *versus* periferia, perpetuada até hoje e distante de mudanças concretas. Influências do período pós-guerra traziam a São Paulo um ar de metrópole, pois a rápida verticalização do Centro, a construção de linhas de transportes, o design moderno de novos edifícios públicos e o incrível salto populacional de cerca de 2 milhões de habitantes

para cerca de 3,5 milhões¹² nos anos 1950 corroboraram para o deslocamento populacional rumo as periferias.

a expansão urbana de São Paulo se intensificou a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se deu a instalação do seu parque industrial, o que mudou completamente a fisionomia da cidade, e acarretou grande crescimento populacional. [...] medidas de planejamento se fizeram necessárias, e o centro de São Paulo passou, como resultado de sucessivas políticas urbanas, por uma série de transformações, que alteraram muito o que havia sido construído até então. (JACOB et al, 2006, p. 157)

Textos como Azevedo (1945), Prado Jr (1989), Toledo (2003), Wilhelm (2011), fazem um recorte histórico da cidade de São Paulo e como seu desenvolvimento estrutural e arquitetônico aconteceu em decorrência da expansão da malha ferroviária. O que fez com que São Paulo fosse lançada de entreposto comercial, no fim do século XVIII, a ponto nevrálgico do desenvolvimento moderno urbano e industrial brasileiro do século XX. Tais discussões remetem ao lado leste da capital, em volta das estradas de ferro nas regiões do Brás, Belém e Mooca, como primeiro reduto de aglomeração populacional causado pela recente industrialização (AZEVEDO, 1945). O desenvolvimento num primeiro momento lento, devido a falta de infraestrutura básica como água encanada e energia elétrica, logo tomou proporções intensas, fazendo com que regiões do extremo leste como São Miguel, Itaim Paulista e Ermelino Matarazzo, que até 1950 não eram regiões consideradas “urbanas”, tomassem um formato de urbanizadas até 1962 (OLIVEIRA, 2016). Ou seja, o exacerbado adensamento populacional junto à produção do espaço urbano, sem planejamento adequado causou um efeito caótico inesperado pela população que ali se instalara. O capital que promovia a industrialização não foi capaz de absorver tamanho contingente de trabalhadores e somado a isso, a deficitária ação do poder público acarretou na formação de cinturões de pobreza extremamente densos e precários (FONTES, 2008).

A ocupação dos subúrbios ocasionou uma forte demanda por moradia e serviços públicos essenciais, mormente ligados à infraestrutura e ao acesso às condições básicas de sobrevivência por parte da população. Entretanto, é nesse processo que emerge a relação contraditória do espaço urbano generalizado como mercadoria, com o valor de troca sobressaindo o valor de uso, pois, mesmo nas periferias, a especulação imobiliária e reprodução do capital no espaço moldam o modelo de ocupação socioespacial e determinariam a forma urbana desses espaços. (OLIVEIRA, 2016, p.14).

¹² Prefeitura de São Paulo. **Década de 1950**. Disponível em: <
http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1950.php>. Acesso em: 10 out. 2019.

Uma maneira de enxergamos nossa proposta de pesquisa é recorrendo a forma de análise das favelas paulistanas, ou seja, os *aglomerados subnormais*¹³. Sob os atentos olhares de Pasternak (2001) e Pasternak; D’Ottaviano (2010), nota-se a dificuldade em mensurar especificamente o que é uma favela e como ela é tratada enquanto objeto de pesquisa. As primeiras favelas datadas em São Paulo são da década de 1940, “sobre a favela do Oratório, na Mooca, zona leste de São Paulo. (PASTERNAK, 2001, p.9)”. Apesar do Censo IBGE utilizar a nomenclatura favela desde 1950, em São Paulo, somente a partir de 1980 surgiram dados analíticos específicos sobre as favelas paulistanas (PASTERNAK; D’OTTAVIANO, 2010).

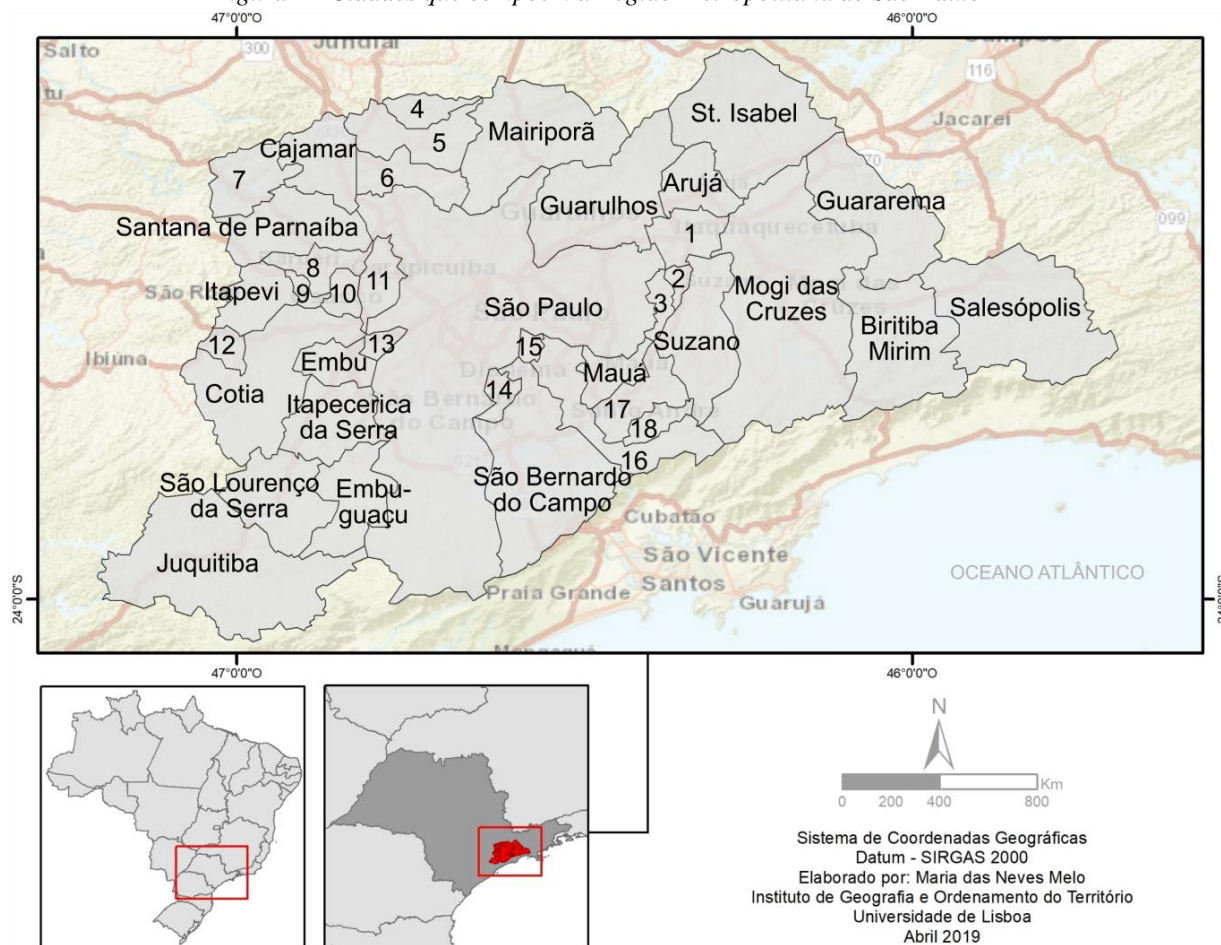
Essa problemática decorre da mensuração quantitativa dos domicílios e quais critérios seriam estabelecidos para o reconhecimento desse tipo de condição. Por isso utilizaremos de modo a simplificar a nomenclatura de favela, no contexto paulista:

[...] a variável mais adequada à definição de favela é o estatuto jurídico da terra. Tanto as definições das pesquisas da Prefeitura Municipal (1973, 1975, 1987 e 1993), como a de 1980 do IPT-Fupam consideram favela “todo o conjunto de unidades domiciliares constituídas de madeira, zinco, lata, papelão ou alvenaria, em geral distribuídas desorganizadamente em terrenos cuja propriedade individual do lote não é legalizada para aqueles que os ocupam.” (PASTERNAK, 2001, p.13 APUD Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano).

O intuito em pensar sob uma visão técnica do que é uma favela traz imensas contribuições a pesquisa, sobretudo na robustez do objeto empírico e como a visão, independente do olhar social, remete a inferências diversas e que nem sempre condizem com a estereotipação apregoadas pelo senso comum. Esses espaços urbanos habitados por mais de 2 milhões de pessoas, somente na Região Metropolitana de São Paulo (PASTERNAK; D’OTTAVIANO, 2010), contém características peculiares que serão desenvolvidas ao decorrer do texto.

¹³ Cf. Informações territoriais do caderno de aglomerados subnormais do censo de 2010, é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: - Irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou; Carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública); Sua existência está relacionada à forte especulação imobiliária e fundiária e ao decorrente espraiamento territorial do tecido urbano, à carência de infraestruturas as mais diversas, incluindo de transporte e, por fim, à periferização da população. Surgem, nesse contexto, como uma resposta de uma parcela da população à necessidade de moradia, e que irá habitar espaços menos valorizados pelo setor imobiliário e fundiário dispersos pelo tecido urbano. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>> (BARBOSA, 2018, p. 79)

Figura 1 - Cidades que compõem a Região Metropolitana de São Paulo



- 1 - Itaquaquecetuba 2 - Poá 3 - Ferraz de Vasconcelos 4 - Francisco Morato 5 - Francisco da Rocha 6 - Caieiras
 7 - Pirapora do Bom Jesus 8 - Barueri 9 - Jandira 10 - Carapicuíba 11 - Osasco 12 - Vargem Grande Paulista
 13 - Taboão da Serra 14 - Diadema 15 - São Caetano do Sul 16 - Santo André 17 - Ribeirão Pires
 18 - Rio Grande da Serra

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Elaborado com o software ArcGis

Já definido para onde está nosso escopo de investigação voltamos à formação das periferias na RMSP que se pelo lado sociourbano segregou, estigmatizou e produziu uma realidade dual para a cidade de São Paulo, economicamente sob influência de capital estrangeiro no período pós-guerra, a RMSP chegou a contribuir com cerca de 70% do Produto Interno Bruto brasileiro (SINGER, 1973, p.60). Ou seja, a transformação espacial, industrial e econômica que acontecia no Brasil concentrava-se em São Paulo e, logicamente, problemas decorrem desse crescimento massivo.

Nessas áreas são frequentes os assentamentos urbanos do tipo loteamento e autoconstrução, que apresentam enorme carência quanto aos serviços de infraestrutura básica. Na verdade, a expansão da área urbana de São Paulo vem se dando através de uma ocupação desordenada, que se manifesta pela multiplicação de favelas, frequentemente em locais impróprios, tais como áreas de risco para as populações nelas instaladas ou áreas de proteção aos mananciais. (JACOB et al, 2006, p. 158)

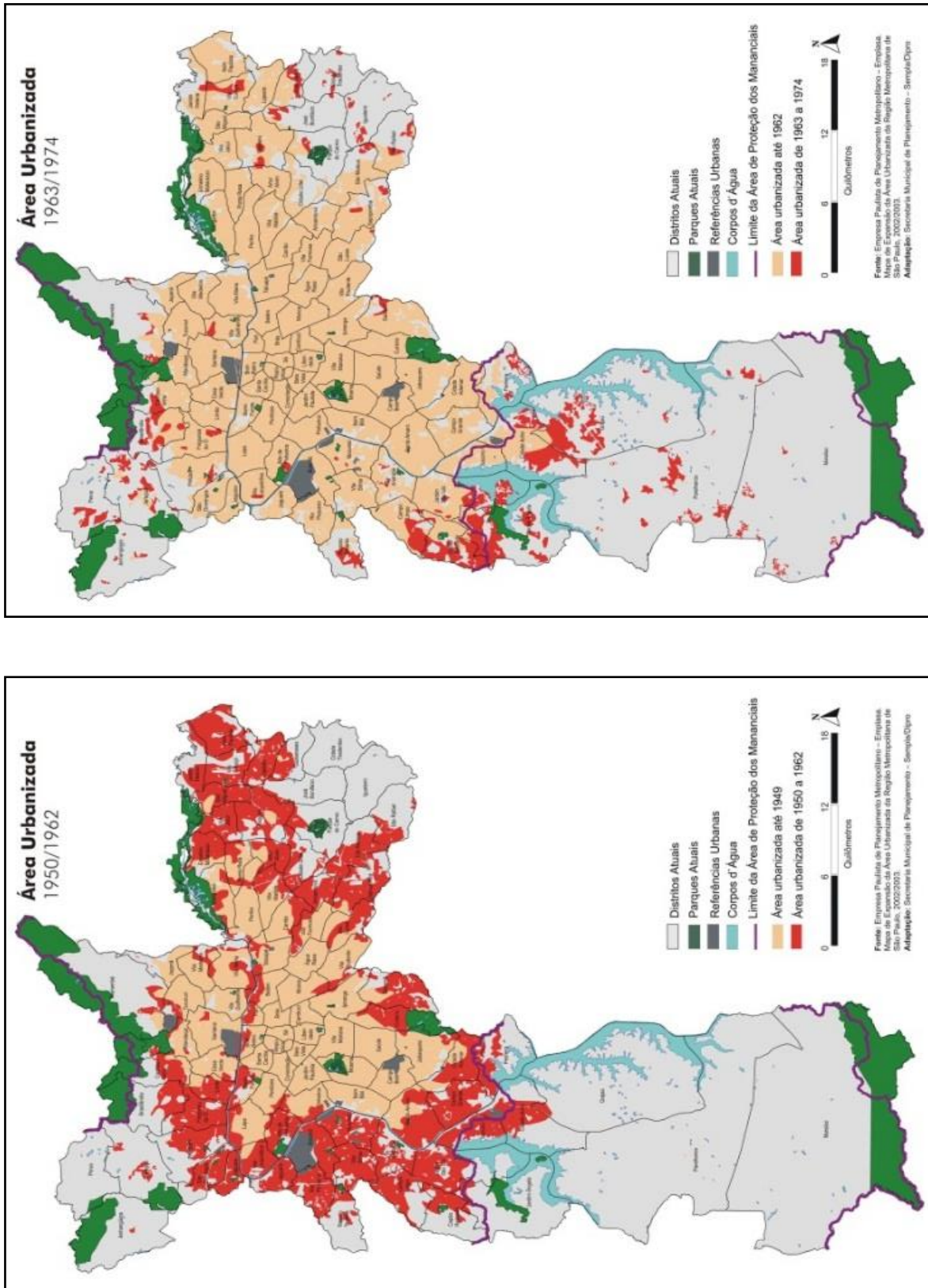
Essa contextualização histórico-política da constituição periférica de São Paulo serve principalmente como norteador de nosso objetivo de pesquisa, que visa traçar de maneira clara a qual realidade urbana estamos nos atendo. Logo, a história paulista que envolve as regiões periféricas diz respeito a determinado tipo de atores sociais e que remetem a um tempo e local específico. Nesse sentido, apontamos que a especificidade da RMSP traz consigo características concernentes às realidades que aconteceram por aqui, demonstrando que as diferenças regionais de viés geográfico são tão importantes, como também decisivas no processo de pesquisa.

Após o eufórico progresso econômico até meados da década de 1960, a cidade de São Paulo se vê diante de um grande dilema, criado pelo próprio sistema político-econômico. Como ser cosmopolita, urbanizada e moderna se as mazelas sociais batem à porta, ou melhor, estão escancaradas nas novas formações do tecido urbano? As necessidades básicas de moradia digna, infraestrutura estatal, áreas de lazer que ficaram relegadas durante 20 anos começam a ganhar força devido a formação de movimentos sociais que lutavam por acesso a esses bens. Novamente o crescimento urbano desordenado causado entre outros fatores pela migração acentuada e a industrialização sem a devida regulação estatal, surgem na dinâmica paulistana como agravantes de problemáticas sociais.

Na década de 1970 com a expansão territorial já consolidada através do Plano Urbanístico Básico (PUB), uma das soluções encontradas pelo poder público fora a construção de conjuntos habitacionais de moradias populares viabilizados através da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB) e a construção da Linha 3 – Vermelha do Metrô, que corta a cidade de Leste a Oeste (OLIVEIRA, 2016), o que daria à Prefeitura Municipal de São Paulo maior capacidade de gestão, que estava atrasada em cerca de 30 anos.

Para termos uma real dimensão da velocidade da extensão do processo urbanizador em São Paulo, trazemos dois mapas para compararmos as áreas de urbanização em aproximadamente 25 anos:

Figura 2- Comparativo de áreas urbanizadas entre 1950/1962 e 1963/1974



Fonte: Emplasa (2002/2003)

Vemos somente os extremos como áreas não urbanizadas até o ano de 1974, ou seja, o adensamento populacional, avanço de moradias de qualquer espécie, se deu muito rapidamente em decorrência da metropolização. Com isso, esses recursos governamentais como construção de conjuntos habitacionais e linhas de metrô funcionam e funcionaram como recursos paliativos dado a gravidade da situação da população periférica. Para refletirmos mais a fundo sobre essas realidades, enquanto que o Censo IBGE 1950 registrou na cidade São Paulo pouco mais de 2 milhões de pessoas, em 1970 a população salta para quase 6 milhões¹⁴.

Por mais que houvesse uma preocupação do poder estatal em desenvolver políticas públicas, programas habitacionais e desenvolvimento urbanístico, ainda sim tudo isso se encontrava e ainda se encontra posteriormente ao crescimento da cidade, sobretudo nas periferias. Com isso, interpretamos que há de fato não só uma intenção governamental em segregar, mas de aprofundar cada vez mais as desigualdades sociais, de forma a não fazer com que o cidadão, especialmente o negro, pobre, seja o único ator da sua própria vida (GONÇALVES, 2010).

O crescimento desordenado do tecido urbano, principalmente a ocupação do solo sem regulação estatal, privilegiando a parcela mais favorecida economicamente, causou uma problemática sem precedentes que reverbera até os dias atuais. Ou seja, a tríade “industrialização – urbanização – metropolização” exerceu papel catalisador na formação periférica de São Paulo (BURGOS, 2008). Aliado a isso a especulação imobiliária forçada pelo capital ao longo do tempo em várias regiões da cidade contribui para a desvalorização recorrente, causando um esvaziamento proposital das áreas centrais e encarecendo os imóveis em áreas relativamente novas. Causando assim a perpetuação da estigmatização dos menos favorecidos social e economicamente, excluindo os que pouco tem acesso e dilapidando o espaço urbano em detrimento de seus interesses econômicos (SANDRONI, 2017).

Essa relativização da ordem urbana funciona como um modelo sólido de segregação social. Ao se apoiar na ausência de uma usabilidade correta do solo, saneamento, transporte público de má qualidade, infraestrutura educacional e cultural deficitária, entre outros, nota-se que há de fato uma arquitetura não somente para o surgimento e vivência de um estigma social, mas também de uma precarização das relações sociais e o agravamento da autoestima individual enquanto ferramenta eficaz para não desenvolver o protagonismo social na vida do indivíduo periférico. Evocamos esse aspecto mais psicossocial, porque desde o início de nossa pesquisa

¹⁴ IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. População nos censos demográficos, segundo os municípios das capitais: 2000/2010. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> >

analisamos que a formação do sujeito religioso e seu lastro epistemológico perpassa vários campos do coletivo, que são construídos por meio de um imaginário que muitas vezes segue diretrizes sociais oriundas do meio o qual o sujeito está inserido.

Esse adendo mais atual de situações de sucessiva exclusão social nos remete a favelização, especificamente em São Paulo, funcionando orquestradamente como um processo de deterioração urbana e arquitetônica da cidade, no intuito de colocar pobres e ricos para ocupar seus respectivos lugares. Com a real intenção de criar “muros invisíveis” que representam fronteiras não só espaciais, mas com o objetivo de segregar e demonstrar o resultado do “triunfo” da sociedade estratificada (KOWARICK, 2009).

1.1.3 A PERIFERIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Como São Bernardo do Campo faz parte da RMSP, a história de surgimento e crescimento do município não é muito diferente da capital paulista, a não ser pela posição estratégica em direção ao litoral do estado e como isso trouxe inúmeros benefícios para a cidade. Não nos ateremos ao processo histórico de emancipação da cidade de São Bernardo do Campo, mas manteremos nosso escopo atrelado as nuances da Região do Grande ABC. A localização geográfica da cidade de São Bernardo do Campo, vizinha à capital paulista e no caminho para o litoral, especificamente Santos, contribuiu e ainda contribui para o crescimento populacional e econômico do município. A cidade que surgiu como entreposto comercial e importante polo moveleiro, se transformou por meio da onda de industrialização que atingiu o sudeste brasileiro na segunda metade do século XX. A instalação do parque automobilístico fez com que a cidade se redesenhasse, inclusive a Via Anchieta (SP 150), ligação entres as cidades de São Paulo e Santos.

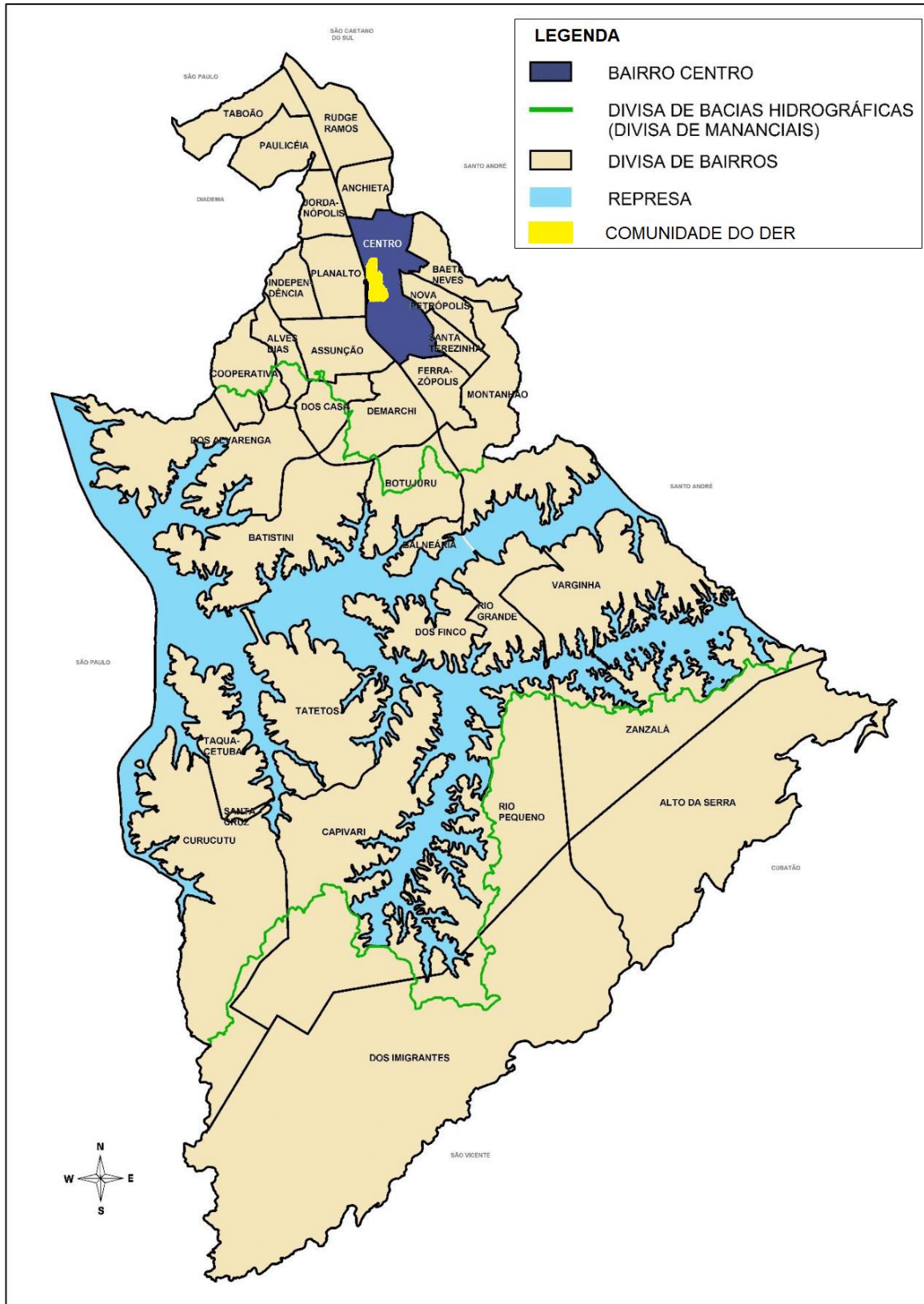
Pela presença de mão-de-obra na região, também por incentivos fiscais concedidos pelo município década de 1950, incentivadas pelas facilidades logísticas proporcionadas pela rodovia recém-inaugurada. Em consequência da vinda de gigantescas indústrias automobilísticas como a Volkswagen, Ford, Scania, Mercedes-Benz e de múltiplas fábricas de autopeças como a Perkins, Gemmer e Mangels, a região converte-se, nas décadas de 50, 60 e 70, num dos principais polos industriais do país, atraindo enorme contingente de mão de obra que era absorvida em seus postos de trabalho; contingente este que aumentava exponencialmente com a chegada de miríades de migrantes de várias regiões do país. (BARBOSA, 2018, p.33)

Sob essa drástica mudança de atividade econômica, São Bernardo do Campo, que segundo o censo demográfico municipal em 1950¹⁵ registrava 29.295 habitantes, somente dez anos depois atingiu a marca de incríveis 81.255 habitantes. Ou seja, o ímpeto industrial somado a migração em massa oriunda de regiões brasileiras fez com o que a população crescesse mais de 250%. Logo, os exemplos até então tratados no texto, demonstram que as proposições capitalistas de deslocamento populacional, investimento segmentado em troca de isenções fiscais, trazem consigo problemáticas políticas, sociais e econômicas. Para que isso fique mais claro, adentraremos objetivamente ao nosso local de pesquisa, que é a Favela do DER, formada em decorrência do antigo acampamento do DER, para construção da Via Anchieta.

Para visualizarmos geograficamente, segue o mapa da cidade de São Bernardo do Campo por bairros e a posição da Favela do DER. Local privilegiado, próxima ao centro, onde se localizam diversos serviços públicos, comércios e equipamentos de sociabilidade distantes cerca de um quilômetro dali.

¹⁵ SEÇÃO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO. Prefeitura de São Bernardo do Campo. **Década de 1950:** São Bernardo cresce e perde importantes símbolos do seu passado. 2015. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/home/-/asset_publisher/YVwaH6UqAMbt/content/decada-de-1950-sao-bernardo-cresce-e-perde-importantes-simbolos-do-seu-passado/maximized>. Acesso em: 01 jul. 2019.

Figura 3 - Favela do DER no mapa de São Bernardo do Campo



Fonte: Secretaria de Obras e Planejamento Estratégico/MSBC 2020 (Modificado pelo autor)

O processo de industrialização brasileiro, como referido anteriormente, articulou-se com setores privilegiados da sociedade, o que acarretou uma separação dual nítida que salta aos olhos no tecido urbano da RMSP. A Favela do DER é herdeira desse momento histórico-político, com a construção da Via Anchieta que substituiu a antiga Estrada do Mar, foi necessário o recrutamento de milhares de trabalhadores para a construção que liga desde o Sacomã, em São Paulo, até o bairro Saboó no município de Santos. A rodovia corta praticamente toda a cidade de São Bernardo do Campo e foi as margens dela que surgiram os acampamentos do DER, que na busca por economia de custos logísticos, construíram pequenos assentamentos para os trabalhadores ao longo do novo caminho para o litoral.

Com o fim da construção da rodovia, no Km 20 do trecho de São Bernardo do Campo, próximo ao Centro da cidade, ficava o depósito e um dos acampamentos do DER, que por sua vez fora abandonado, fazendo com que os trabalhadores migrantes remanescentes permanecessem no acampamento e trouxessem suas famílias para ali habitarem. Apesar dos imbróglis com relação ao uso do terreno e legalização, por pertencer ao Governo do Estado de São Paulo, a própria população residente se organizou para exigir a urbanização do novo bairro, que crescia juntamente com a cidade. Ou seja, a Favela do DER foi a primeira favela do ABC Paulista e seu surgimento remete a década de 1940.

S. 37, funcionário do DER por mais de 30 anos, alega que o Departamento de Estradas de Rodagem tentou desativar o acampamento após o término da Via Anchieta, porém, sem êxito, e então deixaram de dar assistência ao acampamento. E. L.C., também menciona que uma circular foi enviada pelo Departamento aos moradores do acampamento, alertando que teriam prazo de 90 dias para mudarem de lá. Os moradores não deixaram suas casas que eram dadas em comodato como alojamento e o Departamento decidiu abandonar o acampamento, transferindo seus depósitos de pedra, areia e ferramentas para o outro lado da Via Anchieta, em suas instalações vizinhas à fábrica da Scania. Em junho de 1978 o DER já contava com 2. 613 barracos cadastrados. (BARBOSA, 2018, p. 56).

A constituição da periferia da cidade de São Bernardo do Campo é de longa data, como versamos e com os dados do Censo 2010 temos informações interessantes sobre quais pessoas estão na periferia. No Censo 2010, São Bernardo do Campo possuía 765.463 habitantes, e desse total 152.780 pessoas viviam em aglomerados subnormais. Quando adicionamos o indicador de Cor ou raça, o número de pessoas pretas e pardas vivendo nessas unidades domiciliares chega a 85.378. Em comparação, as pessoas brancas vivendo em aglomerados subnormais era de 66.214. Um detalhe que é necessário evidenciar é que o município possui uma população majoritariamente branca e mesmo assim as pessoas negras e pardas são maioria nas periferias. Ou seja, a partir de cruzamentos simples de dados, evidenciamos como São Bernardo do Campo segue o histórico da RMSP, que estigmatiza e destina negros e pardos para ocuparem áreas com

deficiências estruturais e sem atenção estatal. Perpetuando as lógicas dominantes e abrindo precedentes para o crime e desestruturação social.

Seguindo ainda dentro de uma análise que busca entender as realidades das periferias de São Bernardo do Campo, trazemos dados estatísticos e definições técnicas que auxiliam nessa diagnose. De acordo com o Atlas Brasil¹⁶, quando interpretamos os dados de São Bernardo do Campo, comparando brancos e negros, os mesmos são discrepantes. O Índice de Desenvolvimento Humano para negros em São Bernardo do Campo é classificado como “Alto” (0,755), porém para pessoas brancas, a classificação sobe para “Muito Alto” (0.838). No quesito renda nem se fala, as pessoas brancas tem como renda *per capita* R\$ 1.435,18, já as negras R\$ 758,95 de renda média *per capita*. Sobre a educação, as diferenças continuam, pessoas brancas de São Bernardo do Campo analfabetas com mais de 18 anos, somam 2,14% da população. Já as pessoas negras analfabetas somam 5,01% dos habitantes. Quando olhamos para as porcentagens de pessoas que tem o ensino superior completo, a disparidade é incrível, pois o número era de 24,35% para a população branca, contra os 7,41% da população negra.

¹⁶ http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sao-bernardo-do-campo_sp

Tabela 1 - Comparativo perfil econômico bairros Centro e Montanhão

COMPARATIVO PERFIL SOCIOECONÔMICO BAIRROS CENTRO E MONTANHÃO			
	2000	2010	2017
População residente nos censo demográficos 2000 e 2010 e estimativa 2017, bairros Centro e Montanhão e total do Município de São Bernardo do Campo			
Bairro Centro	44.231	48.802	52.100
Bairro Montanhão	84.515	94.244	104.169
São Bernardo do Campo	703.177	765.463	827.437
Densidade demográfica (Habitação por Km ²), bairros Centro e Montanhão e total do Município de São Bernardo do Campo			
Bairro Centro	6.572	7.241	7.730
Bairro Montanhão	6.964	7.893	7.966
São Bernardo do Campo	2.123	2.300	2.486
Percentual da população de 10 anos e mais não alfabetizada, bairros Centro e Montanhão e total do Município de São Bernardo do Campo, 2010			
Bairro Centro	1,5%		
Bairro Montanhão	5,3%		
São Bernardo do Campo	2,9%		
Rendimento médio per capita em reais (R\$), bairros Centro e Montanhão e total do Município de São Bernardo do Campo, 2010			
Bairro Centro	R\$ 1.863,38		
Bairro Montanhão	R\$ 454,20		
São Bernardo do Campo	R\$ 944,67		

Fonte: Autor (2019)¹⁷

Quando comparamos o perfil socioeconômico do bairro Centro, o qual está a favela do DER e o bairro Montanhão, logo percebemos as diferenças. O bairro Montanhão também é uma região periférica de São Bernardo do Campo e também possui aglomerados subnormais. Todavia, todo o déficit constatado por intermédio da tabela 1 demonstram que apesar de a Favela do DER apresentar todas as características que fazem com que esse espaço não esteja

¹⁷ Informações obtidas em documentos disponíveis pelo site da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo pelo link: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/perfilsocioeconomicobairros>

arquiteticamente conectado ao tecido urbano - mesmo vizinho ao centro e ligado por vias urbanizadas, a estética das construções que compõe o DER não segue o padrão do restante da região. As residências e comércios com tamanhos irregulares, algumas sem pintura, contrastam com o restante do panorama arquitetônico da região e causam certo estranhamento por estar ao lado do centro da maior cidade do ABC Paulista -, ainda sim a proximidade com serviços públicos e conveniências, atestam que há vantagens em morar no DER. Ser da periferia claramente ainda constitui um estigma, todavia estar próximo a locais relevantes para o capital, demonstram o quanto o bairro do DER é privilegiado em relação as demais periferias de São Bernardo do Campo

Pelos números, é possível constatar a diferença que a localização geográfica e sua infraestrutura gera nas áreas de educação e mercado de trabalho. No bairro periférico Montanhão, o percentual de não alfabetizados é de 5,3%, enquanto no bairro central é de 1,5%, menor do que a média da cidade de São Bernardo do Campo. Mais assustador ainda é a desigualdade no rendimento médio per capita nessas regiões. O Centro tem a média de R\$1.863,38, cerca de dois salários mínimos, já o Montanhão tem um quarto desse valor, R\$ 454, 20, ou seja, um morador vive com metade de um salário mínimo. Assim, por mais que o bairro DER seja considerado favela, recebe influência direta e usufrui dos privilégios encontrados da região central da cidade.

Diante dessa ultrajante realidade diagnosticada por números, inferimos que ser negro em São Bernardo do Campo é ocupar preferencialmente áreas mais distantes dos bairros centrais, ter menos acesso a água encanada, menor poder de compra e menos qualidade de vida. As periferias da cidade de São Bernardo do Campo podem até possuir privilégios geográficos – como a favela do DER – todavia, é estatisticamente comprovado que as populações que habitam essas zonas residenciais precárias são em suma negros e pardos, corroborando com as teorias pensadas e análises histórico-políticas feitas até então.

1.2 PENTECOSTALISMO NA PERIFERIA URBANA DO BRASIL

O protestantismo de missão, que hoje corresponde aos protestantes históricos no Brasil, se consolidou no final do século XIX e foram influências muito fortes no projetos que auxiliaram na consolidação da República, principalmente por fortalecerem discussões em torno de democracia, participação e liberdade (CAMPOS, 2014). Nesse sentido, os protestantes de origem europeia e norte-americana optaram por unir forças com pessoas que detinham poder

econômico, mas não podiam exercer sua influência política, principalmente por não concordarem com o poderio católico e estar ligado ao Império.

Foi nesse cenário que surgiu e se propagou o republicanismo, cujo partido recebeu a adesão ou a simpatia de dezenas de líderes do protestantismo nascente, na segunda metade do século XIX, que coincide com o Segundo Império. Por isso, não foi sem motivo que o golpe militar de 1889 foi recebido com muita euforia por presbiterianos e metodistas, conforme se pode ver em seus jornais. Para eles, a proclamação da República era um acontecimento necessário para o surgimento de um Estado laico, e para o estabelecimento definitivo da democracia no Brasil. As liberdades individuais estariam garantidas no país a partir de então. (CAMPOS, 2014, p.p 80-81).

Esclarecida as raízes do protestantismo de missão brasileiro, na vertente religiosa, passemos a desvendar como o pensamento teológico-político influencia até hoje a sociedade brasileira. Novamente, a contribuição norte-americana protestante herdada dos missionários que por aqui passaram deixou a tentativa de um legado economicamente liberal, fundado sobretudo no trabalho árduo e sistemático para a “Glória de Deus”. Inevitavelmente lembramos de Weber (2004), que trata como a cosmovisão calvinista¹⁸ através das *afinidades eletivas*¹⁹ contribuiu para o desencadeamento do puritanismo e concomitante a isso o fortalecimento do capitalismo enquanto sistema econômico (LÖWY, 2011). A partir disso, lembremos que nesse período histórico o Brasil era uma economia praticamente agrária, com algumas possibilidades industriais. Nesse sentido também, a separação entre Igreja e Estado possibilitou que projetos missionários “educacionais” voltados para classes elitizadas fossem implantados. Haja vista, as datas de fundação de importantes colégios protestantes como o Mackenzie (1870) de vertente presbiteriana, o Piracicabano (1881) de linha metodista e o Batista Brasileiro (1902).

Diante disso vemos que os protestantes estavam aliados a uma elite econômica, conseqüentemente esqueceram da população marginal, que também não constava nas filas católicas, ficando assim uma lacuna social não ocupada pelas duas principais forças religiosas no Brasil do início do século XX. Essa parcela da sociedade relegada, foi o campo propício para a chegada do pentecostalismo no Brasil. Com raízes norte-americanas no movimento da

¹⁸ Genericamente é a vertente teológica que descende de João Calvino (1509-1564), reformador protestante que apregoou a doutrina da predestinação, na qual boa parte da humanidade estaria salva do inferno, pois Deus antes da história já elegeram quem está salvo para a eternidade com Cristo.

¹⁹ A partir de Michel Löwy (2011) buscamos compreender e trazer para nosso estudo a conceituação weberiana de *afinidades eletivas*. Segundo Löwy, tais afinidades podem englobar vários aspectos da vida, especificamente em nossa exemplificação falamos sobre como o a ética protestante calvinista, juntamente com o desenvolvimento capitalista predominou em certas classes sociais, já que a religião é uma esfera simbólica que atribui sentido a vida de muitos grupos sociais. Em específico, quando pensamos no pentecostalismo enraizado nas periferias. Se não bastasse dados estatísticos que retratam as filas de igrejas pentecostais com grande número de moradores de periferia, o *ethos* pentecostal estereotipado por mídias e outros campos informacionais corroboram para que tais *afinidades* estejam alinhadas a esse imaginário coletivo de “crentes” moradores da periferia.

Rua Azusa²⁰ em Los Angeles, a vertente religiosa aportou no Brasil entrando por bairros periféricos, fazendo trabalhos sociais com menos favorecidos e aderindo as camadas populares, seguindo a tradição de quebra de paradigmas que já havia acontecido nos Estados Unidos, que uniu brancos e negros.

Junto com os missionários Daniel Berg e Gunar Vingren, veio também o pentecostalismo, que logo estreitou vínculos com pessoas sumariamente pobres e expandiram seus campos missionários de modo a resistir conjuntamente as mazelas sociais outorgadas aos mais pobres pelo sistema capitalista. Os pentecostais cresceram numericamente no Brasil e, em um segundo momento, começaram a penetrar em estratos sociais mais altos, tanto que para entender tais fenômenos as produções acadêmicas e bibliográficas acompanharam essa reviravolta no quadro religioso brasileiro. Paul Freston (FRESTON, 1996), Leonildo Silveira Campos (CAMPOS, 1997) e Ricardo Mariano (MARIANO, 1999), através de suas teses, contribuíram para alavancar os estudos sobre pentecostalismo brasileiro. Os autores preocuparam-se em compreender o pentecostalismo brasileiro enquanto um fenômeno social importado do avivamento norte americano, que através do tempo se manifestou, principalmente atrelado às periferias brasileiras na tardia industrialização das metrópoles do país. Em um segundo momento, foram surgindo movimentos pulverizados, influenciados por reavivalistas norte americanos e suas cruzadas de evangelização e milagres, transmitidas pelo rádio e posteriormente pela TV. Na última onda, os estudiosos demonstram que o pentecostalismo enraizado nas periferias conquistou uma nova gama de adeptos em vários segmentos sociais, fomentando o surgimento de empresas eclesiais, atrelando a religião e espiritualidade a novas práticas evangélicas *bricoladas*²¹ com o contexto brasileiro, até influenciar nas esferas jurídicas e políticas.

Nota-se, na brevíssima explanação acerca da ênfase acadêmica sobre os estudos pentecostais, como o conhecimento sobre o grupo, antes tido como ascéticos e deslocados “do mundo”, conseguiu inverter a lógica epistemológica da sociedade brasileira e conquistou uma grande fatia do mercado de bens simbólicos religiosos. A aderência pentecostal nas periferias

²⁰ O movimento reavivalista norte-americano de raízes metodistas, teve como líderes William Seymour e Charles Parham, pondo a prova a segregação racial e discriminação contra pobres e mulheres. Ao reunir em um galpão abandonado brancos, negros e imigrantes em reuniões religiosas cheias de pessoas que buscavam a Deus e tinham experiências espirituais de glossolalia, curas e milagres.

²¹ Usufruímos do conceito amplamente discutido por Pierre Sanchis que dotado de extrema capacidade para versar e sintetizar conceituações, propôs por meio dos estudos de religião no Brasil evidências de *bricolage*, também conhecida como hibridismo. De forma sintética essa (re)montagem multifacetada entre pluralismos e identidades contidas no fenômeno religioso brasileiro propiciou estudos antropológicos de altíssima qualidade.

fica clara quando recordamos os nichos nos quais foram fundadas as maiores denominações pentecostais em números²²: Congregação Cristã do Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD).

Luigi Francescon, operário imigrante italiano, após se converter ao presbiterianismo nos Estados Unidos e ter contato com o movimento de avivamento em Chicago, tem uma rápida passagem pela Argentina e em seguida vem para o Brasil numa colônia de italianos, na qual mais tarde funda a Congregação Cristã do Brasil, em 1910. Já a fundação da AD ocorre com a vinda dos missionários suecos Daniel Berg e Gunar Vingren para o Brasil, em 1911. Eles haviam experimentado movimentos reavivalistas norte americanos e foram para missão em Belém, no Pará, onde se instalaram primeiramente. Logo, se espalharam pelo Amazonas, Nordeste e depois no Rio de Janeiro, capital federal até então. Eles e suas famílias começaram a trabalhar com crianças e populações excluídas. (CORREA e FAJARDO, 2016, p.119).

Como qualquer outra instituição, as ADs sofreram muitas modificações em seus cem anos de existência. Em 1910, uma pequena comunidade em Belém-PA; em 2001, alguns milhões de assembleianos espalhados por todo o país. Sua composição social, sua identidade interna e externa, vai se construindo amalgamada à sociedade brasileira. Nascidas a partir de uma empreitada missionária sueca, junto à efervescência mística que acompanhou os movimentos migratórios brasileiros, elas nascem místicas. (ALENCAR, 2012, p. 24-25).

Pensar os pentecostalismos brasileiros sem remeter à acelerada metropolização, mas tardia urbanização (PASSOS, 2000), é uma tarefa árdua para qualquer pesquisador. Entender as conjecturas por trás da consolidação pentecostal nas periferias brasileiras é extremamente relevante para revelar em quais condições se deu a aderência dos pentecostalismos aos pobres, negros e migrantes e como as transformações socioeconômicas brasileiras afetaram na formação e relações com as cidades. No encaço da modernização tardia brasileira percebemos como a consolidação e perpetuação de determinadas elites trouxe consigo a exclusão de boa parte da população que ascendia aos grandes centros em busca de trabalho, causado pelo êxodo rural. Não pretendemos entrar numa linearidade evolutiva, mas com um mínimo esforço perceberemos que esse caminho já era conhecido pelas experiências de industrialização europeia no século XVIII e mesmo assim o processo urbanizador brasileiro privilegiou ricos e extirpou pobres para as margens das cidades.

Com o agravamento do êxodo rural e o inchaço das cidades pelas massas de migrantes, o pentecostalismo vai se reconfigurando num processo dialético de rupturas e formação de paradigmas (PASSOS, 2000) para uma população altamente vulnerável socialmente e quase

²² De acordo com o CENSO IBGE 2010, a Assembleia de Deus possuía 12.314.140 pessoas e a Congregação Cristã do Brasil 2.289.634 pessoas.

sem nenhuma educação formal. Dessa maneira, a condição estável, de entender o sentido da vida, inclusive religiosa, passa por um trauma geográfico-temporal que precisa se adaptar as lentes dos novos habitantes das metrópoles. “A vida metropolitana produz um deslocamento generalizado na vida dos migrantes de ontem e de hoje, que vão compondo suas massas periféricas, [...]” (PASSOS, 2000, p.123). Para melhor compreensão, cabe entender como a dimensão geográfica-social decorrente da metropolização provoca a expansão plural de experimentações culturais e sociais, além de causar um mal estar nas populações segregadas que se encontram sem vínculos anteriores e sólidos de comunidade que proporcionam segurança nesse momento de vida.

Fica claro que o movimento pentecostal brasileiro se consolidou baseado nos caminhos tomados pelos fluxos migratórios de trabalhadores pobres. A compreensão sobre esse fenômeno social é tomada por sinais que fazem sentido quando olhado de maneira sistêmica na história religiosa brasileira. Ora, os protestantes clássicos idealizavam a razão para crer, em suma seguiam ordenamentos teológicos pietistas²³, enfatizavam a educação, moral conservadora, bons costumes e tinham no trabalho e seus resultados a testificação²⁴ de que aquilo tudo era para glorificar a Deus. O catolicismo era a religião legítima, dos oligárquicos e, exceto nos locais com forte catolicismo popular, já começara a ser questionado pela falta de assistência física e espiritual. Logo, os excluídos socialmente, com pouca ou nenhuma educação, sem representação política, advindos do êxodo rural para formação das grandes massas urbanas em busca de trabalho, constituíram em grande parte o fundamento do pentecostalismo brasileiro.

1.3 COMPLEXIFICAÇÃO DO CAMPO PENTECOSTAL NA PERIFERIA URBANA

As fronteiras de sociabilidade a partir dos pentecostalismos estão intrinsecamente ligadas a experiência com o Espírito Santo, seja através da glossolalia, exorcismo e milagres. Para o sujeito pentecostal o êxtase espiritual tem sentido não pelo significado ou teor, mas sim pela experiência. Ou seja, para compor um movimento religioso é necessário sentimento de pertença. Nos pentecostalismos o fator aglutinador são as experiências espirituais que também

²³ Movimento cristão protestante pós-reforma que preconizava por uma vida devocional individualizada buscando uma volta às práticas ortodoxas relativizadas por parte dos movimentos reformacionais.

²⁴ Expressão enfatizada na Bíblia, narrada como uma espécie de elo entre Deus e as pessoas que o invocam.

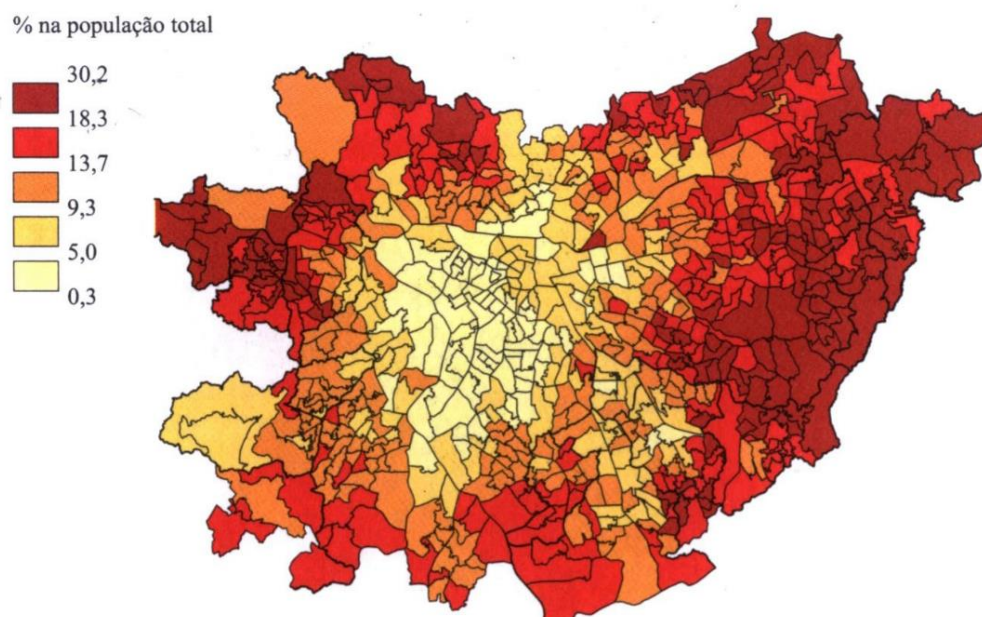
são tidas como incompreensíveis para quem não as vivenciou (RIVERA, 2001). Nesse sentido, temos além da identificação social, que teoricamente abrange as áreas éticas e morais dos sujeitos, a identificação espiritual, a qual além de gerar pertencimento ao grupo religioso passa a estreitar vínculos a ponto de os indivíduos desenvolverem atividades visando o interesse coletivo e não tão individualizado como nos estratos sociais mais abastados.

A respeito dessa temática, nos apoiamos em Noronha (2010), Barrera (2010) e Fajardo (2011), que constata em diferentes localidades periféricas da RMSP que os grupos pentecostais são constituídos, em sua maioria, por negros e pardos, pobres e com baixa escolaridade. Além disso, os autores comentam acerca da abundante oferta religiosa de cunho pentecostal e comentam como há uma volatilidade no pertencimento, pois, os sujeitos religiosos usufruem das redes tecidas a partir do consumo de bens religiosos.

A pesquisa dos motivos da pertença religiosa entre moradores da periferia urbana mostra dois aspectos importantes que podem ser lembrados aqui. Um é o de que a pertença religiosa de fato ameniza a exclusão do mercado de trabalho. O outro é de que especialmente os grupos pentecostais têm importante capacidade de inclusão social. O peso empírico desse dado não pode ser desconsiderado, mas, penso ser necessário chamar a atenção para as evidências de explícito utilitarismo dos benefícios objetivos da religião por parte dos moradores da favela. Em consonância com essa visão utilitarista e legítima da religião e de seus benefícios, as pessoas abandonam o grupo religioso quando as “coisas se acalmam” e o fazem sem remorso evidente nos depoimentos. (BARRERA, 2010, p. 73).

Para tanto, segue uma série de mapas referentes à cidade de São Paulo que exemplificam muito bem os perfis demográficos e socioeconômicos sobre quais realidades versamos antes:

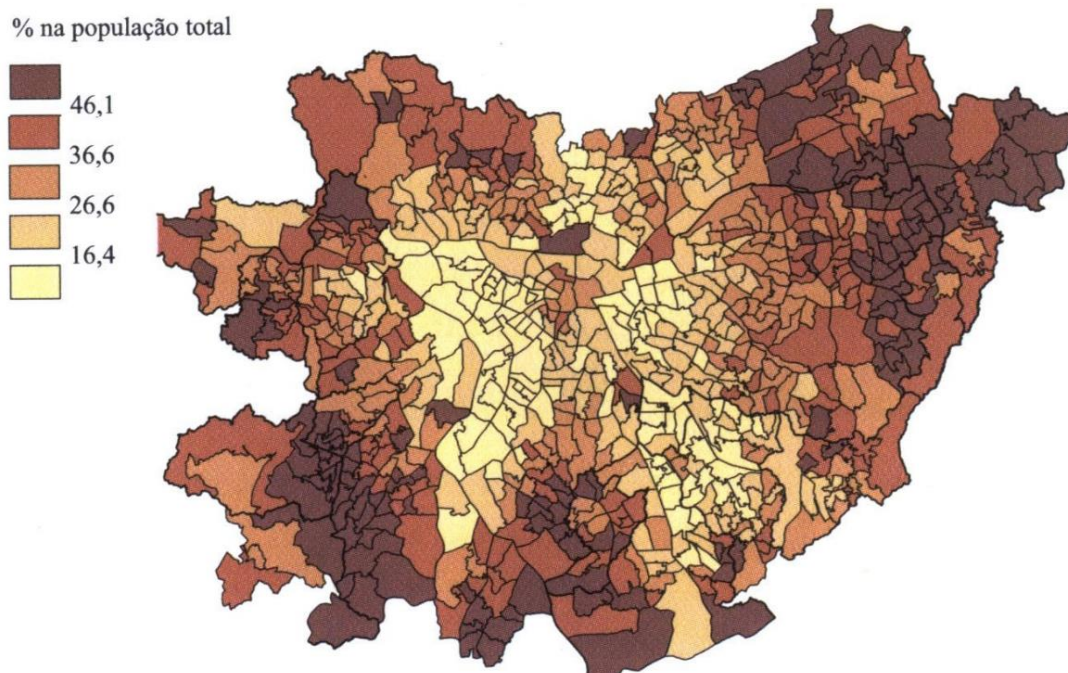
Figura 4 - Religiões evangélicas pentecostais



Fonte: JACOB et al, 2006.

Figura 5 - População de cor não branca

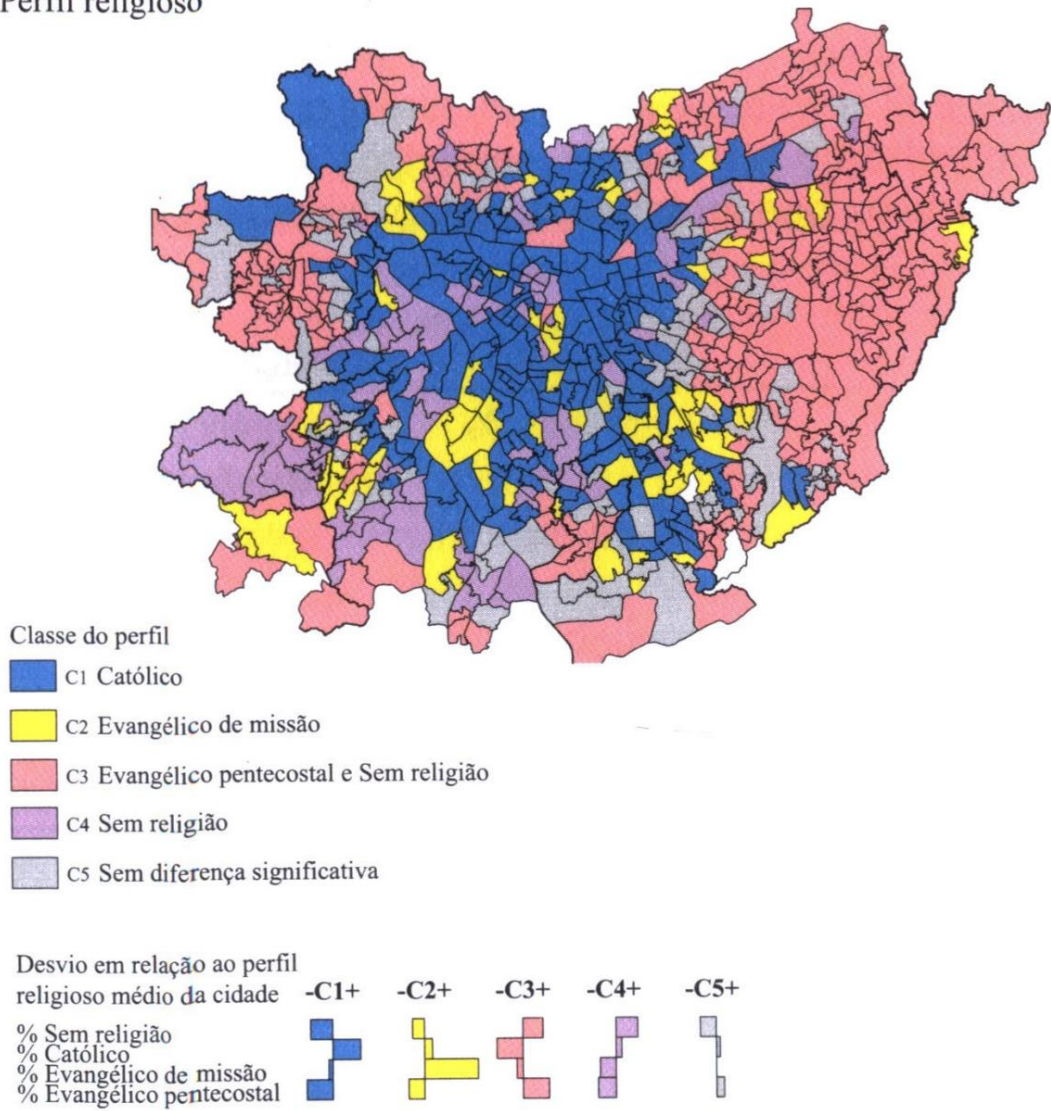
População de cor não branca



Fonte: JACOB et al, 2006.

Figura 6 - Perfil religioso

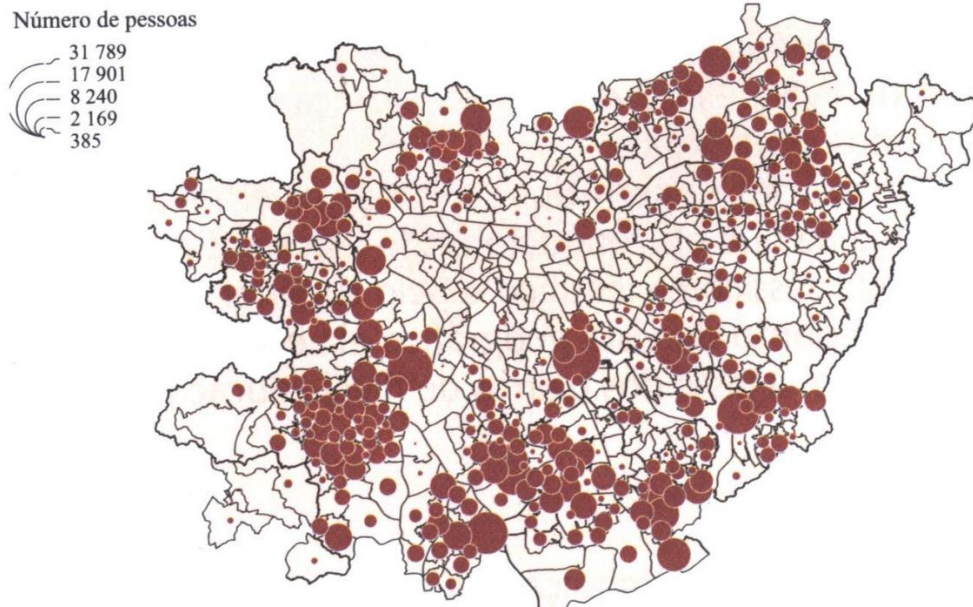
Perfil religioso



Fonte: JACOB et al, 2006.

Figura 7 - Aglomerado subnormal

Aglomerado subnormal*



* Favelas, mocambos, palafitas, invasões, malocas e assemelhados.

Fonte: JACOB *et al*, 2006.

Pelos mapas fica claro como os pentecostais na cidade de São Paulo habitam massivamente as periferias. Esse exemplo também exprime que negros, pardos e pobres compõem a massa pentecostal. Todas essas constatações demonstram a facilidade de aderência do pentecostalismo nas periferias das grandes cidades brasileiras, por seus sujeitos religiosos procurarem não só uma significação de vida, mas também laços de solidariedade associativismo civil, engajamento e principalmente o desejo de sociabilidade com outras pessoas e espaços no intuito de “espalhar a santidade bíblica pela Terra”²⁵ fazem sentido para o fiel pentecostal que se vê abandonado pelo Estado, acolhido pela Igreja e acaba impulsionado a fazer o bem pelos laços sociais (FAJARDO, 2013). Essa situação descrita que tem sido continuamente estudada, traz a possibilidade de novas pesquisas dentro do campo da violência, que são infinitamente reais e cruzam os caminhos de jovens segregados. Entretanto, trazemos à discussão uma fuga

²⁵ A sentença diz respeito a John Wesley, avivalista inglês e um dos fundadores do Movimento Metodista que mais tarde influenciaria no Avivamento da Azuza Street. Os pentecostalismos por chegarem a lugares e terem aderência onde poucos se atrevem a entrar tem se mostrado mais eficazes nas doutrinas wesleyanas que os próprios metodistas, encontrados preponderantemente nos estratos sociais médios.

desse binarismo entre *violência X evangélicos*²⁶, visto o crescimento dos pentecostalismos nas periferias com grupos criminosos que possuem códigos morais e lutam por justiça social tanto quanto igrejas pentecostais (SILVA, 2009, p. 48). Ainda nessa ótica, enfatizamos que uma análise psicossocial mais próxima dos sujeitos é uma importante ferramenta metodológica para observar os (re)arranjos pentecostais (HALL, 2005).

A respeito dos pentecostais, que, segundo os dados censitários, constituem a forma religiosa de maior crescimento nas últimas décadas, os estudiosos da religião enfatizam que crescem especialmente entre os mais pobres. Nas periferias de SBC encontramos os mais diversos pentecostalismos - cabe, assim, falar em um pluralismo pentecostal constituído por um leque de opções pentecostais que se oferecem aos indivíduos. (RIVERA, 2010, p.p. 60-61).

Observando esse aspecto de que os pentecostalismos continuam a serem disseminados pelas periferias urbanas brasileiras, vemos que há uma tendência de secularização também entorno de correntes religiosas com características mais conservadoras, como o caso das AD. Devido a transição tardia para o urbano, o rompimento de laços sociais sólidos, a constituição das periferias no período de industrialização e o desenvolvimento científico, que são fatores relevantes e que constatarem como a secularização periférica também está contida no pentecostalismo. Com isso, verificamos que essa junção provoca uma perda do poder religioso pelas autoridades eclesiais e abrem espaços para que os sujeitos percebam a religião, em especial as pentecostais, de uma maneira utilitarista. Ou seja, quando há demandas subjetivas ou circunstanciais as pessoas fazem o uso das redes religiosas para conexões.

Podemos inferir então que invariavelmente pentecostais continuarão a ganhar espaço nas periferias urbanas, porém quando remetemos a complexificação do campo pentecostal na realidade brasileira é preciso ter em mente que a religião enquanto forma e ética de vida não é vivida e experimentada como um indivíduo pertencente ao protestantismo clássico. Não que os sujeitos religiosos vinculados aos pentecostalismos não consigam ou não queiram seguir a rigor as orientações ético-morais eclesiais, mas como falamos sobre pentecostais em situação de pobreza, localizados em regiões periféricas, o que está de fato em jogo é a sobrevivência.

²⁶ Nossos olhares não evidenciam os recentes estudos acerca da conversão de chefes do tráfico aos pentecostalismos, sobretudo no Rio de Janeiro, que conta já com pesquisas avançadas (VITAL DA CUNHA, 2008; 2009. TEIXEIRA, 2011; 2013). A problemática demonstra que há uma imposição de um código ético-moral para moradores de comunidades dominadas pelas forças do tráfico, causando uma série de problemas relacionados a intolerância religiosa, especialmente às religiões de matriz africana. A Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Rio de Janeiro, criou o “disque-intolerância” com a intenção de receber denúncias de situações em haja agressão à liberdade de credo. < <https://www.oabrj.org.br/noticias/comissao-cria-canal-denuncias-casos-intolerancia-religiosa> >

1.4 PENTECOSTALISMO NA PERIFERIA URBANA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E O BAIRRO DO DER

Após a explanação da aderência do pentecostalismo às regiões periféricas das grandes cidades brasileiras, entendemos que a diversidade é uma característica marcante dessa vertente religiosa. Sobretudo, no que diz respeito a adaptabilidade das igrejas de acordo com os sujeitos religiosos que as frequentam, passemos então a entender melhor sobre a situação em São Bernardo do Campo. O Censo 2010²⁷ apontou um total de 95.157 pessoas pentecostais na cidade e desse total 34.223 são declarados pertencentes à Assembleia de Deus. Ou seja, São Bernardo do Campo possui pouco mais de 12% de população pentecostal, compostos pela maioria de pessoas brancas, assim como o município.

Ao delinear nosso estudo descreveremos como bairro do DER é fonte de conhecimento, cultura e pensamentos que mostram bem a realidade de uma região tão assolada por problemáticas comuns às periferias urbanas. Distante cerca de 1km do Centro de São Bernardo do Campo, está localizada as margens da Via Anchieta no sentido São Paulo. As construções irregulares, sem quaisquer regras edilícias chamam a atenção por contrastarem com a paisagem urbana, principalmente ocupada por prédios e galpões. Lembrando que ao longo da rodovia estão instaladas grandes multinacionais como Volkswagen, Mercedes-Benz e Scania, que revelam o poderio econômico do capital liberal e influenciam diretamente nos desenhos arquitetônicos, porém usualmente em benefício próprio.

O bairro do DER sofre bastante com o abandono estatal, sobretudo com relação à violência. Por estar próximo ao centro da cidade, o tráfico de drogas é visto como algo “normal”, mas que causa temor em seus residentes, especialmente na área não urbanizada da favela, por ser cortada por estreitas vielas e sem iluminação pública, muito menos conta com acessibilidade ou calçamento. Sobre isso, algo nos chama a atenção, pois o Núcleo DER – como é denominado pela Prefeitura de São Bernardo Campo - passou por dois períodos de urbanização, os quais buscaram transformar a favela em “cidade legal”. Todavia, a comunidade com 70 anos, surgida devido à negligência estatal permanece sem estar totalmente urbanizada e segue marginalizada e excluída para dilatar as diferenças sociais e colocar os pobres em seu devido lugar (BARBOSA, 2018).

²⁷ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-bernardo-do-campo/pesquisa/23/22107?indicador=22283&ano=2010>

Ainda sobre as características do local de nossa pesquisa, baseada em BARBOSA (2018), notamos que há uma predominância das igrejas pentecostais consolidadas pela força de migrantes e que compartilham de redes de associativismo presentes nos estudos de BARRERA (2012) e NORONHA (2015). Os problemas de baixa escolaridade, alta densidade populacional, a quase inexistência de equipamentos públicos, etc. são similares à realidade de outras favelas pelo Brasil, porém, como dito anteriormente a proximidade com o centro da cidade denota um menor grau de estigma em relação a outras favelas do município, sobretudo para os residentes da parte urbanizada.

(...)é notório que os moradores do DER são melhor prestigiados que os moradores da favela do Areião, por exemplo. Estes estão melhor localizados, mais próximos aos equipamentos públicos, as creches, aos hospitais, aos meios de transporte coletivo, ao próprio parque industrial e de serviços, aumentando assim sua empregabilidade e oportunidades de usufruir da rede pública. Aqueles, os moradores do Areião, estão há kms de distância dos corredores comerciais mais centrais da cidade, longe do aparato estatal, portanto. Uma empregada doméstica que more em uma das favelas do distante Bairro do Alvarenga, por exemplo, e que tenha que tomar duas conduções para trabalhar em região onde haja demanda para absorver seus serviços, certamente tem menos chances de concorrer a uma vaga de trabalho com quem more na favela do DER, vez que, a despesa de locomoção do empregado há de ser legalmente custeada pelo empregador (o empregador quer sempre baratear os custos de mão de obra); mesmo como moradoras de favela, são, portanto, detentoras de capitais sociais e econômicos distintos. (BARBOSA, 2018, p. 88-89).

Outras informações a respeito do bairro do DER, versam sobre a complexa trajetória de surgimento até hoje. Mesmo sabendo que a Favela do DER foi a primeira do ABC Paulista e quando foi consolidada ainda não era tocada pelo centro de São Bernardo do Campo, com a industrialização tardia por intermédio do polo automobilístico, o bairro do DER cresceu vertiginosamente. Apesar de não termos dados estatísticos específicos, o centro se expandiu por conta da migração acentuada de trabalhadores em busca de melhores condições de vida. A partir desse contexto, o bairro do DER tomou forma de maneira desordenada, sem estrutura e planejamento.

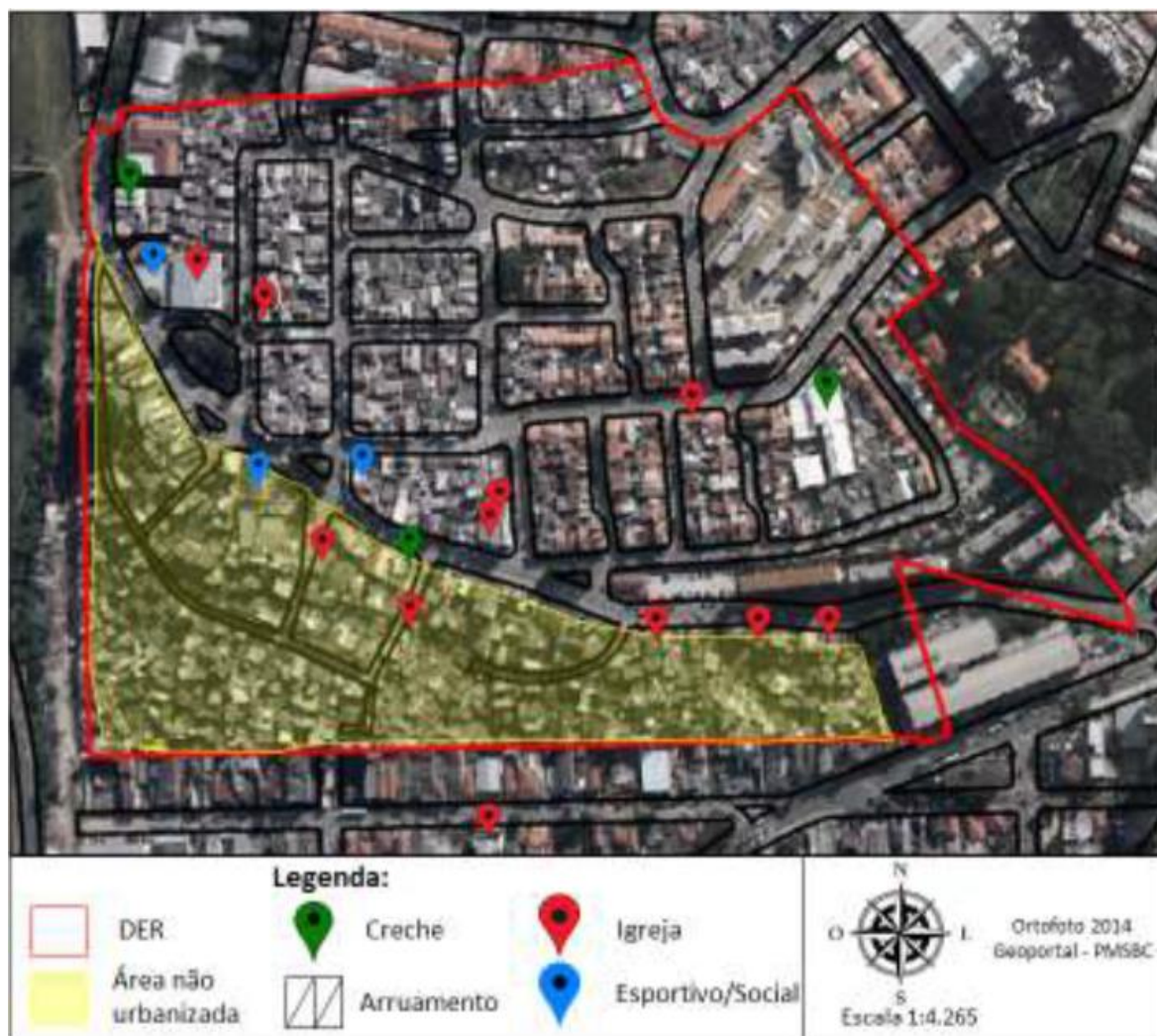
Após esse período de latente crescimento populacional, devido ao fator político-econômico, que influenciou diretamente para o adensamento populacional da RMSP, o Estado ao perceber que seu poderio estava defasado no bairro DER, no fim dos anos 1990 decidiu por urbanizar a favela. Todavia, o bairro não fora completamente urbanizado, o que causa uma situação dicotômica entre os próprios moradores. Tanto que Barbosa (2018) em algumas entrevistas²⁸ revela as diferenciações internas que os residentes fazem, como por exemplo o

²⁸ Cf. BARBOSA, 2018, p. 112.

serviço de *delivery* funcionar somente para a parte urbanizada. Demonstrando assim, que ainda há um estigma e desconforto entre os moradores da parte não urbanizada. Toda essa tensão psicossocial e geográfica fica mais latente, quando entendemos que a favela é cortada pela Rua Maria Adelaide Quelhas e que a mesma divide a parte urbanizada e não urbanizada, ressaltamos essa especificidade do bairro do DER por estar próximo ao centro, sobretudo quando pensamos que próximo dali há uma gama de serviços públicos e de comércio, que não há em outras periferias de São Bernardo do Campo.

Sobre a figura 8, nos interessa reproduzir o mapa, para que fique claro como as duas partes da favela do DER estão separadas e de um modo quase que “natural”, de acordo com o traçado da via, estigmatiza uma parcela da população do bairro, inclusive muitos membros da IEADMSBC moram do lado não urbanizado. Outro ponto de destaque, é sobre como as vielas da parte não urbanizada são características marcantes desse lugar e como as residências construídas nesses lugares não seguem regras de construção, já que é uma parte sem a participação estatal esperada.

Figura 8 - Bairro DER



Fonte: *Barbosa, 2018, p.60*

1.4.1 IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO SÃO BERNARDO DO CAMPO DO BAIRRO DO DER

A IEADMSBC no Bairro do DER em São Bernardo do Campo, possui hoje cerca de 300 membros e está localizada na principal via do bairro. Desfruta de local privilegiado, por estar no meio da favela, servir de ponto de referência e ser lembrada pela vizinhança desde o início da década de 1960. Fundada principalmente por migrantes que vieram para construção da Via Anchieta, a Igreja do DER pertence ao Setor 5 que é composto por sete congregações, de acordo com a divisão interna do Ministério São Bernardo do Campo. Uma comunidade de fé muito receptiva que sempre esteve aberta a participar do estudo e a fornecer informações quando requisitada.

Por motivos hierárquicos, não conseguimos obter acesso direto a documentação histórica da congregação, como atas e livros de registro, pois todos esses registros encontram-se no Templo Sede. Todavia, com um dos entrevistados obtivemos o Estatuto Reforma (2013), documento que ampliou nossa percepção sobre a quantidade informações e que também rege a igreja e dá respaldo jurídico para toda a membresia. De acordo com Costa (2011)²⁹, a IEADMSBC possuía cerca de quinze mil membros, em alguns estados da federação, como Goiás, Pernambuco, Minas Gerais e Bahia. Em sua pesquisa de cunho quantitativo sobre o trânsito e recomposição das formas religiosas, o autor traça um perfil que considera desde o perfil por idade da sua amostra, renda, tipificação por raça/cor e também a origem de migração dos sujeitos religiosos.

A Igreja do DER não foge às estatísticas por visualmente possuir um número maior de mulheres comparado aos homens, tanto que acontecem encontros semanais somente para as mulheres. Com relação aos Departamentos Auxiliares do Ministério São Bernardo do Campo, a Mocidade Unida Pentecostal (MUP) do DER tem atuação marcante junto ao bairro, já que realizam evangelismo pelas ruas uma vez no mês, com uma proposta proselitista e de conhecerem pessoas que não são convertidas.

Ainda sobre a MUP do DER, o grupo musical é o Louvor Celeste, que ensaia todos os domingos após a Escola Bíblica Dominical para cantarem no culto vespertino. Esse momento de prática musical serve como meio de regulação moral e também como mais uma possibilidade de socialização dentro dos limites entendido como “seguros” da igreja. Para que tudo funcione muito bem, as músicas são repassadas anteriormente ao grupo, para que os mesmos escutem e venham previamente ensaiados. Nesse sentido, esse “compromisso” com as tarefas da igreja, servem também como aspecto disciplinar, por ressaltarem o comprometimento com o Reino de Deus e que o crente deve fazer isso.

O aspecto hierárquico é característica marcante do pentecostalismo e não seria diferente na Igreja do DER, tanto que é notável a seriedade com que os membros tratam o pastor local. A partir disso foi possível captar como o prestígio é necessário para consolidar o poder religioso local no intuito de administrar e regular as relações internas da comunidade de fé. Com o corpo de obreiros e diáconos constituído somente por homens e posicionados estrategicamente nas entradas e laterais do templo, não só com a intenção de “interceder em oração” durante os

²⁹ Cf. COSTA, 2011, p. 46.

cultos, mas também de ajudar a supervisionar o público, já que esses homens possuem reuniões recorrentes com o corpo pastoral.

A IEADMSBC tem adotado uma nova estratégia para lidar com problemáticas seculares que compõe o cotidiano da igreja. A inovação é por meio de um curso oferecido pela Igreja Sede chamado, Teologia Teen e Kids que durante a pesquisa contava com cerca de 60 matriculados, segundo informações do Pastor Local. Essa dinâmica de estudos é propositalmente pensada para enfrentar as necessidades advindas do hiperconsumo informacional que tem invadido as igrejas. No caso do pentecostalismo, a preocupação é maior ainda, já que há uma busca por teologias moralizantes e que ordenem sentido para os fiéis.

Tanto que a IEADMSBC deixa bem claro em seu Estatuto Reforma, que é contra o aborto, eutanásia, união ou casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ou seja, as definições seguras e previamente estabelecidas com a intenção de delimitar quais serão os parâmetros ético-morais de seu membro. Na Igreja do DER é notório que há um alinhamento de pensamento em relação a temáticas “polêmicas”, principalmente quando os pastores, professores de escola dominical e principais líderes, quase sempre exemplificam a doutrina cristã em confronto e oposição a cultura “do mundo”. No tempo de investigação, notou-se que houve muito mais ênfase no que os crentes estão lutando contra, do que propriamente no que podem fazer para mudar a realidade.

Podemos inferir que há então algumas proposições regulatórias, como o medo, a moral, compromisso e serviço para com Deus. Todos esses elementos são importantíssimos para compor um campo ideológico que necessita de uma oposição concreta, ou seja, um inimigo em comum. Não sugerimos que igreja não possa utilizar as narrativas que versam acerca de um “inimigo das almas”, porém soa estranho em alguns momentos, pois as pessoas devem estar quase o tempo toda sendo reguladas e de alguma maneira supervisionadas. Tanto que, ao participar de momentos informais, alguns membros sugeriram trabalharem juntos ou próximo um do outro. Nesse sentido, os membros sofrem e constroem um processo regulatório moral em alguns momentos exacerbado, entretanto buscam se ajuntar e ajudar quando necessário, com a intenção de formarem verdadeiras redes de solidariedade.

2 JUVENTUDE E RELIGIÃO NO BRASIL

A proposta deste capítulo é de abordagem substancial que dê sustentação teórica a temática e ao campo pesquisado. Ora, discutir sobre juventude e religião no contexto brasileiro, especificamente tratar as juventudes periféricas alinhadas ao pentecostalismo clássico, que sofre com todas as influências de redes sociais no mundo digital e os ventos secularizantes não é uma tarefa fácil. Todavia, nosso intuito aqui é discutir, problematizar e demonstrar como as releituras das juventudes no campo religioso, sobretudo nas periferias são chaves hermenêuticas relevantes para a vivência coletiva em espaços que refletem a parcialidade estatal e a força do sistema econômico-político que oprime e estigmatiza.

2.1 JUVENTUDE: CONCEITO E POSSIBILIDADES

Além dos pontos destacados antes, sob extensa pesquisa teórica, optamos por veicular uma forma ampla de pensar juventude, de modo a utilizarmos *juventudes* (NOVAES, 2007). Nosso intuito com isso é deixar claro que dentro um mesmo grupo jovem, que possua idades, aparato cultural e experiências religiosas similares, ainda sim podem ser categorizados como juventudes. O enfoque nisso é por entender que as identidades e singularidades oriundas de um grupo social, especialmente um grupo jovem, pode levantar perspectivas completamente difusas. Nisto, vemos que Bourdieu (1983) contribui por questionar a legitimidade social por meio da estratificação etária, de modo que isso se transforme em um recurso sociológico para desmistificar o *status quo*, fazendo com que se entenda que a realidade social diz respeito muito mais ao que isso significa e como esses atores sociais fazem para pertencer a determinado grupo.

A demonstração de que a categoria *juventudes* é alinhada ao contexto sócio-temporal, evidencia-se pelos estudos relacionados à juventude serem tratados com cuidado acadêmico a partir do início do século XX, o que já revela o quanto a temática remete ao período de industrialização na face ocidental do globo, esfacelamento das relações sociais comunitárias e quebra de paradigmas políticos em âmbito estruturais correlacionados à modernidade, como a primeira grande guerra mundial. (PINTO, 2012).

Sobre a modernidade, devemos tecer argumentação clara e eficaz, no intuito de compreendermos com que período histórico e quais tipos de ideais filosóficos ordenam essa construção sociocultural. Existe uma preocupação com relação a esse ponto, pois a

modernidade (re)ordenou sentidos e conferiu valores a coisas e situações que até então não eram muito relevantes. Justamente por isso, enfatizamos que a modernidade *é* ou *foi*³⁰ um período que questionou dogmas, validações religiosas e proposições de fé que antes baseadas em revelações divinas e/ou relações com o metafísico e passam a ser provadas e criticadas sob o crivo científico, trabalhando a partir de métodos de análise e experiências empíricas.

Dado o panorama histórico de maneira sintética, passemos então discutir, num primeiro momento sobre a questão epistemológica, para que fique claro como esse fator psicossocial imprime subjetivamente no indivíduo uma série de ações, que operam objetivamente, que nem sempre estão conectadas diretamente ao meio dos sujeitos. Por exemplo, a maneira de consumir de cada indivíduo influenciada por diferentes mídias. Com isso nota-se que o convívio social e a qual tipo de informação o indivíduo tem acesso, está intrinsecamente ligado às apreensões e expressados objetivamente de acordo com a necessidade de integração ao meio.

Essa dinâmica de conhecimento e experiências selecionadas para objetivação que é realizada por meio de ações, denota que o indivíduo, especialmente o sujeito religioso, dispõe suficientemente de capacidades não quantificáveis, para compreender, analisar e interpretar sua própria condição. Tanto que, o vínculo religioso é construído de maneira interdependente com outros fatores, como classe social e/ou afinidade comunitária. Nesse sentido, entendemos que o aspecto epistemológico não só é decisivo, mas exerce função determinante. Pois, atua em consonância com a subjetividade e as particularidades presentes no universo social do mesmo. Esse jogo altamente interativo traz consigo muitos questionamentos, que somente fazem sentido quando trabalhados de acordo com a realidade social do indivíduo. Ou seja, o lastro cultural, as experiências adquiridas e vividas, são os insumos necessários para identificação da carga epistemológica do indivíduo.

Quando fazemos o exercício de tentar entender e interpretar as raízes epistemológicas do sujeito, devemos considerar discussões que perpassem os campos ideológico, cultural, político e histórico. Ou seja, fatores totalmente influentes que em algum momento operam sobre o indivíduo, a ponto de questionar seus valores introjetados ou até mesmo ressignificar toda sua dinâmica de vida, decorrente dos fatores anteriormente comentados. Portanto, compreender, analisar e realizar as conexões necessárias com a realidade do sujeito religioso, são ações

³⁰ Não há um consenso científico sobre quando se iniciou ou acabou a Modernidade. Sabe-se que a constituição dos Estados Nacionais, revogação do direito divino e a sistematização de ideias de maneira pré-científica, enunciam esse período tão discutido e controverso, no qual se baseiam inúmeros estudos, inclusive a possibilidade de uma pós-modernidade. Caracterizada por fluxos identitários, exploração inconsciente do ser humano, efemeridade comportamental causada pelo hiperconsumo advindo do capitalismo global e massivo.

eficazes para destrinchar de maneira empírica o enredo de vida. Justificamos essa breve explanação acerca da epistemologia, por entender que existem maneiras diferentes de pensar juventude, e essas decorrem das complexas relações em que a carga epistemológica se manifesta.

Assim, um dos pontos de dificuldade para interpretar a relação sobre a temática da juventude é que os apontamentos teóricos relacionados ao tema decorrem de uma complexidade que legitimam, questionam e interagem de maneira dinâmica conforme as sociedades vão se modificando (CASTRO, 2002). Isso causa dissidências em torno da categorização e passa a estabelecer limites para “o que é” e “o que não é” juventude, fazendo com que a interpretação histórica, sociológica e psicológica dependa de balizas etárias e não propriamente dos contextos e histórias de vida. Nesse sentido, a discussão teórica sobre juventudes ganha força ao gerar paradigmas provenientes de tentativas reducionistas, que subvertem a própria lógica do grupo social enquanto força motriz modificadora (NOVAES, 2006). Por isso, para haver coerência entre pesquisa e abordagem teórico-metodológica, nosso alvo aqui é por uma sociologia da juventude vinculada ao aspecto subjetivo do indivíduo e qualitativo na investigação.

A proposta, que se deve pensar é a possibilidade de se construir uma teoria da juventude que realce as diferenças que circundam este conceito e, mais do que isso, que reforcem as singularidades presentes no estudo sobre este grupo. Torna-se, portanto, necessário pensar em correntes teóricas que compreendam a juventude como uma categoria social determinada por valores e sentimentos de proximidades, como também verificar os elementos de distanciamentos que existem neste grupo. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2017, p. 73).

Para exemplificar e tornar mais sólida nossa argumentação para com nossa abordagem, queremos discutir a respeito da delimitação da juventude em um grupo homogêneo. Pois, especialmente no Brasil, por proporções culturais, geográficas e até mesmo climatológicas, os comportamentos juvenis são altamente complexos. Em suma, queremos trabalhar não com estereótipos, mas como um conceito abrangente que considere primeiramente o fator histórico-social e a função das juventudes na sociedade brasileira (NOVAES, 2007). Essa fluidez conceitual serve não para enfraquecer nossa hermenêutica, todavia para evidenciar que há um paradigma preconceituoso que marginaliza e deturpa a capacidade dos jovens. Encaramos as subjetividades como características intrínsecas que compõem os indivíduos, todavia quando os atores sociais, no caso os adultos, não encaram, muito menos admitem a juventude enquanto sujeitos de sua própria história, a tendência é de não valorização e homogeneização, para enquadrar perfis numa disputa de forças operadas pelo inconsciente social.

Essa posição adultocêntrica baseada em uma queda de braço cultural, cuja intenção é de restringir a autonomia juvenil, nessa arena de embates culturais e ideológicos, foi herdada sobretudo das questões relacionadas ao patriarcalismo e virilidade (MARGULIS & URRESTI, 1996). Nelas eram levadas em consideração muito mais o aspecto biológico, que o cultural, fazendo com que a condição de jovem não houvesse significado para o próprio sujeito. Ou seja, descaracterizando o indivíduo somente por sua idade e imputando um papel social completamente dissociado ao que o sujeito almejava. Nota-se que o condicionamento do desempenho social das juventudes, sempre esteve previamente definido pela simples condição do adulto ser o grupo social culturalmente detentor do capital moral. Ou seja, definições exclusivamente biológicas e geracionais não são cabíveis para fundamentar conceituações muito mais ligadas às condições sócio-históricas.

A referência de enxergar as juventudes sob um prisma geracional é contraditória do ponto de vista sociológico. Ora, jovens então seriam um grupo com idades mais ou menos parecidas, que desempenham papéis de questionadores da sociedade e não cumprem com suas responsabilidades? Entretanto, essa lógica infundada tem origem em uma ótica extremamente conservadora que não considera a dinamicidade da história cultural, em busca de manter intacto os “estamentos” sociais, já que quebrar paradigmas é algo caro, sobretudo no âmbito religioso. Ainda mais quando olhamos para o presente, no qual as juventudes tem acesso a uma gama informacional e globalizada em velocidade nunca experimentada. Ou seja, os comportamentos até então cristalizados e esperados pelos adultos são ressignificados não somente em decorrência da cultura transmitida verticalmente, mas principalmente pelo consumo de informações por meios dos mais variados geradores de conteúdo. Portanto, manter um modelo social que diz quem o ator social é, como esse deve pensar e até mesmo quais questionamentos se deve fazer, não contribui com a sociedade, além de criar uma dependência do *status quo* tão somente pelo fator etário. Seguindo um raciocínio lógico infere-se então que haverá um enfraquecimento das subjetividades e conseqüentemente um enrijecimento estrutural da sociedade, privando o jovem, especificamente o jovem negro e de periferia, de mudanças almeçadas por ele até dentro de microrrelações.

A juventude é como um espelho retrovisor da sociedade. Mais do que comparar gerações é necessário comparar as sociedades que vivem os jovens de diferentes gerações. Ou seja, em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam as vulnerabilidades e as potencialidades das juventudes. Os jovens do século XXI, que vivem em um mundo que conjuga um acelerado processo de globalização e múltiplas desigualdades sociais, compartilham uma experiência geracional historicamente inédita. (NOVAES, 2007, p.2).

No contexto social, histórico e cultural, a juventude não pode ser entendida apenas como uma condição biológica e geracional, mas como uma definição cultural. A juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade (MELUCCI, 1995). Deste modo, a juventude é conceituada, em termos mais abrangentes, como um período do ciclo da vida de sujeitos de uma dada sociedade e, que passam a ser caracterizados em relação as suas inserções e condições sociais, históricas e culturais específicas. (BOGHOSSIAN & MINAYO, 2009). (PINTO, 2012, p. 48)

É fato que a sociedade brasileira, como outras, entende em diversos momentos, a juventude sob um prisma negativo, pois são pessoas que requerem seus espaços sociais, muitas vezes por meio de questionamentos ao *status quo* geracional, sem arcar com responsabilidades socialmente impostas. Em contrapartida, temos o aspecto que suscita muitas discussões, inclusive sobre políticas públicas destinadas aos jovens, que é a respeito da vulnerabilidade desse público. Esse recorte remete em muitos momentos à necessidade juvenil de trazer o foco para si, enquanto protagonista da sua própria vida, todavia por meio de caminhos que transgridem a ordem social vigente e põe a prova o aparato jurídico e político da sociedade brasileira. Ou seja, a expectativa de jovens que violam regras é normatizada, porém este segmento social se torna mais suscetível a problemáticas como drogas, violência e delinquência, principalmente quando falamos de jovens negros de periferia.

Observando essa perspectiva e visualizando um dos papéis da juventude no contexto social, numa abordagem sociológica, entendemos a juventude como força motriz para mudanças. Ou seja, o perfil questionador dos jovens acontece de maneira articulada ao contexto histórico-político por dispor de habilidade para questionar. Nesse sentido, apontamos que as realidades sociais das culturas juvenis são distintas, entendendo assim que essa pluralidade de identidades é vivenciada e experimentada de acordo não só com a classe social, mas também pelo momento histórico. Em suma, o termo juventude, como conceito sociológico, traz consigo uma carga totalmente interpretativa co-relacionada ao tempo e contexto social. “A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p.8)

Em suma, temos consciência não só pela pesquisa teórica e empírica, mas por própria experiência, da volatilidade histórico-cultural do conceito de juventudes. A discussão pode se estender para benefício dos debates acadêmicos, porém, em algum momento, como pesquisador, será necessário optar por uma vertente teórica que consiga explicar a transitoriedade desse momento. Por enquanto nosso foco também não é tratar sobre cidadania, nem a respeito de ações afirmativas por meio das políticas públicas voltadas ao público jovem.

Todavia, esse percurso é necessário no aspecto informacional e científico, para enriquecimento do debate acerca de questões tão presentes no cotidiano das grandes cidades brasileiras.

2.1.1 PROBLEMÁTICAS DE RAÇA E COR DAS JUVENTUDES POBRES

Ao pensar que até mesmo o IBGE delimita o período da juventude de acordo com a faixa etária, nota-se que há uma delimitação para atender demandas que visam contemplar um estrato social por meio de políticas públicas, programas de desenvolvimento social e ações afirmativas direcionadas para jovens, por exemplo. Para tornar claro nosso entendimento, não questionamos a necessidade de estratificação que envolve uma segmentação estratégica que de fato é necessária para articulação de vários setores da sociedade. Entretanto, quando essa divisão não se articula com os subjetivismos, regionalismos e muito menos com as transformações sócio-históricas, torna-se improvável a execução de uma política pública ou o fomento de programas para juventude. Pois, a força estatal ou privada, mostram-se ineficazes enquanto pontos de contato que contribuam de fato com a mudança social, especialmente para os jovens.

Nesse sentido, devemos com bastante atenção olhar para como a questão da relevância da força de trabalho do jovem é necessária para o crescimento, não só populacional, mas também econômico do Brasil. De acordo com pesquisa do IBGE, o desemprego entre jovens de 18 a 24 anos, chega a 40% em alguns estados da federação³¹, ocasionando em prejuízos a longo prazo para o país, principalmente no sistema previdenciário que depende e muito da contribuição contínua de jovens a longo prazo. “Jovens menos qualificados comprometem a produtividade do Brasil, diminuindo ainda mais o potencial de crescimento da economia, e também produzem uma pressão adicional para as contas públicas.” (GERBELLI; CAVALLINI. 2019). Essas problemáticas delatam que a estigmatização e precarização das condições de vida das juventudes, em especial as periféricas e numericamente negras, são as que mais sofrem violências indireta e diretamente.

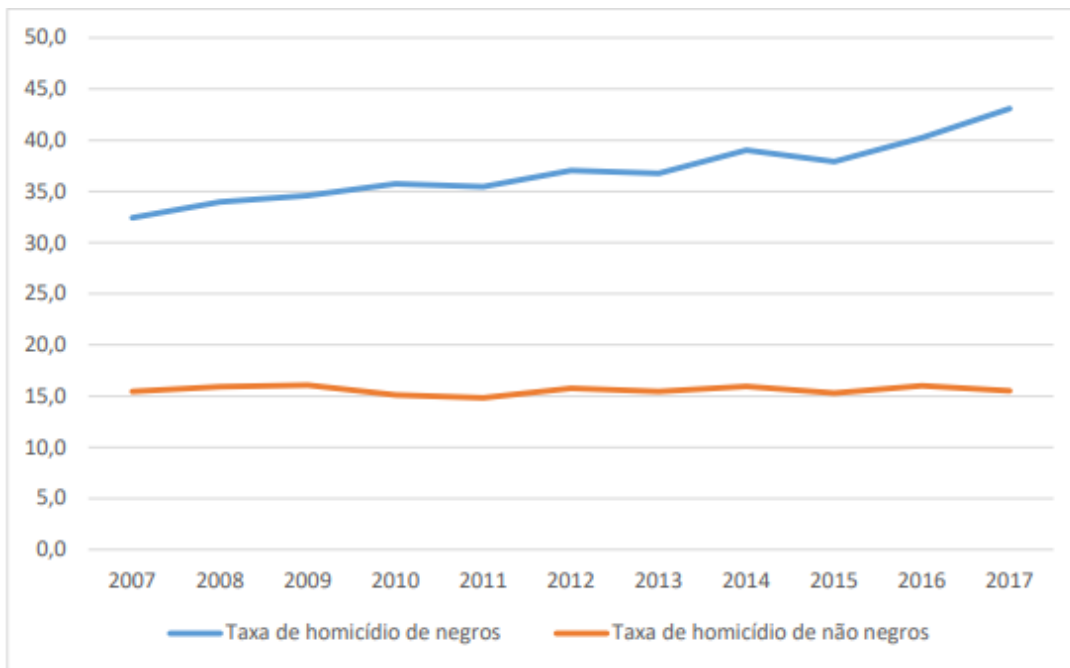
Outro dado a refletir sobre a questão da vulnerabilidade das juventudes, está contida na recente pesquisa do anuário do Atlas da Violência 2019³², que demonstra veementemente como

³¹ <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/06/21/jovens-sao-os-mais-afetados-pela-piora-do-mercado-de-trabalho-e-comprometem-futuro-da-previdencia.ghtml> >

³² <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/atlas-da-violencia-2019/>>

ser negro no Brasil é uma condição crítica, que inspira autocuidado, dadas as altas taxas de letalidade contra as populações negras, que em suma estão localizadas nas periferias.

Gráfico 1 - Taxas de homicídios de negros e de não negros a cada 100 mil habitantes destes grupos



Fonte: Atlas da Violência 2019

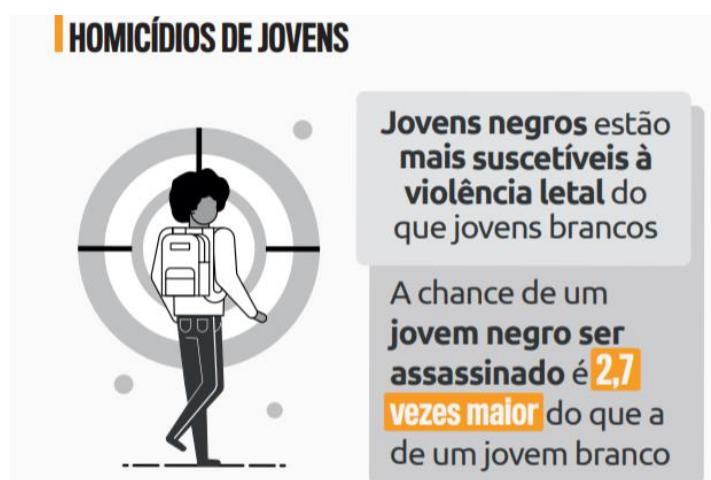
Partes de infográficos disponibilizados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no Atlas da Violência 2019 escancaram a calamidade em ser negro e negra em nosso país.

Figura 9 - Estatística de desigualdade social



Fonte: 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública

Figura 10 - Homicídios de jovens



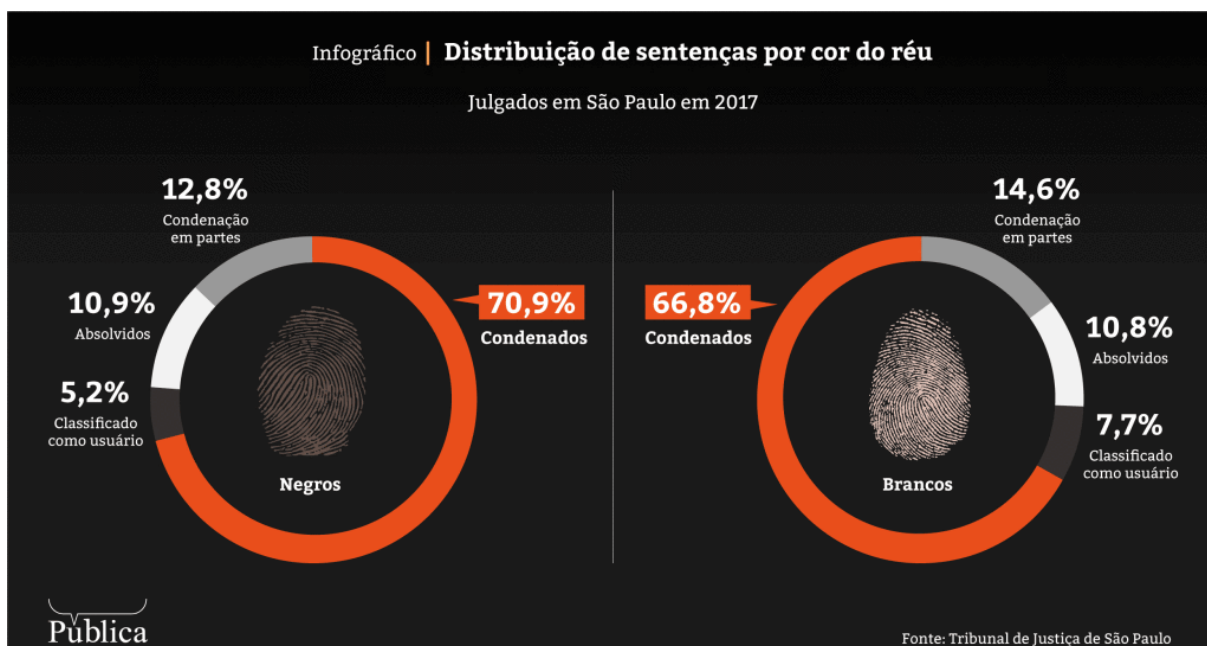
Fonte: 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública

Os números realçam a parcialidade estatal ao não combater mortes de pessoas menos favorecidas economicamente e revelam que a condição sócio-racial é fator para desumanização de relações, a ponto de não considerar determinados grupos como possibilidades mercadológicas. Ou seja, o projeto neoliberal de “hiperadensamento” (DAVIS, 2006) e constituição de cinturões de pobreza nas grandes cidades denotam a perspicácia velada do sistema político-econômico em garantir direitos somente para brancos e dos estratos médios (CALDEIRA, 2000).

Ainda sobre como ser negro no Brasil é viver perenemente em risco, um estudo³³ de 2017 divulgado pela Agência Pública detalha as entranhas do racismo estrutural brasileiro com relação a apreensão de drogas e condenação por esses motivos. Com dados oficiais do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que por sinal são estarrecedores e que fazem jus a realidade da sociedade brasileira, na qual brancos possuem uma superioridade de privilégios em relação aos negros, é possível perceber o alto índice de condenação de negros quando flagrados com drogas, muitas vezes com menor quantidade do que brancos.

³³ < <https://exame.abril.com.br/brasil/negros-sao-mais-condenados-por-trafico-e-com-menos-drogas-em-sao-paulo/> >

Figura 11 - Distribuição de sentença por cor do réu



Fonte: EXAME (2019)

Essas dissonâncias entre a forma de lidar com as populações negras e branca, estrutura ainda mais o racismo no Brasil. Os dados são alarmantes e cada vez mais segmenta o tecido urbano com relação aos lugares de brancos e negros. Quando analisamos estatísticas que trazem as classificações étnicas, lidamos com uma realidade que muitas vezes nem parece real, por ser tão agressiva e ter um perfil de higienização social. Esses dados não só denunciam a problemática étnico-racial como uma variável que é institucionalizada e apregoada em diversas camadas sociais. Revela também a precariedade estatal de pensar sobre uma grande parcela populacional, principalmente pela ausência de equipamentos públicos nas periferias urbanas. Ou seja, mais uma vez podemos interpretar que a precarização das condições de vida dos habitantes das periferias aliado ao discurso neoliberal de consumo, põe em xeque não só as possíveis oportunidades das juventudes periféricas, todavia endossam essas estatísticas massacrantes, fazendo com que a luta desses sujeitos seja simplesmente pela sobrevivência.

Tomando-se as informações de 2007, temos que 20% da população branca situava-se abaixo da linha de pobreza, enquanto mais do dobro, ou 41,7% da população negra encontrava-se na mesma situação de vulnerabilidade. No caso de indigência, a situação é tão ou mais grave: enquanto 6,6% dos brancos recebem menos ¼ de salário mínimo per capita por mês, esse percentual salta para 16,9% da população negra, quase três vezes mais. Isso significa 20 milhões a mais de negros pobres do que brancos e 9,5 milhões de indigentes negros a mais do que brancos (IPEA, 2008, p.33).

Sob essas estatísticas que comprovam que há um diagrama de forças que opera contra as populações subalternas, em especiais os jovens negros, pobres e de periferia, salientamos então uma cultura de privilégios para a população branca³⁴. Tendo como resultado, a laceração de famílias em situação de vulnerabilidade social, a perpetuação do estigma social decorrente da questão étnico-racial e o aprofundamento do abismo econômico entre brancos e negros. Solidificando o modelo econômico neoliberal e sujeitando os mais pobres a ocuparem as periferias urbanas já tão inchadas e sem estrutura.

2.1.2 SUBJETIVIDADE JOVEM

Sobre a força das juventudes como agente de modificação social, elas estão intimamente ligadas às hermenêuticas que os mesmos fazem dos territórios e enredos sociais. Ora, quando mencionamos ótica interpretativa, remetemos ao aspecto epistemológico. Entender relações juvenis no espaço e no tempo está intimamente ligado à condição epistemológica desses indivíduos. Ressaltamos a subjetividade, pois não pensamos que a vertente teórica que baseia-se numa visão geracional possa enxergar as peculiaridades concernentes às juventudes, tendo em vista os perfis altamente diferenciados que possam vir a compor um grupo jovem. Por isso, entendemos a juventude como um momento de alteração biológica, psicossocial e identitária cravada no tempo, relacionada à localidade habitada e/ou vivida.

Essa definição básica ilustra bem como muitos atores sociais relacionam-se com famílias, escolas, igrejas, espaços de convivência etc. A partir de memórias cotidianas poderíamos narrar episódios resultantes de experiências em algum espaço que ordene sentido às relações ali desempenhadas. Portanto, essas vivências podem ser expressidas teoricamente por meio de duas formas, a socialização e suas expressividades (PAIS, 2006).

Há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: através das socializações que prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas. A distinção entre estas duas perspectivas pode ser aclarada tomando a dualidade primordial proposta por Deleuze ao contrapor espaço estriado a espaço liso. O espaço estriado é revelador da ordem, do controle. Seus trajetos aparecem confinados às características do espaço que os determinam. Em contraste, o espaço liso abre-se ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de novas sensibilidades e realidades. (PAIS, 2006, p. 7)

³⁴ Esta noção de privilégios para brancos é um debate recorrente na sociedade, academia e até entre os meios de comunicação, tanto que as ações afirmativas em âmbito político e educacional para populações pardas e negras são taxadas de desiguais. Por considerarem muito mais o fator fenotípico que o econômico. Nesse sentido, há um embate teórico sobre a representatividade de negros e brancos durante a história do Brasil e como movimentos em momentos históricos diferentes, sentiram a necessidade questionar o *status quo* do branco, principalmente devido ao ocultamento e silenciamento de atores sociais negros na história do Brasil.

Ao traçarmos essas diretrizes teóricas, mais uma vez remetemos aos traços psicossociais como formas de compreender a socialização enquanto algo intrínseco, que decorre do cotidiano e se exemplifica nos vários espaços sociais. Por isso, esse tipo de experiência de vida é tão valorizado, por exemplo, em espaços conservadores, já que a ordem social é melhor mantida e conseqüentemente os obstáculos inerentes a vida serão menores. Isso fica bem claro quando alguns entrevistados afirmaram que a vida “na Igreja” é calma, segura, tranquila e que “no Mundo” é pura incerteza. Uma das hipóteses que levantamos com relação a essa não transgressão das regras religiosas diz respeito as dificuldades de mobilidade social que o jovem de periferia já possui. Ora, os jovens de estratos médios podem contar com certo subsídio, já que geralmente seus arranjos familiares são mais estáveis, o que abre possibilidade para trilhar caminhos que possivelmente levarão ao sucesso profissional, fazendo que esse grupo possa desfrutar de experiências que subvertem a ordem esperada (PINTO, 2012).

Nesse sentido, entendemos que a divisão social de classes é um fator externo que em algum momento coage a dinâmica de vida do jovem de periferia. Ou seja, este espaço estriado não só funciona como uma “normalidade” esperada, todavia, opera como uma ferramenta regulatória social que tende a (re)orientar as juventudes para que ocupem e socializem somente nos espaços sociais que lhes cabem. Mais uma vez fica latente que o estigma para com a periferia é tecido pelas classes hegemônicas e exprimidos desde as microrrelações sociais. Opostamente a esse caráter mais social, temos o espaço “liso”, que pode ser compreendido por ações mais subjetivas que revelam como o sujeito é dotado de razão para refutar as práticas esperadas.

Partindo do pressuposto que em algum momento o jovem demonstrará suas inseguranças pessoais, sentimentais e profissionais, pois isso faz parte da vida, possivelmente será nessa conjuntura que sua expressividade irá contestar os valores até então internalizados.

Sobre isso, Cardoso de Oliveira (2017, p. 83) destaca que

a juventude abre-se para o novo e para a construção de novas realidades que vão além do que já está determinado. É, pois, o mundo da incerteza e das possibilidades, um período que se abre para as novidades e para busca de novas sensações e percepções.

A tentativa por novidades que extrapolem as ações rotineiras tem um papel não só de interpelar as forças detentoras dos códigos morais, mas também de dar sentido ao processo de construção identitária dos jovens. A objetivação das expressividades que eclodem em meio aos embates são as provas que eles precisam para (re)definir seus caminhos de acordo com seus anseios.

A juventude guia-se por caminhos de incertezas, pois é através deles que se descobrem como sujeitos pensantes. É na contradição e no desajuste que ela encontra possibilidade de se revigorar socialmente, construindo caminhos alternativos ao que já estava determinado. Na visão de Pais (2006), o futuro da juventude estaria desfuturizado numa alusão à situação de incertezas em que se vive. Seus caminhos não são determinados aleatoriamente, esta encontra, na sua realidade social, a necessidade de participar ativamente como atores sociais na criação de sua própria identidade. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2017, p. 83-84).

A partir desse processo criativo que envolve uma série de elementos relativos ao cotidiano, vislumbramos a vinculação religiosa não só como um fator secundário, em suas dinâmicas de vida, que preconiza por certos comportamentos. Enxergamos também, como apoio de rede, sobretudo para a juventude periférica tão excluída dos processos constituidores de direito e conseqüentemente da compreensão afincada de sua cidadania. Não que os sujeitos não sejam capazes de desenvolver sua própria história e mobilidade social. Todavia, as redes, moralmente seguras, nos espaços religiosos, principalmente dos pentecostais, tornam-se o suporte fraternal e comunitário que geralmente falta aos estratos pobres. Quando imaginamos um sujeito desassistido no campo familiar, deficitário educacionalmente, provocado pelo mercado a consumir produtos que não são da sua realidade, assediado pela criminalidade como movimento contra cultural e o estigma social que carrega por ser negro e pobre, temos uma somatória de fatores, que ilustram como as redes de apoio das igrejas pentecostais podem se tornar extremamente aderentes para ele.

Obviamente vemos como a lógica social introjetada no sujeito opera em momentos como esse, no qual ele se enxerga oprimido socialmente e descontente com a realidade territorial. Nesse sentido, evidenciamos como a lógica dominante cristaliza não só a episteme do sujeito, mas também suas habilidades e/ou aptidões intrínsecas à natureza humana. Questionamos aqui, que sob ferramentas de perpetuação de estagnação social, as demandas subjetivas de homens e mulheres fragilizados pela sua condição de vulnerabilidade social é muito fraca ante a tal demanda. Ora, a ideologia neoliberal capitalista que vê o lucro como indicador da eficácia de seu sistema de operação, tem por missão execrar o pobre, suprimindo a mobilidade social do negro e formando substrato psicossocial nas classes baixas e estratos elevados, como maneira de autodefesa para perpetuação das relações sociais desiguais.

Lançamos agora os olhares sobre como os estudos a respeito da juventude e religião trazem situações extremamente dicotômicas, muitas vezes condicionadas ou subvertidas por conta da necessidade de vida digna. A oportunização de redes de contato por meio das instituições religiosas surgem como alternativas saudáveis ao descaso estatal e visão preconceituosa do mercado de trabalho e por último, como as relações sob um espelhamento

geracional arquitetam mentalmente projetos de vida para ressignificar o futuro de jovens, que cresceram e se desenvolveram em espaços desestruturados e sem esperança.

Após entendermos como se articulam de forma interdependente os processos que constituem efetivamente as ações das juventudes, diversificaremos nosso escopo entre autores que, ao olhar para os fenômenos religião e juventude, interpretaram a vida de grupos sociais não a partir do quesito etário. Mas de maneira integrada à questão sociotemporal demonstraram com o auxílio de referenciais teóricos anteriores, como a condição fluída das juventudes, somada a vulnerabilidade social, tem buscado refúgio e condições de melhoria de vida baseado no pentecostalismo.

Anteriormente tratamos informações sobre a heterogeneidade das juventudes, tanto que optamos por uma compreensão ampla. Em Groppo (2000) e Pais (2006), ambos autores quebram o paradigma da classificação etária como fator determinante para entender as juventudes. Todavia, trabalham atentamente para decifrar como as culturas juvenis são diversificadas e não podem ser aglutinadas de modo a não captarmos suas peculiaridades. Não pretendemos estender nossa discussão por entender que informações que tangem assuntos como sujeito de direitos ou até mesmo que dissertem sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente não fazem parte do nosso foco.

Em continuidade ao aprofundamento de nossa argumentação teórica, Groppo (2000) demonstra que as instituições sociais exercitam funções de reguladores sobre os jovens, especialmente sobre jovens de periferia, pois a dinâmica social engendrada num processo controlável, em tese traria menos danos à estrutura social. Contudo, as demandas orgânicas de criação advindas da sociedade sofrem com essa ruptura de fluidez de saberes, tornando o fluxo social criativo extremamente precário e fazendo com que estruturas moralizantes de poder insurjam com um discurso baseado em competências meritocráticas, baseadas na ideologia neoliberal. Ou seja, privilegiando ainda mais as classes mais abastadas e aumentando o abismo social entre ricos e pobres. Ora, as disputas de poder, por parte das classes mais pobres, muitas vezes são feitas por meio da ressignificação que os jovens fazem da realidade, utilizando-se de ferramentas culturais que fazem sentido e reverberam socialmente.

2.2 JUVENTUDE, HISTÓRIA E RELIGIÃO

Os estudos sobre juventude e religião no Brasil decorrem de esforços variados desde as décadas de 1970, com Foracchi (1972), Cardoso (1995), Sousa (1999), Novaes (2000) e mais

recentemente Sofiati (2009), ao estudar a Renovação Carismática Católica no interior de São Paulo. Os autores discorrem sobre como há uma diferenciação das juventudes ao longo do tempo e que é necessário estar em conexão com a cultura no tempo e no espaço. Outro ponto de destaque é que as práticas culturais interdependem da economia e situação política, tanto que as juventudes brasileiras das décadas de 1960 e 1970 estavam acostumadas como forma de expressão política a militância, enquanto que nos anos 1980 o foco eram os movimentos sociais (CARDOSO, 1995). Com a redemocratização, as utopias juvenis passaram por uma reconfiguração, já que houve uma mudança política e para Novaes (2000), as inquietações juvenis se deram de maneira fragmentada em movimentos culturais e lúdicos.

O Brasil figura como maior país católico do mundo³⁵, e suas juventudes não poderiam ser diferentes. A vinculação religiosa é característica marcante dos jovens, que tem o “temor a Deus” como um dos cinco primeiros valores mais importantes da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* (ABRAMO, 2005). Uma outra característica marcante das juventudes é com relação a busca por experiências que tragam sentido e é justamente nisso que as religiões com práticas e experiências relativas ao sobrenatural tem maior vinculação dos jovens (SOFIATI, 2009 APUD MARIZ, 2005). Nesse sentido, os jovens são romantizados como sujeitos de imediata ação que aderem as mais variadas propostas religiosas no intuito de romper com as expectativas de agir como uma espécie de “transgressor” de regras.

Essa perspectiva de aderência a movimentos religiosos de cunho carismático, tem justificativa quando rapidamente pensamos na crise institucional brasileira. Ora, as correntes religiosas de práticas carismáticas, trazem não só a vinculação como fator positivo para uma juventude descontente com seu futuro, também são capazes de oferecer o impulso psicossocial que age diretamente na autoestima juvenil, fazendo com que os sujeitos busquem transformação pessoal e coletiva (MARIZ, 2005).

A autora apresenta essas experiências religiosas como uma forma de superação de tensões presentes na vida do jovem. Há um relaxamento e uma sensação de força e poder que antes não eram encontrados na vida social. Nesse sentido, ela defende a tese da existência de uma subjetividade juvenil funcionalmente religiosa. (SOFIATI, 2009, p.13).

Se a vida nos estratos sociais médios já é complexa por fatores além do alcance dos jovens, nas periferias as demandas de educação, trabalho e a sociabilidade segura são situações

³⁵ Segundo dados do Pew Research (2014), o Brasil tem 61% de sua população declaradamente católica. <<https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PEW-RESEARCH-CENTER-Religion-in-Latin-America-Portuguese-Overview-for-publication-11-13.pdf>>

altamente deficitárias. Com isso, precisamos pensar dentro de uma perspectiva histórica como a escola, em muitos locais, segue moldes ultrapassados, sem estar de fato conectada ao perfil dos jovens que a compõem hoje. Tanto que, isso influencia diretamente no mercado de trabalho, que absorve nos melhores cargos, geralmente homens, brancos e de estratos médios. Portanto, o fator educacional é preponderante para determinação não só de uma possível ascensão social, mas também de um espaço formativo, no qual há interação entre os jovens e suas esferas de convivência (SOFIATI, 2009).

Ainda relacionado ao campo educacional, a estrutura defasada e projetos pedagógicos em suma descompromissados com uma formação humana digna e plural, tem apontado que o espaço das escolas, principalmente as públicas, tem muito mais um aspecto de preparação para o trabalho, muitas vezes precariamente, do que o caráter formativo, ou seja, para a vida. Nesse sentido, as juventudes periféricas inserem-se nesse contexto que reproduz a lógica neoliberal de domínio social, de modo a condicionar quais espaços os jovens ocupam e como o fazem. Essa problemática revela nuances de um desinteresse generalizado nas juventudes empobrecidas, que ao não vislumbrarem projetos promissores de futuro perpetuam a cadeia de eventos sociais para quais o sistema capitalista direciona tais atores. Reiteramos que não vemos os jovens de periferia como coadjuvantes de suas histórias de vida, todavia sabemos que as forças culturais e políticas que lutam no campo social, para comprovar historicamente sua hegemonia tentando aplacar a força de tais atores sociais no decorrer da história.

Como forma de enriquecer nossa discussão em torno deste tópico e estabelecer uma conexão com as formas de sociabilidade que encontramos nas periferias, com nosso enfoque voltado para a cidade de São Bernardo do Campo, tratamos dados do Censo IBGE 2010 específicos sobre as juventudes. A partir disso verificamos que o Brasil alcançou uma população de 190.755.799 e, baseado em nosso recorte de pesquisa, constatamos que os jovens de 18 a 29 anos somaram 40.976.704, cerca de 21% do total de habitantes. Quando afunilamos um pouco mais dentro deste grupo, temos algo em torno de 5.174.946 de jovens que se declaram de origem pentecostal, o que equivale a 13% do total de jovens evangélicos (ver tabela 2). Dentro deste nicho pentecostal, 49% são pertencentes a Assembleia de Deus. Ou seja, quase metade da população em análise participa de alguma AD no Brasil.

Nas verificações que relacionamos o grupo de jovens de 18 a 29 anos, no Estado de São Paulo e na região do ABC Paulista, notamos equivalências similares. Ao olharmos para o número de jovens evangélicos pentecostais, que englobam todas as denominações com raízes no pentecostalismo clássico, temos 14% do número total de jovens no Estado de São Paulo e

no ABC Paulista. Em São Bernardo do Campo, essa porcentagem cai para 12% dos jovens da cidade. Porém, quando analisamos as porcentagens dos jovens evangélicos de 18 a 29 anos declarados da AD, eles representam 37% do total de jovens evangélicos de origem pentecostal no Estado de São Paulo, 43% no ABC Paulista e 37% no município de São Bernardo do Campo.

Tabela 2 - Comparativo Jovens de 18 a 29 anos

JOVENS DE 18 a 29 ANOS			
LOCALIDADE	TOTAL	EVANGÉLICOS DE ORIGEM PENTECOSTAL	EVANGÉLICOS DE ORIGEM PENTECOSTAL - ASSEMBLEIA DE DEUS
Brasil	40.976.704	5.174.946	2.540.366
Estado de São Paulo	8.739.040	1.262.541	466.962
ABC Paulista	549.029	75.768	32.302
São Bernardo do Campo	165.564	20.323	7.509

Fonte: Censo IBGE 2010

Baseado nesses dados e na Pesquisa Juventudes Sulamericanas (2008), notamos que a religião tem papel importantíssimo e é o principal espaço de participação social dos jovens no Brasil.

Tabela 3 - Participação em coletivos, em porcentagem

	Participa atualmente	Já participou	Nunca participou
Associação comunitária	5,6	15,0	79,4
Partidos Políticos	5,8	10,5	83,6
Grupo de defesa do meio ambiente	2,2	6,1	91,7
Sindicato ou associação profissional	5,6	9,2	85,3
Entidades em defesa de grupos ou minorias	1,6	3,6	94,8
Associação estudantil	1,8	13,5	84,7
Entidade de defesa de direitos humanos	1,2	3,9	94,9
Associação ou movimento rural	3,0	6,5	90,6
Grupo religioso	28,1	24,1	47,7
Esportes ou recreação	11,1	23,1	65,9

Fonte: Pesquisa Juventudes Sulamericanas – IBASE/PÓLIS 2008, p.42.

O realce é intencional por revelar o quanto a sociabilidade juvenil no Brasil está atrelada a religião, em nosso caso a pentecostal. Olhar para a tabela e ver que a segunda maior participação atual é de 11,1% em Esportes ou Recreação demonstra que a religião é relevante quase três vezes mais que espaços sociais nos quais o indivíduo jovem externaliza muitos dos seus sentimentos e até vê em algumas modalidades esportivas uma possível saída para sua condição de vida. Logo, infere-se que os espaços religiosos, especialmente os das AD, constituem uma parcela importante de formação social na vida de muitos jovens brasileiros.

2.3 SOCIABILIDADE JUVENIL NA PERIFERIA

Pensar pontos de contato para solução de problemáticas cotidianas nos estratos médios, para os jovens, é algo relativamente comum. Tanto que Pinto (2012) ressalta que essas juventudes possuem mais recursos e apoio para entrarem no ensino superior. No contexto de periferia, no qual discorremos antes e já sabemos da importância em se construir laços sólidos que visam o crescimento mútuo, pois no espaço social da periferia há muita criatividade. Os moradores da periferia não apenas sobrevivem, mas vivem, produzem e se reproduzem; tanto no plano econômico material quanto no campo simbólico cultural.

Os bandos juvenis levam até a exasperação os enfrentamentos interculturais, as disputas pelos territórios e seu controle sócio-político; eles atestam a multiplicidade irreduzível de linguagens e estilos de vida, de estratégias de sobrevivência e de comunicação nas grandes cidades. (SPOSITO, 1993, p. 172)

As religiões presentes na periferia fazem parte dessa dinâmica social e cultural, com destaque para as igrejas pentecostais, muitas das quais fazem parte da paisagem da favela desde suas origens, como é o caso da IEADMSBC no DER.

Outro ponto a ser destacado acerca da juventude, em geral e que engloba o grupo pentecostal, é a respeito da porosidade em perceber, experimentar e agir como agente de transformação nas comunidades locais. A visão muitas vezes distorcida sobre jovens é que estão conectados somente em efemeridades e deslocados da realidade do “mundo adulto.” Todavia, é um erro afirmar isso tão seguramente. Jovens são responsáveis por propor releituras, conduzir novas experiências, provocarem rupturas e construir novos paradigmas, possibilitando o diálogo do passado com o presente, remetendo ao desenvolvimento do futuro (NOVAES, 2006). A qualidade do jovem se instrumentalizar para o que virá é inegável, mesmo que não seja totalmente de acordo com sua expectativa, por isso enxergamos nas comunidades de fé

pentecostais, localizadas geograficamente nas periferias das grandes metrópoles, pessoas que interagem dinamicamente com os espaços públicos, mesmo que escassos, na intenção não somente de proselitismo religioso, mas também de dialogar e diversificar seus capitais social e cultural.

Dada a complexidade e surgimento de pontos de tensão entre a paisagem periférica estigmatizada e os pentecostalismos, nas práticas juvenis nos ambientes eclesiásticos não poderia ser diferente. O discurso juvenil de vanguarda que anseia por mudanças é veiculado e confrontado constantemente com as lideranças dessas comunidades de fé, já que os *estilos referenciais*³⁶ de ícones sociais e/ou religiosos fazem sentido para essa juventude. Por isso a busca por apropriações e (re)leituras são encaradas como processos que visam a identificação dos jovens dentro desse grupo religioso.

Nesse ponto de partida para identificação da sociabilidade juvenil nas igrejas pentecostais podemos verificar o sentimento de pertença e as tensões comuns aos jovens. Com isso, queremos demonstrar que a formação dos laços sociais se dá por meio do que a instituição pode oferecer como atividades aos jovens. Geralmente vemos a música como a força motriz nesses contextos de exclusão, haja vista a veiculação nas grandes mídias de inúmeros projetos sociais iniciados através da música, para tanto trazemos a contribuição de Gomes (2007, p. 15):

A música na igreja tem capacidade de agregar, potencializar relações entre os jovens, estreitar laços de amizade, de companheirismo e promover o encontro de sentidos para a vida. Percebemos que a música tem certo poder de fortalecer a sociabilidade entre os jovens da igreja.

Sobre a música, como já dito anteriormente, o fato de todos os jovens da IEADMSBC participarem do grupo de louvor jovem denota que há uma vinculação sólida que se destaca por inserir o indivíduo na igreja por meio de ações, tais como: programações sistemáticas específicas para jovens, encontros semanais na igreja, estudo da bíblia em grupo e encontros informais para fortalecimento de vínculos, que criam um ambiente acolhedor e de comunhão, além de desenvolver uma rotina participativa e atuante. Ora, todo o contexto de negligência em

³⁶ Essa expressão tem por intenção abarcar pessoas que são vistas pelas juventudes como referências no meio pentecostal. O que está em jogo não é só parecer com determinado referencial, mas tentar agir como o mesmo, no intuito de ter demandas psicossociais parecidas com as enfrentadas pela referência. Nesse sentido, notamos que cantores, pastores, obreiros e tantos outros sujeitos que advém o mundo pentecostal clássico, são exemplos dos tais estilos referenciais. Pois os mesmos não só exercem um papel, mas comunicam aos sujeitos religiosos formatos aceitáveis e agradáveis de ser. Tendo em vista a vulnerabilidade social de muitos jovens pentecostais de periferia, as tais referências pessoais, não estão desconectadas da realidade que estão inseridos, até porque, um traço marcante em tais atores é o prestígio e não propriamente a imagem comercial.

sua realidade social remete a necessidade de se apoiar numa rede resistente e, mais do que isso, o incentive a ter expressões psicossociais que tragam sentido à vida e suas batalhas cotidianas.

A formação de redes de solidariedade entre os jovens pentecostais também faz parte desses locais distantes dos centros das cidades. Para eles a promoção de eventos sociais que culminem em ajuntamento populacional e desenvolvam possibilidades de interação social, funcionam como (re)leituras da realidade.

O discurso oficial da igreja transmite a ideia de que o culto tem fins apenas espirituais. Entretanto, percebo que para muitos jovens o culto funciona também como espaço de diversão, de brincar e de interagir, de se tornarem um grupo. Na igreja, o indivíduo, além de evangélico, é também jovem, ou seja, manifesta dupla condição. (GOMES, 2007, p.8)

Essa condição do sujeito enquanto jovem da periferia e pentecostal é muito tênue, nesse ponto, a pedagogia pentecostal aparece como uma orientação de ascese intramundana (WEBER, 2004), já que os conflitos demandados por violência, exclusão social e segregação espacial são cotidianos a esses jovens. Nesse sentido é nas redes sociais internas e coesas que as demandas juvenis são trabalhadas e por sua vez (re)significadas. Ora, no contexto de abandono estatal, pouquíssimas ou nenhuma oportunidade de inclusão social, esse jovem negro e pobre pode sim encontrar na religião vínculos que não só o ajudem a tolerar sua realidade, mas o conduza a possibilidades pertencentes antes somente a estratos sociais “superiores”. Nesse sentido, trazemos a fala de Gomes (2007, p. 18) que reforça nossa argumentação:

As práticas culturais constituídas pelos jovens podem ampliar suas relações sociais e de autoestima, pois na convivência cotidiana trazem elementos de uma ação educativa: motivação, correção, ensinamento, avaliação, cumplicidade. Os jovens transformam-se e educam-se na relação coletiva.

A partir do tópico anterior da relevância da participação social dos grupos religiosos na vida das juventudes, podemos então verificar que as relações apreendidas no convívio religioso geram amizades, expectativas, acima de tudo esperança. Não só a transcendental, de ordem espiritual, mas de que naquela base as possibilidades cerceadas pela vida sejam amenizadas e até ressignificadas. As redes de apoio mútuo já pontuadas, levam informações, vida social e prestígio pra quem vive em meio a mazelas sociais, tanto que o engajamento por melhoria de vida entre os jovens não é distante e/ou abstrato. Ainda sobre o prestígio, conforme dito anteriormente, o fato de a IEADMSBC no bairro do DER ser a comunidade de fé com mais destaque, dá também a seus membros qualidades subjetivas que transparecem em meio as entrevistas realizadas. Os jovens de nosso estudo deixaram sempre claro que o fato de participarem daquela igreja em específico traz consigo uma legitimidade quando eles convivem no bairro. Esse capital simbólico que Bourdieu (2003) aponta, figura nessa relação com a

vizinhança, como uma autoridade que passa a imagem de idoneidade e maior capacidade de lidar com os dilemas cotidianos. Ou seja, o prestígio em nosso estudo também segue a teoria bourdieuana, por interpretar que o significado de um jovem participar da IEADMSBC é sinônimo de distinção e renome naquele território.

3 JUVENTUDE PENTECOSTAL NO CONTEXTO DA PERIFERIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Após compreendermos com dados históricos como o processo de urbanização tardia influenciou diretamente na formação e expansão dos espaços periféricos da RMSP, quais forças atuantes compõem essa dinâmica *centro versus periferia* e os resultados dessa problemática, a conceituação teórica do que seriam juventudes, quais as variáveis atuantes nesse campo de estudo tão fértil, que situações imprimem marcas originárias das demandas jovens e como a juventude periférica se comporta nesse processo tão exaustivo de construção identitária, passemos a entender como a religião questiona valores secularizantes. Além disso, esta não dá o suporte necessário para que esses jovens se lancem em realidades até então não apresentadas, criando assim redomas sociais a partir de determinados grupos, principalmente os que tem forte vinculação religiosa decorrente de uma rede bem estruturada de suporte mútuo. Para exprimir nossas apreensões, trazemos relatos etnográficos carregados de informações que trazem sentido aos jovens pentecostais de periferia e remetendo as práticas religiosas.

3.1 EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS E O ETHOS PENTECOSTAL DOS JOVENS DA ASSEMBLEIA DE DEUS DO DER

Composta por cerca de 250 a 300 membros - este número é flutuante devido a inconstância de alguns membros que pouco comparecem nas diversas atividades da igreja, todavia contribuem com alguma quantia financeira e participam da Santa Ceia todos os meses – a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério São Bernardo do Campo no DER merece destaque por desfrutar de localização privilegiada e ser conhecida em todo o bairro. A igreja é uma filial da sede que se localiza no bairro de classe média Jardim do Mar, em São Bernardo do Campo. A comunidade de fé se reúne semanalmente às terças no Culto de Oração, nas quartas no período da tarde com o Grupo de Mulheres, por meio de hinos, explanação da palavra e atividades artesanais voltadas para o público feminino. Nas quintas-feiras acontece o Culto de Ensino ou Doutrina, com um perfil mais informal e uma prédica que permeia o cotidiano, enfatizando a necessidade de “santidade” do crente. Já no terceiro sábado do mês é o culto de Santa Ceia, voltado preferencialmente para a membresia e nos domingos, acontece a Escola Bíblica Dominical e o culto vespertino.

Algo que nos chamou muito a atenção, foi que não há uma reunião no templo específica de jovens, a não ser conferências que acontecem sazonalmente. Em nossa diagnose por meio da observação e interação com os jovens, captamos que esse momento específico para a juventude na igreja não acontece primeiramente devido ao quantitativo reduzido e em segundo lugar, a regulação dos jovens é mais fácil quando em um grande grupo. Ou seja, com a igreja totalmente reunida há a possibilidade de menos dispersão e maior efetividade no controle dos sujeitos. Outro ponto para a não existência desse encontro distinto, diz respeito à existência de uma vigília de oração com todos os membros que precede o sábado de ceia, na qual os jovens finalizam seu jejum semanal e ali se preparam espiritualmente para o momento de comunhão no outro dia.

Essa breve descrição da agenda semanal torna evidente que a centralização de atividades constantes, trazem sentido ao sujeito por meio de uma vinculação religiosa densa, que opera em níveis psicossociais, fazendo com que os membros e/ou participantes das reuniões apreciem momentos de experiências de fé baseados na ética cristã pentecostal. Como nossa pesquisa é de cunho qualitativo, temos a possibilidade de relatar em detalhes características habituais aos olhos dos participantes da comunidade de fé. Todavia, tem grande relevância para nós enquanto campo de pesquisa.

Seguindo uma rígida hierarquia herdada da tradicional Assembleia de Deus Ministério Madureira³⁷, a IEADMSBC possui inclusive uma divisão interna no templo, extremamente estratificada. Olhando de cima do altar da igreja, os varões sentam-se à direita e as irmãs à esquerda, o grupo de jovens, no qual não se separam homens e mulheres como os adultos, também se localiza do lado direito. Do lado esquerdo, mas um pouco mais atrás fica o grupo de adolescentes/crianças que também concentra meninos e meninas. O restante dos bancos e na galeria superior do local são ocupados por pessoas que também são membros, mas que não participam tão intensamente das atividades da igreja, além, é claro, dos visitantes. Um detalhe peculiar é que nesses grupos os bancos estão dispostos um de frente para o outro, o que sugere uma postura de unidade, mas também que os pares se identifiquem e como forma de demonstração ao restante do público, o prestígio em participar e cantar no respectivo grupo. A liturgia cúlrica segue uma ordem sem movimentos pré-estabelecidos, em oposição a liturgia protestante histórica, que segue um padrão de ritualístico. Essa característica do pentecostalismo sublinha como a organicidade é marcante desse tipo de corrente religiosa e

³⁷ O Ministério Madureira é o primeiro ministério da AD. É extremamente tradicional em seus usos e costumes e sofreu poucas reformulações desde sua fundação, em 1929.

que, acima dos rituais e ritos, está a presença do Espírito Santo como condutor das ações a serem desenvolvidas (ALENCAR, 2012).

Antes de adentrarmos na especificidade da juventude da comunidade, cremos ser importante o relato etnográfico do Culto de Santa Ceia, para ilustrar bem o que fora discorrido anteriormente no texto e como está em consonância com escritos acadêmicos que tem abordado o pentecostalismo. Em um sábado a noite, o culto direcionado para membresia, contou com cânticos contemporâneos e hinos da Harpa Cristã³⁸. Cada música foi dirigida por um grupo, de homens, mulheres, jovens e adolescentes, mais uma vez reiterando o capital simbólico que há no destaque em participar dos respectivos grupos. Os momentos de louvor precederam a prédica do pregador, no intuito de preparar o terreno dos corações, como o mesmo disse no púlpito. A pregação extremamente emocional apelava constantemente que cada pessoa que estava ali, para ceiar, já era um vitorioso, pelas dificuldades da semana e como o “inimigo” tentou atrapalhar aquele momento de renovo espiritual.

Durante o momento da ceia, após a distribuição dos elementos eucarísticos (suco de uva e pão), o pastor titular, ao tomar o cálice com o suco de uva que representa o sangue de Cristo, iniciou uma fala somente por glossolalia, e um obreiro, o segundo na hierarquia local, auxiliava realizando a tradução. Salientamos que o culto pentecostal é fervoroso e repleto de manifestações espontâneas ao longo da cerimônia. Todavia, no intercurso desse acontecimento, no qual o pastor falava em línguas estranhas e o obreiro traduzia, a comunidade de vibrante passou a escutar atentamente cada palavra. Era como se o Espírito Santo somente houvesse manifestado por meio do pastor, demonstrando que a liderança carismática pertencia somente a ele e todo o prestígio do batismo do Espírito Santo fosse momentaneamente direcionado a ele (BARRERA, 2000).

Após esse momento de manifestação espiritual, a igreja ficou em êxtase e foi como se uma onda atingisse a todos que estavam no culto, fazendo com que chorassem, orassem e gritassem para agradecer pela ceia e por tal experimentação. Seguente ao fim da celebração, do púlpito alguns irmãos responsáveis por questões administrativas relataram quem seriam os dizimistas fiéis, demonstrando compromisso com a “obra do Senhor” e o quão são privilegiados por fielmente depositarem suas contribuições na salva. Também informaram a comunidade sobre quais pessoas haviam contribuído para as diversas frentes de trabalho, inclusive na montagem e distribuição de cestas básicas. Ao final, o pastor retomou a palavra e criticou a

³⁸ É o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil.

postura de alguns irmãos, que estariam fazendo fofocas sobre a vida de um diácono e sua esposa. Além disso, ele reiterou que o Culto de Ceia era primordialmente para membros, para servir como um momento em que realinha algumas coisas com a igreja, como Deus realinha com seus filhos. Nota-se que em circunstâncias específicas, a liderança evoca sobre si um caráter centralizador e moralizante, a ponto de condicionar quais são as lições que a igreja deveria apreender, privando as pessoas de interpretarem e exprimirem suas subjetividades de fé.

O exemplo revela como o poder é altamente cristalizado em volta da liderança, pois não há objeção nenhuma a palavra pastoral que, ao publicizar os problemas da igreja durante um momento extremamente relevante para a vida cristã, continua por moralizar e sugerir quais valores éticos devem ordenar o sentido dos crentes. A descrição do culto transparece o quanto as características do pentecostalismo são fortalecidas e disseminadas na periferia. Mesmo a igreja tendo pessoas que possuem até nível superior de grau educacional³⁹, ainda assim há uma submissão em certo ponto voluntária, já que a rede de contatos que se forma por meio da convivência eclesiástica e a construção identitária em decorrência da localização geográfica são pilares fundamentais apontados na observação participante (BARRERA, 2012).

A pesquisa dos motivos da pertença religiosa entre moradores da periferia urbana mostra dois aspectos importantes que podem ser lembrados aqui. Um é o de que a pertença religiosa de fato ameniza a exclusão do mercado de trabalho. O outro é de que especialmente os grupos pentecostais têm importante capacidade de inclusão social. O peso empírico desse dado não pode ser desconsiderado, mas, penso ser necessário chamar a atenção para as evidências de explícito utilitarismo dos benefícios objetivos da religião por parte dos moradores da favela. (BARRERA, 2010, p. 73).

3.1.1 REGULAÇÕES MORAIS COMO FORMA DE REAFIRMAÇÃO DA ÉTICA PENTECOSTAL

Para exemplificar sobre as juventudes da IEADMSBC, estivemos em várias incursões de pesquisa e uma em especial foi de uma reunião com o grupo de jovens na casa de um deles. Entre as ruas da parte urbanizada do bairro do DER, após o Culto de Ceia, os jovens se organizaram para socializar, por meio de músicas, uma breve prédica liderada por um rapaz e um lanche, adquirido pela contribuição de todos, para simbolizar a comunhão. Algumas considerações necessárias a respeito desse evento de socialização: primeiro, o anfitrião foi o responsável pela prédica que seguia a mesma palavra do pastor no culto, enfatizando doutrinas

³⁹ Cf. dados na página 84, com as respostas dos entrevistados.

de santidade e a importância de estar em comunhão com os irmãos; segundo, somente as mulheres do grupo estavam responsáveis pelo lanche, evidenciando que há divisão clara de tarefas baseada em um patriarcalismo apregoado pela instituição; terceiro, como a igreja não permite que as mulheres utilizem calças, muitas moças estavam de calça e foi inquirido a elas e o líder da juventude porque elas estavam usando tal vestimenta. Ele e algumas meninas prontamente responderam dizendo que ficavam mais à vontade.

Percebe-se que a carga moral atuante em torno da reunião era muito forte, todavia, todos estavam de acordo com tal situação e quando questionados que estavam relativizando a doutrina da igreja, não hesitaram em responder que no templo as regras são seguidas à risca, mas que se não puderem ter o mínimo de conforto na reunião com os irmãos, as coisas ficam complicadas. Ora, os “padrões de santidade” do pentecostalismo derivados do puritanismo norte-americano é extremamente eficaz ao criar regulações constantes, inclusive entre os próprios sujeitos religiosos (BRUNNER, 2012). Todavia, a modernidade, a secularização e a subjetividade questionadora das juventudes fica clara em situações como essa.

Não dá pra usar saia sempre! No meu trabalho nem pensar, sou técnica em enfermagem e trabalho com todo tipo de gente e em ritmo de plantão. Como moro perto da igreja, sempre passo em casa e troco de roupa antes de ir pro culto. Mas aqui que a gente fica um de frente pro outro, rindo, conversando, prefiro a calça. É mais confortável, né? E o culto também já acabou! (B.A., em 17/05/2019)

Ahh... Coitadas das meninas, já não podem um monte de coisas e seguem a risca o que a igreja pede. Aqui é pra gente ter comunhão, descontrair, ter contato com o irmão! Se elas não puderem usar calça nunca, fica difícil! Ainda mais nesse frio (risos). (J. D., em 17/05/2019)

Sobre isso, Rigoni (2009, p.180) explica:

“Os gestos se constituem por elementos mecânicos, anatômicos, fisiológicos, mas a sua principal qualidade é que ele é eminentemente simbólico e, portanto, cultural. A restrição imposta pelo uso da saia, por exemplo, longe de ser apenas uma barreira mecânica, representa um tipo de educação do corpo na qual as maneiras de se sentar têm relação com o pudor que uma mulher evangélica deve ter. Neste sentido, o corpo revela os modos de vida de uma sociedade que, através de suas instituições, neste caso a religiosa, educam os sujeitos de formas distintas.”.

Por acompanhar a rotina do grupo de jovens durante algum tempo, notamos que essas insurgências as regras da igreja são comuns. A relativização momentânea e de acordo com a necessidade são factíveis na vida do grupo de jovens, não tratamos questões de caráter, mas demonstramos como a objetivação em muitos momentos é dissonante com as expectativas da instituição. Um ponto sobre essa discordância interna fica claro quando, para manter o controle, a própria igreja relativiza o documento de regras, usos e costumes, que diz que homens e

mulheres ao se casarem, independentemente da idade, devem participar do grupo de varões e irmãs⁴⁰, respectivamente. Entretanto, o líder da juventude é casado, também com uma jovem e continua a liderar. Outros dois casais de jovens tem papel de liderança entre eles, pois são músicos e regentes do grupo musical jovem. Ora, regras dentro pentecostalismo são caras e consideradas essenciais para o bom andamento da vida cristã. Porém, para a regulação, bom andamento das atividades e crescimento numérico torna-se necessário a relativização das mesmas. Essa negociata indica que as circunstâncias, em alguns momentos, são mais fortes que as regras pré-estabelecidas.

Ainda sobre o cotidiano das juventudes observadas em campo, a Escola Bíblica Dominical é o momento no qual a doutrina é mais introjetada e pensada enquanto ética para a vida cristã. Um dos professores é um obreiro com cerca de 50 anos, servidor público municipal de São Bernardo do Campo e orientado por uma revista de lições produzida pela Casa Publicadora da Assembleias de Deus (CPAD)⁴¹, leciona as aulas na parte inferior do templo da igreja. Ele discute assuntos pertinentes ao batismo do Espírito Santo como “selo” que confirma a salvação do crente, apregoa ensinamentos que façam o sujeito religioso incorporar cada vez mais características inerentes à santidade, sugere que não há vida digna e “certa” fora da presença do Senhor e regula os jovens por meio da fala:

O sujeito que não enxerga a vida como presente de Deus é bem problemático! Deus enviou seu único filho pra nos salvar e a pessoa que insiste em viver fora da palavra, da igreja, da comunhão, arrisco a dizer que ela é burra! Perder a vida eterna por causa de droga, prazer, coisas desse mundo, tem que ser muito burro mesmo! (Obreiro A. L., em 14/04/2019)

Esses processos regulatórios são constantes, quase sempre desempenhados por pessoas mais velhas que o grupo de jovens. Uma das pessoas bem presentes e que endossam essa postura é a esposa de um músico e regente do grupo musical jovem, nos ensaios do coral a palavra de ordem é compromisso. Sem qualquer acessório, maquiagem, ela utiliza as vestimentas propostas pela instituição e tem status de “mulher virtuosa” por ter um casamento bem sucedido, filhos pequenos e ainda trabalhar fora como técnica de enfermagem, o que foge dos padrões estereotipados das mulheres pentecostais. De modo a inspirar as mulheres mais jovens e estar a disposição para aconselhamentos. Nesse sentido, inferimos que a necessidade de

⁴⁰ O grupo de varões é composto exclusivamente por homens adultos e casados e o grupo de varoas por mulheres adultas e casadas.

⁴¹ A CPAD, criada em 1940, é a editora oficial da denominação Assembleia de Deus e esteve presente em momentos históricos e decisivos do Movimento Pentecostal no Brasil. É responsável pela produção e tiragem de mais de 2 milhões de revistas utilizadas em Escolas Dominicais trimestralmente. CPAD. **Nossa história.** Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>> Acesso em: 22 out. 2019

sobrevivência, uma vida mais digna para si e os filhos, reorganizam a própria ética religiosa de cunho patriarcal. Nota-se que as regulações, seja do corpo, atitude, postura e etc., são observadas com atenção e respeitadas pelos jovens, mesmo que momentaneamente. Para eles, o espelhamento geracional é necessário para manter um ideal de vida, algo contínuo, e não compactuar com projetos extremamente sedutores fora da igreja. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2017, p. 77).

Há um caso específico relacionado a questão de gênero que muito nos chama a atenção. Uma das jovens que hoje faz parte indiretamente do grupo e é irmã de uma moça e outro rapaz do grupo. Ela é mãe solteira com 23 anos e estaria dentro de muitas estatísticas brasileiras de jovens periféricos. Com uma criação rígida dentro da igreja, participando ativamente, ela é mais próxima afetivamente do pai, que é sindicalista do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários e Anexos do ABCD, o que sempre a incentivou a perguntar os “porquês da vida”. Nos diálogos de pesquisa e entrevista ela narra sua trajetória na igreja com muita gratidão ao tempo que esteve ativa e por interesse próprio decidiu “dar um tempo da igreja”

Resolvi sair da igreja um pouco! Foi por livre espontânea vontade. Minha mãe sempre pegou no meu pé e minha irmã mais velha também, que a casada com o L. (refere-se ao cunhado que é o segundo na hierarquia local). Mas que quis experimentar como era fora e gostei, tanto que até arrumei uma filha (risos)! A parte boa é que hoje sei que não consigo ficar sem a igreja pra me apoiar. Quando fiquei grávida, muita coisa que ganhei foi do pessoal da igreja. Eu adoro eles, mas sei que não tem a mesma intensidade, até porque não participo mais! Não me sinto diferente, nem maltratada, apenas sei que não é a mesma coisa (J. S., 24/02/2019)

Por estar quase sempre presente nas programações da igreja, o vínculo ainda é intenso, o batismo de uma irmã mais nova também serve como fator aglutinador e mais do que isso, o começo da ida do pai à comunidade tem feito ela estreitar novamente os laços com a igreja. O caso dela é muito específico, pois a mesma cursa Psicologia em uma faculdade particular no ABC e trabalha na região da Vila Olímpia na cidade de São Paulo, incrementando mais ainda seu capital social e cultural e causando um distanciamento da realidade dos outros jovens do grupo, que circulam mais somente na região de São Bernardo do Campo. Ao ser questionada porquê estudar psicologia a resposta foi direta: “Quero entender as pessoas... Por que vivem coisas que não precisam viver, principalmente na religião! Além do mais, quero poder ajudar as mulheres da igreja. Não é fácil ser mulher na Assembleia.” (J. S., 13/06/2019).

É necessário que façamos um adendo sobre a escolaridade dos jovens pesquisados. Dos 16 entrevistados, 4 mulheres estão cursando o ensino superior, 3 tem o ensino médio completo, 2 possuem formação em curso técnico e somente uma possui nível superior completo em Matemática – Licenciatura e não exercia a profissão. Sobre os homens entrevistados, 2 possuem

curso técnico, 2 cursavam ensino superior e 2 completaram o ensino médio. Nota-se que a facilidade de estar próximo ao centro da cidade de São Bernardo do Campo, fez com que muitos buscassem qualificação profissional e conseqüentemente melhores salários. Todavia, esses jovens são exceção, haja vista, que o restante do grupo possuía o ensino médio incompleto e até mesmo o fundamental incompleto. O retrato corrobora para o que recentemente foi apontado pelo Censo da Educação Superior⁴² (2017), no qual as mulheres representam mais de 50% entre ingressos, matrículas e concluintes.

A fala expressa todas as dinâmicas psicossociais anteriormente explicitadas, possui peso ao questionar o papel da mulher na religião e se há uma submissão voluntária do indivíduo as propostas religiosas de cunho pentecostal. De fato, fica comprovado que o círculo pentecostal se utiliza de ferramentas regulatórias para controlar não só os corpos, mas principalmente as ideias das juventudes, que em algum momento tenderão a ser “rebeldes”. Em contrapartida, esse mesmo segmento religioso ratifica como os laços sociais entre os partícipes são estreitos.

O vestuário em um grupo religioso demonstra códigos de informações não verbais que saltam aos olhos gerando mais ou menos estereótipos a respeito desses grupos. No pentecostalismo clássico, as normas para usos e costumes são rígidas, tanto para homens quanto para mulheres, mas queremos trazer a luz como a pedagogia pentecostal (BRUNNER, 2012) dociliza os corpos femininos a ponto de o *ethos* pentecostal influenciar totalmente sobre a simples utilização de acessórios como brincos, pulseiras, colares, etc. Não temos a intenção de pontuar que as mulheres escolhem esse tipo de grupo religioso por imposição ou obrigatoriedade. Inclusive, é preciso salientar que qualquer indivíduo que adere a determinado grupo religioso está disposto a comungar, viver, internalizar e objetivar na sociedade suas práticas, de maneira a simbolizar e comunicar abertamente sobre sua fé e comportamento.

Porém, inevitavelmente, ao longo da história o custo disso para as mulheres quase sempre foi mais alto. A partir desse panorama, pode-se entender que as técnicas corporais pentecostais introjetadas e experimentadas pelas mulheres são extremamente opostas as dos homens. Quando refletimos sobre o vestuário, o contraste fica mais evidente: os homens geralmente trajados de ternos, calça social e sapato, devidamente adequados para um evento social; enquanto as mulheres desfilam com suas saias e/ou vestidos abaixo dos joelhos, blusas de mangas, cabelos longos, pouquíssima ou quase nenhuma maquiagem, evidenciando que quanto menor a sensualidade, mais santidade.

As instituições religiosas são, portanto, os principais agentes de questionamento e

⁴² <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>>

interferência no que se refere ao comportamento e ao trajar feminino, tentando construir a seu modo a imagem de mulher ideal, enfatizando a distinção entre os sexos e defendendo a legalidade desta censura feminina fundamentada nos textos bíblicos. Assim sendo, a relação da mulher com as formas de vestir traz uma forte significância em sua convivência social. A relação mulher / vestimenta é algo que está para além do ato de trajar. Está carregado de significados, presentes na construção de sua identidade, sendo ainda um veículo de comunicação, onde suas individualidades são manifestadas. (BRAZ & REESINK, 2016, p.46).

Conforme dito acima, os homens utilizam primordialmente traje social ou roupas que enfatizem formalidade. Outro ponto de destaque é acerca de que nenhum dos homens que sejam pastores, obreiros, diáconos, líderes e integrantes dos grupos musicais podem utilizar barba em cultos vespertinos. Em uma de nossas entrevistas inquirimos o líder de jovens a respeito disso: “Não tem problema ter barba, só tem que saber onde e quando usar! Aqui a gente sabe que quem quiser ser um varão de respeito tem que seguir regras, e não usar barba na igreja é uma delas.” (J.D. 28/08/2019). Entretanto, em programações que não exigem tanta exposição social, como as reuniões informais, passeios, ações evangelísticas, alguns homens participantes do grupo jovem estavam de barba, o que mais uma vez denota a negação de uma ortodoxia moral à regras que não são mais cabíveis em tempos de modernidade e secularização. Tanto que, muitos homens jovens realizaram tratamentos capilares, em busca de ter não só um capital simbólico centrado no estereótipo “crente”. Mas também para demonstrar que ser pentecostal é estar conectado ao cotidiano e as informações, inclusive de moda, que estão em vigência.

3.1.2 SOCIABILIDADES PERIFÉRICAS E JOVENS NO CONTEXTO PENTECOSTAL

Percebemos na juventude pentecostal a capacidade de interlocução e formação significativa de possibilidades em busca de socialização. Mesmo em meio as mazelas sociais, desqualificação cívica por parte das classes dominantes, estigmatização pelas grandes mídias e repressão psicológica desenvolvida pela religião, a dinâmica juvenil corrobora para o desenvolvimento comunitário dando solidez aos laços sociais que auxiliam na sobrevivência nesses locais. A participação efetiva em comunidades de fé traz consigo experiências que não poderiam ser antes visualizadas muito menos vividas. As lacunas psicossociais preenchidas por bens de consumo religioso dilatam a compreensão, formam e trabalham valores éticos e morais que seriam quase inacessíveis para essa juventude. Ou seja, a apreensão de capital cultural, em torno da vivência religiosa, e de capital social, pela possibilidade de troca de experiências religiosas ou não, (re)definem as reações e ações desses jovens.

Outros relatos de casos são importantes de serem registrados, como o terceiro regente do grupo de louvor jovem, que namora uma jovem da igreja. Ele extremamente comprometido com as programações da comunidade, tem se empenhado em cumprir todos os compromissos religiosos, para expressar para sua família que o crime não compensa. Um de seus primos é um dos chefes do tráfico na Favela do DER. O primo que teve uma criação semelhante, segundo ele, escolheu a “bandagem”, pois sempre fora mais inclinado para gostar mais de dinheiro. Em seu depoimento ele diz:

Gostar de dinheiro todo mundo gosta (risos)! Ninguém é louco pra rasgar algo que pode ser tão bom. Eu estudo porque sei que posso ser alguém com a ajuda de Deus, mas tenho que me capacitar. Também jogo bola aqui pela várzea tenho contrato com eles até o fim do ano, mas já joguei pelo Água Santa⁴³! Sei que tô mais velho e não vai dar muita coisa no futebol, então *bora* mesmo partir pra outra. (D. A., 12/03/2019).

Ele comenta muito pouco sobre a violência, diz que os moradores sabem os lugares que funcionam como *biqueiras* e não passam muito perto por conta do *movimento*. Quando perguntado se a parte não urbanizada é mais perigosa, ele de imediato responde que sim, mas que próximo a “avenida” é mais tranquilo. Entre as vielas da parte não urbanizada, uma dessas dá acesso a uma passarela que atravessa a Via Anchieta e serve também como um ponto de uso de drogas, na qual uma vez por mês acontece uma ação evangelística encabeçada pelo grupo de jovens de natureza proselitista. A ação que tem jovens cantando, perguntando se as pessoas querem receber uma oração e distribuição de “abraço grátis”, acontece geralmente aos domingos de manhã e atinge um bom público, devido o domingo ser um dia bastante movimentado na favela. Em uma conversa com o líder do grupo de jovens e o terceiro regente a caminho da passarela, eles dizem:

A gente se prepara pra vir pra cá! Ontem foi dia de vigília, buscamos de Deus, sem falar que nessa semana teve o jejum pra estarmos em santificação. Vamos revestidos de poder e autoridade! Não dá pra ficar parado entre as quatro paredes da igreja, as pessoas precisam da gente e nosso bairro tem muita gente carente que precisa ouvir de Jesus e ter a vida transformada. (J. D., 30/05/2019)

Tem muita gente que passa aqui pra ir no mercado ou ir pro bar beber mesmo, mas acaba parando porque sabe que estamos falando do Deus verdadeiro. O evangelho é isso...Ter em mente que Jesus morreu pra nos salvar e por isso temos que amar bêbado, drogado, morador de rua, não importa! Sem falar que a gente conhece muita gente e acaba conversando, trocando ideia e é nessas que o pessoal escuta nossa mensagem e vem pra igreja. (V. L., 30/05/2019)

Esses momentos, apesar de ter uma finalidade religiosa, acabam por ter um caráter de sociabilidade, pois os jovens se aproximam ainda mais uns dos outros, trocam confidências e

⁴³ Tradicional time de futebol de Diadema (cidade vizinha à São Bernardo do Campo), que disputa competições regulares organizadas por entidades dirigentes do futebol nacional.

vivem experiências relacionadas aos “dons do Espírito Santo”, tanto na vigília – que não tivemos oportunidade de participar devido ao horário -, como na ação evangelística, além de que não há um lugar para a “manifestação” específica. Em outro evento que os jovens foram para fazer um piquenique na Área Verde⁴⁴, parque distante cerca de 4km da IEADMSBC, o clima era extremamente amistoso. Cânticos no ônibus coletivo, risadas, muitas brincadeiras entre jovens e postagens em redes sociais. Ao chegarmos no parque e procurarmos algum lugar para sentar, logo um jovem bêbado e bem atordoado se achegou ao grupo pedindo que orassem por ele. O líder do grupo e outros rapazes tomaram a iniciativa de primeiro conversar com ele para entender quais seriam os problemas que ele vinha passando e depois oraram por ele com o intuito de “reconciliar-se com Cristo”. Um detalhe foi que alguns jovens filmaram essa situação para postar nas redes sociais. Após esse acontecimento, houve muita comoção, choro e manifestação do Espírito Santo por meio de glossolalia, o jovem bêbado acolhido foi orientado pela liderança a voltar para sua família e, caso morasse próximo ao DER, que ele frequentasse a igreja.

O caso que houve mais vínculos e abertura por ter havido bastante empatia, é de um rapaz de cerca de 30 anos, casado e dois filhos pequenos. Ele é torneiro mecânico e exerce a profissão, entretanto estava desempregado durante a realização da pesquisa, mas sempre fez “bicos” como funileiro na oficina de um irmão da igreja. Ele é filho de um pastor do Ministério São Bernardo do Campo, com certa trajetória em fundações de congregação, além de seu pai ser professor de cursos oferecidos na sede da IEADMSBC. O jovem, que não tem aspirações pastorais, é músico e recentemente passou a dar aula na classe de jovens na Escola Bíblica Dominical. Ele, por ser mais velho que o atual líder da juventude, é referencial para os mais novos, inclusive até para os adolescentes, que o tem em alta estima, por sua esposa ser uma das professoras também. Sua trajetória na IEADMSBC é como a de muitos rapazes nascidos e criados em lar cristão, entretanto ele relata que próximo de completar 16 anos, resolveu sair da igreja, não por influência de companhias, mas por também querer experimentar algo novo.

Ah cara... Você que também participa de igreja sabe como é (risos). Quando somos adolescentes ficar o tempo todo indo na igreja é um saco, ainda mais se é filho de pastor! Quis sair pra ter contato com coisa nova, mas nunca experimentei droga. Gostava de beber alguma coisa e poder dar uns *rolês*. Ficava mais só andando, conversando e rindo. (W. L., 27/06/2019)

⁴⁴ Área Verde é um parque municipal localizado no bairro Assunção, em São Bernardo do Campo, vizinho ao centro da cidade.

Ele relata ter crescido no DER e perdeu muitos amigos de pouca idade para a violência e drogas, para ele esse tempo fora do convívio religioso serviu principalmente para saber que não queria ser bandido, todavia sem detalhes se houve alguma situação se fora apresentado ao crime. Em suas falas, carregadas de referências positivas à instituição, ele diz que, após terminar o curso de torneiro mecânico, com cerca de 19 anos, retornou timidamente à igreja, por estar cansado de uma sociabilidade vazia, sem sentido e por não ter encontrado a novidade que buscava, tanto que ao descrever seu retorno, ele enfatizou que sua volta foi marcada pelo batismo do Espírito Santo.

Ser batizado pelo Espírito Santo me preencheu totalmente. Encontrei a paz que procurava e voltei a ter sentido de vida. Depois disso, claro que tive dificuldades e tentações, mas falar em línguas e saber que posso chorar, rir, dançar, louvar a Deus porque Ele decidiu me agraciar com isso é fantástico! Nunca tinha tido algo tão perfeito na minha vida e hoje tudo que faço, faço questão de ser pra Jesus! (W. L., 27/06/2019).

Nos diálogos era constante o apreço pela igreja e como essa dinâmica e proposta de ser evangélico traz significado a sua vida. Mesmo trabalhando informalmente durante a pesquisa, ele sempre frequentou o máximo de programações e atividades, com o intuito não só de servir como exemplo aos mais novos, mas com a intenção de devotar a Deus todo o tempo que for possível. As impressões sobre ele revelam como o carisma atrai naturalmente os outros jovens, tanto que muitos rapazes mais novos o procuram para aconselhamento. Nota-se também que não há tensão entre ele e o atual líder da juventude, que o também considera como um grande amigo. Algo extremamente relevante, que apareceu em várias conversas, decorrente a paridade etária com o pesquisador, foi sobre a criação de filhos. “Quero que o R. e Y. cresçam aqui... Aqui a gente aprende respeitar as pessoas, os mais velhos, tem o temor da palavra de Deus e isso faz toda diferença pra criar um filho no mundo de hoje.” (W. L., 01/07/2019). Para ele, a “Casa do Senhor”⁴⁵ é o melhor lugar para que os filhos cresçam, tanto que em suas falas ele enfatizava o quanto a rigidez de sua criação foi necessária e que ele tem passado isso adiante. Principalmente, quando em algumas conversas em sua residência, seu filho mais velho o interrompia e ele sempre o repreendia com veemência, por atrapalhar quem ele deveria mais respeitar.

Suas críticas são mínimas à instituição, por motivos óbvios, já que seu pai é pastor e muito do que sua família conquistou em bens materiais e prestígio na IEADMSBC advém dos anos vividos na igreja, além de sua experiência como músico, que faz com que ele ganhe certa

⁴⁵ Destaque nosso, por ser a resposta literal do entrevistado.

projeção no Ministério São Bernardo do Campo e seja lembrado para quando há algum evento especial. Tudo isso corrobora para nossa hipótese, de que a vinculação e atividade religiosa de jovens na periferia urbana servem como uma reinvenção para (re)organizar estruturas psicossociais que trazem esperança e motivam a participação em grupo no intuito de suporte mútuo.

Um ponto de destaques a respeito das juventudes da Igreja do DER é sobre os usos de redes sociais para propagação de conteúdo evangelístico. Ao estar em contato com os participantes da pesquisa, fora possível interagir em redes sociais com alguns jovens que em conversas pessoais relataram que a internet nos dias atuais é uma ferramenta indispensável não só para evangelização, mas também para socialização. Eles também destacam que muito do mercado gospel musical é veiculado nas redes sociais e isso facilita a troca de informações entre eles mesmos. Sobre isso trazemos um relato de interesse para o tema desta pesquisa:

Internet é pra tudo hoje, não tem como! Moro com minha vó e acho muita receita de comida pra ela. Pra gente da igreja é bom que marcamos “resenhas”, fazemos “memes” uns com os outros, jogamos videogame e também evangelizamos. É muito bom poder compartilhar um versículo bíblico, um vídeo com gente que sei que tá precisando. Procuo fazer minha parte, porque se Deus deu isso pra gente, podemos usar pro nome Dele ser conhecido. (L.S., 02/07/2019).

Com relação a utilização da rede mundial de computadores, a Igreja na forma de instituição não possui restrições, até porque muitos cultos da Sede são transmitidos via Facebook. Além disso, o jornal bimestral institucional que circula em todo o Ministério São Bernardo do Campo, pode ser visualizado e baixado pelo site da IEADMSBC. Esse breve adendo serve principalmente para entendermos como ferramentas modernizantes adentraram até mesmo as doutrinas mais rígidas moralmente e exercem um papel preponderante.

3.2 O JOVEM PENTECOSTAL COMO FATOR DE MUDANÇA NO CONTEXTO DA PERIFERIA

A partir da contextualização das características juvenis e meios para articulação e intercâmbio dos diferentes tipos de capital, devemos tentar entender como o campo pentecostal periférico interage com a juventude na formação de um *ethos* expresso no *habitus* pentecostal. A conceituação de campo religioso proposta por Bourdieu (2003) ilustra bem a situação dos pentecostalismos brasileiros, pois a configuração em Ministérios⁴⁶ das AD demonstram bem o

⁴⁶ A forma de trabalho das AD funciona através de Ministérios que são vistos como campo de expansão, mais ou menos definidos, mas sem seguir uma lógica geográfica. O formato ministerial contribui para uma centralização

monopólio dos bens religiosos detidos por lideranças que propõem ou não ideais teológicos, políticos, econômicos, éticos, morais, etc. e que de alguma forma orientam os/as sujeitos/as religiosos/as. Obviamente, a juventude pentecostal periférica dotada de volatilidade, mas espelhada em traços geracionais⁴⁷, por perceberem o êxito dos/as adultos em prosseguirem na vida religiosa, dada as condições de vulnerabilidade social que exercem um caráter coercitivo na vida de pessoas segregadas, mesmo com a conduta rígida, dialoga a sua maneira com as proposições das lideranças eclesiásticas.

Seguindo essa lógica, devido à capacidade de absorção de informações, opiniões e comportamentos ao redor dos/as jovens, faz com que tais sujeitos/as religiosos/as desenvolvam pensamentos, comportamentos e ações nem sempre pautadas nos ordenamentos da liderança tida como legítima.

“(…) as atitudes e os comportamentos dos indivíduos são determinados por valores e sentimentos produzidos inconscientemente no campo. Dessa forma, os indivíduos incorporam práticas e atitudes que lhe são atribuídas socialmente. A disposição em obedecer e seguir as regras pode ser um exemplo de como os indivíduos assimilam os interesses e desejos das instituições da qual fazem parte.” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2017, p. 22).

Ora, torna-se visível o porquê da lógica do *ethos* pentecostal, que nada mais é senão as instâncias psicossociais que regulam o indivíduo, já que o *habitus* passa a ser (re)definido e (re)organizado conforme as necessidades do presente, baseadas na “caminhada de fé” que é muitas vezes cheia de percalços pela própria vida, especialmente para jovens em sua maioria negros que são assolados por violência, pouco acessam o ensino superior e quase não possuem representantes políticos condizentes com sua condição social.

A partir de uma etnografia mais abrangente, na qual delineamos contextos, transmissões, condutas, com o intuito de entender por que as relações dos jovens se dão da maneira que descrevemos, vemos que os traços psicossociais introjetados pela religião e covalidados pela sociedade e igreja, servem como balizas morais para orientar a ressignificação individual e coletiva. A sociabilidade experimentada por tais jovens não é tão diferente de outras juventudes, mas por ser esse grupo, com vinculação religiosa, proposição de valores relativo a uma confessionalidade, estreitamento de laços em detrimento de uma expansão

do poder na mão de poucos pastores que influenciam politicamente à configuração de conchavos para eleições de pastores presidentes das chamadas Convenções que gerem as igrejas. Conferir (CORREA & FAJARDO, 2016);

⁴⁷ A questão geracional é recorrente em estudos sobre juventude, NOVAES (2005) nota que a inquietude juvenil não é por pura “rebeldia”, mas leva em consideração angústias sobre o futuro como sinais do dinamismo do papel do jovem na sociedade. CARDOSO DE OLIVEIRA (2017) também discorre sobre isso ao mencionar a força e legitimidade das vivências e “exemplos” maduros de vida cristã que a juventude pentecostal almeja.

proselitista desenfreada, demonstra como há uma autocrítica, com a intenção de ler o contexto ao redor.

A formação de redes de sociabilidade na periferia constitui importante parcela na vida da juventude pentecostal, pois, a busca de identificação com seus pares é constante, proporcionada principalmente pela vida religiosa e o sentimento de comunidade que fazem a fé ser fortalecida (SCOTT & CANTARELLY, 2004). As tensões dentro do campo pentecostal são praticadas de maneira mais coesa e restritiva, por estar em jogo não só a hegemonia religiosa nas periferias, mas por relações sociais decantadas e crivadas pela igreja. Já que constantemente a perspectiva de ascensão social e moral através da igreja ronda essa juventude pobre, negra e de origem migrante. Reafirmamos isso ao perceber que durante a pesquisa não houve dissidências entre o grupo, muito pelo contrário, essa rede de assistência mútua que trabalha para manutenção da estabilidade entre e com os jovens, obteve sucesso ao conseguir trazer para dentro do grupo sentimento de pertença e identificação.

Salientamos que alguns jovens, que hoje são referências dentro do próprio grupo, cresceram dentro das paredes da igreja e possuem similaridades de criação, fazendo com que esses laços aumentassem durante a vida. Nesse sentido, como o texto trata a todo momento das forças políticas que operam sobre, direta e indiretamente, nas falas das juventudes, pouco captamos isso. Mesmo após o frenesi do pleito de 2018 no país, as afirmações dos jovens eram bem uniformes e comedidas quando se tratava de política. Logicamente muitos manifestaram suas preocupações, por saberem o lugar o qual o negro ocupa, mas não houveram histórias de estigmatização, até porque a proximidade com o centro de São Bernardo do Campo afasta qualquer tipo de sentimento desse tipo. A exclusão pelo endereço (CALDEIRA, 2000), para os jovens da IEADMSBC no DER, não acontece.

Ainda sobre a temática política, percebemos que esses temas são evitados ao máximo e nossa interpretação é de que, lidar com relações de poder significaria a perda ou divisão da coesão grupal, principalmente por causa das condições sociais que muitos ali tem. As preferências políticas obviamente são mais conservadoras e alinhadas a políticos de direita, todavia captamos como alguns jovens, próximos aos 30 anos, possuem perfis mais compreensivos, com lampejos de ideologias progressistas. Nossa suposição é que muitos já perderam ou tem familiares e amigos encarcerados. A questão da violência segue sempre por de trás das expressões políticas subjetivas dos jovens de periferia.

Ao complexificarmos as relações decorrentes da força pentecostal, e como há uma estabilidade devido a formação de redes de apoio por conta da condição periférica, vemos que

atitudes de ocupar espaços do território munidos de estratégias proselitistas servem para simbolicamente dizer a comunidade – o bairro do DER – que ali existe uma igreja que assume uma posição ofensiva. Ou seja, que a ausência de equipamentos públicos pode ser diminuída pela vinculação religiosa, que o protagonismo social que tem bases em uma sólida estrutura estatal pode vir a existir por meio das ferramentas disponibilizadas pela igreja, além de usufruírem de valores hegemonicamente aceitos que contradizem a cultural local.

É de interesse pentecostal esse contato, inclusive para entender as leituras de mundo mais atualizadas e se manterem como poder hegemônico religioso nas periferias. Todavia, há uma preocupação com a manutenção de seu público, especialmente a juventude tão engajada na produção de redes de sentido capazes de entender e ressignificar a usabilidade dos espaços disponíveis nos locais que as comunidades de fé estão presentes. Essa participação social juvenil é motivada não somente pela religião, mas a violência surge como grande fator de intensificação de mobilização dos/as jovens enquanto “juventude como sujeito de direito” (NOVAES, 2007, p. 1). Nesse ambiente vulnerável os/as jovens exercitam sua fé na promoção em ações evangelísticas voltadas para a comunidade local, sobretudo por meio da música que possui capacidade para atrair e unir jovens, com a intenção de trazer narrativas de esperança e demonstrar a eficácia dos bens simbólicos religiosos produzidos ali (BERTOLI, 2013, p. 28).

Uma peculiaridade dos/as jovens pentecostais diz respeito à conservação e solidificação dos laços sociais, mesmo convivendo com juventudes “mundanas” (ALVES, 2011, p. 84). As amizades adquiridas na vida religiosa ganham mais significado quando passa haver uma diferenciação entre os “crentes” e os do “mundo”. A legitimidade moral pública e comunitária em volta de um jovem pentecostal é uma ferramenta altamente relevante para o discurso das lideranças pentecostais, ainda mais se a pessoa teve participação no mundo do crime e se “converteu dos seus maus caminhos” (ABUMANSUR, 2014, p. 105).

Em nosso estudo não tivemos a oportunidade de diagnosticar nenhum caso com elementos relacionado à criminalidade, todavia na maioria das falas e alguns diálogos em grupo sempre remetiam a problemática da violência. Nisso, também notamos que as óticas das juventudes acerca de temas como aborto, casamento homoafetivo, legalização de drogas, nem sempre eram tão uniformes. Mas, como já esperado, sobretudo ao percebermos o caráter e visão centralizadora da instituição, a maioria do grupo de jovens se posicionava de acordo com a igreja. Nesse sentido, interpretamos que as relações do grupo são majoritariamente mediadas pela igreja e não pela individualidade. Nem vivenciando situações de vulnerabilidade social, os jovens se abrem a ponto de o vínculo do grupo ser estabelecido por conta própria, para eles a

sociabilidade enquanto grupo não é orgânica por serem jovens e terem aproximações. Entretanto, advém das lentes que a igreja tem da vida e primordialmente do bairro.

Reiteramos, a igreja não detém o monopólio dos arcabouços psicossociais das juventudes, porém ela direciona para onde, quando, quem e quais ações de sociabilidade seus jovens devem ter. A jovem que é mãe solteira, em nenhum momento é tratada diferente, mas por introjetar as normas, códigos específicos e entender o contexto da igreja no bairro, ela sente que não convém participar assiduamente das atividades. Entretanto, ela sabe que os laços ali forjados e vividos são fortes demais para serem desprezados. O protecionismo religioso na periferia tentará sempre agrupar o máximo de capital humano possível para também dialogar com o “mundo”, porém de maneira cautelosa, singularmente nas atividades promovidas nos próprios templos, com a intenção de atenuar sofrimentos, suportar e impulsionar o indivíduo gerando identificação e segurança com os laços sociais da igreja local (FAJARDO, 2011, p. 20). Nesse sentido, as relações entre atores religiosos e igreja, passam a orbitar diretamente em volta de laços coesos e estreitos, privilegiando as similaridades dos pares e claro aproveitando os benefícios individuais promovidos pela socialização interna. Já nas relações sociais com a comunidade e sociedade – laços fracos (GRANOVETTER, 1973) – o sujeito religioso procura invariavelmente diversificar seus tipos de capitais para se munir distintivamente e também obter proveito de informações, contatos e alternativas não contidas no grupo religioso. (FAJARDO, 2011)

3.3 PERSPECTIVAS JUVENIS ACERCA DO SENTIDO DA RELIGIÃO NA PERIFERIA

Anteriormente tratamos a respeito da habilidade das juventudes de subverterem e ressignificarem algumas lógicas presentes nas periferias urbanas e com isso surgem angústias intrínsecas a esses processos. O pentecostalismo clássico – queremos nos ater ao pentecostalismo encontrado em nosso trabalho – enfatiza muito noções de escatologia⁴⁸ e por isso passamos também, durante a pesquisa, captando como esse sentimento de passagem, está carregado de simbologias políticas. Seja do ponto de vista político-partidário ou do triunfo do bem sobre o mau.

⁴⁸ Estudo de temas relacionados ao fim do mundo. Numa perspectiva teológica cristã existem várias tradições e a AD faz bastante uso dessas temáticas escatológicas. Elencamos que além do ator teológico, devemos observar o caráter seletivo do indivíduo.

É óbvio que a condição de habitantes de um lugar estigmatizado socialmente influencia sobre como os moradores dessa região pensam e elaboram suas reflexões. Todavia, algo que notamos veementemente não só nas falas dos jovens, mas também dos pastores nos cultos é a busca por uma espécie de “neutralidade” em temáticas que envolvam política. Os jovens da IEADMSBC da Favela do DER possuem percepções políticas que são fortemente orientadas pela igreja, pois o discurso interno do grupo – diga-se de passagem bem coeso – pende para o lado mais conservador do espectro político. Entretanto, as microrrelações do cotidiano são acometidas subitamente por lapsos morais que não são conciliares com as orientações gerais.

A IEADMSBC é declaradamente contra a prática de aborto, seja em qualquer situação. Todavia, em alguns diálogos estimulados pelo pesquisador e procurando relacionar com contextos tangíveis ao cotidiano, algumas jovens expressaram que o aborto seria uma solução. “Deus tenha misericórdia de mim se eu engravidar antes de casar. Mas se engravidar, acho que abortaria. Perder minha juventude, mesmo dentro da igreja.... É bom demais ser jovem! Não sei se hoje abriria mão disso” (B.A., 09/08/2019). Pois, para elas seria extremamente complexo abrir mão de alguns sonhos que dependem de formação profissional. Ora, o enredo social é provocativo no sentido de que questiona o próprio sujeito para que ele seja o protagonista de sua vida. No caso de jovens em situação de vulnerabilidade social, essas questões recorrentemente vem a tona, já que existe um produto que é vendido pelas mídias como um ideal de mulher contemporânea e do outro lado, o espelhamento geracional a partir de mulheres que fazem parte da vida comunitária religiosa.

Questões que alçam indagações no plano moral são sempre complicadas de terem uma resposta unânime e direta. A saber pelo caso de um jovem que participa do grupo, mas que em alguns momentos é excluído do convívio constante com os homens, por possuir características estereotipadas de homossexual. Nitidamente ele é deslocado pelos rapazes e também se sente assim. Pois, fora acolhido pelas meninas e as pessoas com quem ele mais se relaciona na comunidade de fé, são duas meninas. Esses embates são inerentes na convivência social, todavia quando há uma ingerência religiosa que não só regula, mas em muitos momentos arbitra e expede quais devem ser os posicionamentos, tudo se torna mais complexo.

Existe um outro caso de relativa exclusão entre a MUP – DER, trata-se de um rapaz que possui deficiência física e não consegue frequentar assiduamente as atividades dos jovens. Ele participa do Louvor Celeste tenta sempre que possível ensaiar com o restante do grupo, porém a falta de condições financeiras e físicas de sua família provoca um deslocamento para ele. Nesse sentido, os rapazes da mocidade sempre que ele consegue ir à Igreja, o levam em casa na

volta, na garantia de que ele chegue em segurança pelas ruas tortuosas do bairro e também na tentativa de integrá-lo mais ao grupo. Ele exprime o descontentamento com sua situação dizendo: “Eu queria sempre vir na igreja! Sou novo, tenho vontade, mas não tenho carro e sempre dependo da boa vontade dos irmãos e os meninos não conseguem me visitar toda semana. Também não quero estudar, porque ai teria que alguém me levar no banheiro” (R.R., 15/06/2019).

A fala dele é carregada de características de pessoas deficientes que infelizmente não possuem condições sociais para terem mais qualidade de vida. Entretanto é perceptível que o foco é a convivência religiosa, e não a secular. Quando questionado a estudar novamente, ele diz que não, por demandar cuidados específicos, em contrapartida, sobre sua vinculação afetivo-religiosa, ele não possui objeções. Já que sua relação não é só pela amizade, mas também pelo pertencimento religioso crivado no batismo com o Espírito Santo.

Viver na periferia já é extremamente complexo, devido a fatores desmotivantes que põe abaixo estruturas estruturadas acerca da sociedade e apregoada em estratos sociais mais altos. Dadas as condições que não facilitam as narrativas vividas nesses locais, a religião surge muitas vezes como um “santo remédio”. Utilizando do trocadilho, a religião muitas vezes ocupa espaços sociais que nem o terceiro setor consegue atingir, promovendo sociabilidades, conexões espirituais, apregoando limites e perpetrando lógicas que atingem de maneira nevrálgica aos anseios jovens.

O terreno religioso, por exigir comprometimento, dedicação, reforçar laços sociais que promovam minimamente solidariedade, com todas as precariedades possíveis, ainda sim, operam na episteme do sujeito como uma “terra firme” para supressão de demandas que são constantes na vida de tantos jovens negros e pobres. As programações ofertadas pela IEADMSBC não abarcam com propriedade o interesse do jovens, mas possibilita experiências coletivas que tenham contato com o transcendente, no intuito de encontrar respostas para vidas já tão oprimidas pelo sistema político-econômico.

O pentecostalismo estudado ainda põe a prova muitas características dos jovens, por questionar qual a relevância de ser jovem e não cumprir o chamado em “ser crente” para a vida. A partir dos casos apresentados, podemos notar que há sim uma eclosão psicossocial, já que alguns jovens sentiram necessidade de vivenciar experiências sociais fora do ambiente religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamente nossa proposta foi de mapear e traçar um perfil de socialização de jovens pentecostais da periferia na RMSP, todavia precisávamos recorrer e delimitar quais pontos seriam tratados, no intuito de trazer não só sentido para a pesquisa, mas também de preparar qual nosso ponto de partida. Primeiramente, optamos por entender a dinâmica do surgimento das periferias brasileiras e como o momento de industrialização tardia condicionou os traçados urbanos e segregou de modo orgânico as pessoas, em suma negros, pardos e pobres, às regiões mais distantes dos centros das cidades. Também entendemos São Paulo como a maior metrópole brasileira e a migração como um processo do deslocamento populacional em função da demanda de capital financeiro. Por isso, ressaltamos que a carga psicossocial que esse tipo de movimento traz consigo é inestimável, já que, quando analisamos a formação das periferias paulistanas, as mesmas estão cheias de características não nativas do espaço geográfico, especialmente na Zona Leste.

Baseado nessa primeira parte, focalizamos nosso estudo em São Bernardo do Campo e especialmente na IEADMSBC do Bairro do DER, na intenção de proporcionar uma visualização de relações baseadas nas dinâmicas de capital social e cultural, entendendo que a moral cristã interfere de maneira veemente na vida fora do contexto religioso a ponto de moldar decisões e discursos acerca de temáticas controversas. Também consideramos como relevante a atuação de uma comunidade fé, de laços sólidos com o bairro em questão, por estarem presentes naquele lugar desde o início dos anos 1960 e estar conectada diretamente com a história de tantos migrantes, que viveram muito tempo de suas vidas promovendo laços sociais, oportunidades de trabalho e possibilitando (re)escrever a história de vidas de muitas pessoas para os que ali chegavam. Após essa prévia, melhoramos nossa pesquisa quando notamos que o grupo jovem da igreja possuía características que iam ao encontro do que inicialmente objetivamos, por isso trabalhamos a partir de que as juventudes são conceituadas enquanto objeto de estudo e interpretadas no viés de fenômeno social. Evidenciamos com dados estatísticos comparativos que a relação de raça e cor das juventudes pobres é um fator decisivo na sociedade brasileira e procuramos entender o processo histórico do estudo das juventudes de modo a ampliar os debates acerca da subjetividade jovem.

Para irmos além de algo descritivo, passamos a analisar sob uma ótica teórica o porquê das relações sociais entre jovens no contexto periférico dentro do campo pentecostal estarem impreterivelmente ligadas, de forma quase intrínseca com regulações morais, que buscam

estruturar e dar peso a ética pentecostal. Nesse sentido, conseguimos traçar de maneira eficaz, as características gerais da sociabilidade dos jovens da IEADMSBC, sobretudo quando constatamos que as mudanças que ocorrem entre os jovens pela relevância religiosa. Com relação ao aspecto religioso, pudemos concluir, por meio de dados, que o pentecostalismo cresceu numericamente e se fragmentou juntamente com as periferias, tanto que realizamos uma incursão sobre as raízes pentecostais e com a ajuda de variados autores demonstramos a capacidade de aderir as camadas sociais mais baixas.

A temática pentecostal continua e continuará a ser estudada nas Ciências da Religião devido ao seu alto grau de complexidade e nuances compostas por detalhes que operam em dimensões desde o macrossocial ao micro. As roupagens estético-comportamentais adquiridas através da história pelos pentecostalismos brasileiros demonstram quão denso é esse objeto de pesquisa, ainda mais por essa dissidência cristã ser fruto de (re)leituras feitas por pessoas das periferias brasileiras. Por isso ressaltamos a relevância de enxergar e interpretar a composição dos espaços públicos nas cidades, compreendendo também aspectos religiosos. Descolar a religião da paisagem urbana é uma presunção muito grande, sobretudo nas periferias que tem suas silhuetas arquitetônicas perpassadas por templos e espaços de sociabilidade religiosa que ao longo do tempo são imbuídos de significados para a comunidade local.

É preciso abrir um novo leque para analisar os pentecostalismos nas periferias. As condições juvenis reiteram a ineficiência estatal, estigmatização de classe e acentuam os diversos preconceitos periféricos, corroborando para o desenvolvimento, muitas vezes, autônomo dessas juventudes. Os aspectos geracionais de espelhamento nos adultos por parte de jovens invariavelmente ocorrerão pela condição do humano de aprender e apreender o mundo. Com a omissão do Estado, a indiferença do mercado e o pragmatismo do crime organizado com a vida juvenil, os pentecostalismos surgem como alternativas de vida nas quais há uma intenção de exprimir seu *ethos* através de condutas comportamentais fixadas no lastro epistemológico. Ou seja, promover um *habitus* condizente com sua experiência de fé e compartilhar no mundo as diretrizes éticas e morais.

Destaca-se também a aptidão da juventude enquanto interlocutores e promoção de dinâmicas sociais que operam em espaços eclesiais e públicos na intenção de renovar as esperanças no meio das mazelas sociais e ajuntar público para o consumo dos bens religiosos de salvação. A situação de vulnerabilidade social é existente e pode vir a (re)condicionar os jovens, todavia suas articulações cotidianas revelam a busca de um caráter ascético que negocia o tempo todo com a realidade, mas fundamentado em laços fortes que fazem sentido quando

interpretados a luz dos discursos dos detentores do monopólio religioso. Assim, outorgam um caráter de laços sociais voltados em favor da comunidade de fé, já que a legitimidade como jovem religioso/a é construída sob o carisma que sua interpretação religiosa traz e vista nas ações comunitárias desenvolvidas em prol das relações nos escassos espaços periféricos de sociabilidade.

Com isso, fomos surpreendidos pela volatilidade das juventudes pentecostais, sobretudo em uma igreja que tem relevância no local que está inserida. A habilidade e criatividade de jovens muitas vezes estigmatizados pela ordem social impressiona, já que em muitos imaginários coletivos tais atores sociais são vistos como problemas da sociedade. A força com que jovens, em suma negros e pobres, ressignificam suas vidas usufruindo do ambiente religioso como ferramenta social é extremamente eficaz. De maneira sólida e coesa internamente, esses grupos de jovens perpetuam-se com a missão evangelística em segundo plano, pois optam por viver dentro de limites seguros que os afastam momentaneamente da violência e projetam suas esperanças em futuros nos quais a vida religiosa esteja contida.

Portanto, as regras ético-morais que são introjetadas tem serventia não para serem veementemente contrariadas ou subvertidas. São, sem sombra de dúvidas, porções de aprendizado que muitas vezes transformam os jovens pobres da Igreja do DER em pessoas sobreviventes de um sistema ultrajante que não fornece muitas saídas de uma condição social execrável. Desse modo, as mudanças que acontecem ao longo da vida são menos difíceis de serem superadas e suportadas, devido as lições que a religião traz juntamente com a parceria de pessoas social e culturalmente parecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W.; BRANCO, P. P. M (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABUMANSSUR, Edin Sued. Fé e crime na “quebrada”: pentecostais e PCC na construção da sociabilidade nas periferias de São Paulo. In: *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 99-120, jan./mar., 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n33p99>>

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911 – 2011*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1883/1/Gedeon%20Freire%20de%20Alencar.pdf>>

ALVES, Maria de Fátima Paz. Religião e sexualidade: permanências e transformações da perspectiva de jovens pentecostais de Recife/PE – Brasil. In.: *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 83-113, jul./dez., 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/19975/20920>>

AMARAL BRAZ, Polyanny L.; REESINK, Mísia Lins. A Santidade Corporificada e a Congregação Cristão no Brasil. *TEMPO DA CIÊNCIA*, Toledo, v. 23. n. 45, p. 38 - 51, jan. / jun., 2016.

AMARAL, Márcio de Freitas do. Jovens e seus modos de viver: experiências de sociabilidade na periferia. *XANPED Sul*. Florianópolis, p. 1- 16, 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/943-0.pdf>

AZEVEDO, Aroldo Edgard de. *Subúrbios orientas de São Paulo*. Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil. São Paulo: FFCL/USP, 1945.

BAENINGER, Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século XX. *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 19, n. 3, p. 84-96, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n3/v19n3a08.pdf>>

BARBOSA, Jair Emídio. *Migração, religião e periferia urbana em São Bernardo do Campo, São Paulo: um estudo das redes pentecostais no bairro DER*. 2018. 143fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1771/2/JairEmidioBarbosa.pdf>>

BARRERA, Paulo. Pluralismo religioso e secularização: pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo. *Revista de Estudos da Religião – REVER*. São Paulo, pp. 50-75, março de 2010. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv1_2010/t_rivera.pdf>

_____. *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas*. Curitiba: CRV, 2012.

BARRERA RIVERA, Paulo. *Tradição, transmissão e emoção religiosa*. Sociologia do Protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

BERTOLI, Naiana de Freitas. *Juventude e religiosidade evangélica na cidade de Campos dos Goytacazes*: singularidades em torno de jovens moradores de favelas. 2013. 123f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2013. Disponível em: <<http://www.uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2013/03/DISSERTA%C3%87%C3%83O-NAIANA-3.pdf>>. Acesso em:

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
_____. *Sociologia*. Ática: São Paulo, 1983.

BRUNNER, Flávia Silva Cruz. *Pedagogia pentecostal: quando a igreja age em espaço que o poder público ignora*. 2004. 208f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92382>>

BURGOS, Rosalina. *Periferias urbanas da metrópole de São Paulo: Territórios da base da indústria da reciclagem no urbano periférico*. 2008, 258f. Tese de (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10032010-110647/publico/ROSALINA_BURGOS.pdf>

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34; Ed. Edusp, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e UMESP, 1997.

_____. O Protestantismo de Missão no Brasil, Cidadania e Liberdade Religiosa. *Educação & Linguagem*, [s.l.], v. 17, n. 1, p.76-116, São Bernardo do Campo, 30 jun. 2014. Instituto Metodista de Ensino Superior.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Wellington. *Juventude, religião e conflitos geracionais: entre o discurso institucional e a prática religiosa de jovens pentecostais da assembleia de deus em Goiânia*. 2017. 250f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7653/5/Tese%20Wellington%20Cardoso%20de%20Oliveira%20-%202017.pdf>>.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite; SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: Edusp, 1995.

COSTA, Emerson Roberto da. *O trânsito religioso e a recomposição das formas religiosas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Ministério São Bernardo do Campo*. 2011. 136p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São

Bernardo do Campo, 2011. Disponível em: <
<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/201/1/EMERSON%20ROBERTO%20DA%20COSTA.pdf>>

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos; FAJARDO, Maxwell Pinheiro. O surgimento do pentecostalismo no Brasil: as Assembleias de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. In: ABUMANSSUR, Edin Sued; BARBOSA, Carlos Antonio; VALÉRIO, Samuel Pereira (Orgs.). *Pentecostalismos no Brasil Contemporâneo: novas perspectivas*. São Paulo: Reflexão, 2016.

CPAD. *Nossa história*. Disponível em:
<<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>> Acesso em: 22 out. 2019

CUNHA, Christina Vital. Traficantes evangélicos: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. *Plural*, 15, p. 13-46, São Paulo, 2008. Disponível em: <
<http://www.journals.usp.br/plural/article/view/75226/78991>>

_____. *Evangélicos em ação nas favelas cariocas: um estudo sócio-antropológico sobre redes de proteção, tráfico de drogas e religião no complexo do Acari*. 2009. 340f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <
<https://oatd.org/oatd/record?record=oai%5C%3Awww.bdttd.uerj.br%5C%3A3043>>

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

DÉCADA de 1950. *Prefeitura de São Paulo*. Disponível em:
<http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1950.php>. Acesso em: 10 out. 2019.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro Perus*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Disponível em: <
<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/580/1/Pages%20from%20Pagina%201-50%20Maxwell%20FAJARDO.pdf>>

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FORACCHI, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Livraria Pioneira. 1972.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 70.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Elias E. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. In.: 34º *Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos*. São Paulo, 2007. Disponível em:
<<https://pdfs.semanticscholar.org/ae7b/96f81c8cc7ad3a0a73ec1abc87f89721cbe0.pdf>>

GONÇALVES, Maria das Graças. Subjetividade e Negritude. *Cadernos PENESB: Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói, n. 12, p. 369-383, 2012.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução Maria Célia Santos Raposo. 13. Ed. Petrópolis, Vozes, 2005.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*. 78 (6): 1360-1380, 1973.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROSTEIN, Marta D. MetrÓpole e expansão urbana: a persistência de processos insustentáveis. *Revista São Paulo em perspectiva*. v. 15, n. 1. São Paulo, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n1/8585.pdf>>

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2005.

IPEA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 3. ed. Brasília: IPEA, 2008, p. 5-35. Disponível em: <www.ipea.gov.br/sites/.../Pesquisa_Retrato_das_Desigualdades.pdf>

JACOB, Cesar Romero *et al.* *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo, Editora 34, 2009.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. *Plural*. v. 17.2, São Paulo, 2011, pp. 129-142. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543/78152>>

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, ago. 2005.

MALINOWSKI, B. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: _____. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. v. 43, p. 17-34. (Coleção Os Pensadores).

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. 1996. *Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud*. Buenos Aires, Biblos. P. 13-30. Disponível em: < https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/mario_margulis-la-juventud-es-mas-que-una-palabra.pdf>

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles

brasileiras. *São Paulo Perspec.*, São Paulo , v. 14, n. 4, p. 21-33, Out. 2000 . Disponível em: , http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000400004&lng=en&nrm=iso>.

MARIZ, Cecília. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In.: *Tempo Social*, v. 17, n. 2. São Paulo: USP, nov., p. 253-273. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12478/14255>>

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005.

MARQUES, Vagner Aparecido. O pentecostalismo nas periferias de São Paulo: a reconfiguração do campo de pesquisa. In: ABUMANSSUR, Edin Sued; BARBOSA, Carlos Antonio; VALÉRIO, Samuel Pereira (Orgs.). *Pentecostalismos no Brasil Contemporâneo: novas perspectivas*. São Paulo: Reflexão, 2016.

NORONHA, Cláudio Pereira. *Religião e capital social na periferia urbana do Grande ABC paulista*. Uma análise das redes sociais pentecostais no município de Rio Grande da Serra. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

_____. *Religião, redes sociais e capital social no município de Rio Grande da Serra na região do grande ABC Paulista: estudo das trocas materiais e simbólicas em contexto de periferia urbana*. 311f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015. Exemplar físico.

NOVAES, Regina. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvencão da política. In.: ABRAMO, H. W. et al (org.) *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____; VITAL, Christina. A juventude de hoje - (re) invenção da participação social. In: THOMPSON, Andrés A (Org.). *Associando-se à juventude para construir o futuro*. São Paulo: Periópolis, 2006. p. -107- 147.

_____. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida*, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/24994082/Juventude_e_sociedade_-_demandas>.

OLIVEIRA, Felipe Vieira de. Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo: Aspectos históricos e forma urbana. *Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*: USJT, São Paulo, n. 17, 2006. Disponível em: <<http://www.usjt.br/arq.urb/numero-17/1-filipe-de-oliveira.pdf>>.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PASSOS, João Décio. Teogonias Urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. *São Paulo Perspec.*, São Paulo , v. 14, n. 4, p. 120-128, Out. 2000 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n4/9759.pdf>>

PASTERNAK, Suzana. Favelas em São Paulo – censos, consensos e contra-sensos. *Cadernos Metrópole*. São Paulo, n. 5, 2001. Disponível em:
<https://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/art_2001_Favelas_Sao_Paulo.pdf>.

_____; D’OTTAVIANO, Camila. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do Censo 2010. *Cadernos Metrópole*. São Paulo, v. 18, n. 35, p. 75-99, abr. 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cm/v18n35/2236-9996-cm-18-35-0075.pdf>>

PINTO, G.P. *Juventude e Pentecostalismo*: participa o social em contexto de favela. 203 f. Disserta o de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: < https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B9DFY4/1/disserta_o.pdf>

IBGE. Sinopse do censo demográfico 2010. *Popula o nos censos demográficos, segundo os municípios das capitais*: 2000/2010. Disponível em:< <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>> Acesso em: 08 out. 2019

PRADO JR, Caio. *A cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

REDE Nossa São Paulo. Mapa da desigualdade: 2019. Disponível em:
<https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf> Acesso em: 15 ago. 2019

RIGONI, Ana Carolina Capellini. Corpo feminino e religião: implica es para a educa o física escolar. In.: *Movimento & Percep o*. Espírito Santo do Pinhal, v. 10, n. 15, p. 170-182, jul./dez., 2009.

EMPLASA. *Região Metropolitana de São Paulo*. Disponível em:
<<https://emplasa.sp.gov.br/RMSP>> Acesso em: 05 ago. 2019

IBGE. *São Bernardo do Campo*: popula o. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-bernardo-do-campo/panorama>>

SANDRONI, Paulo. *A dinâmica imobiliária da cidade de São Paulo*: esvaziamento, desvaloriza o e recupera o da região central. In.: Empresa Municipal de Urbaniza o. *Caminhos para o centro: estratégia de desenvolvimento para a região central de São Paulo*. São Paulo: Cebrap, 2004. Disponível em: <<https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2017/03/18Sandroni.pdf>>

SANTOS, M. *A Urbaniza o Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SCOTT, Russel Parry; CANTARELLI, Jonhny. Jovens, religiosidade e aquisi o de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. In.: *Caderno CRH*. Salvador, v. 17, n. 42, p. 375-388, Set./Dez., 2004. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18500/11876>>

SE O DE PESQUISA E DOCUMENTA O. Prefeitura de São Bernardo do Campo. *Década de 1950*: São Bernardo cresce e perde importantes símbolos do seu passado.

2015. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/home/-/asset_publisher/YVwaH6UqAMbt/content/decada-de-1950-sao-bernardo-cresce-e-perde-importantes-simbolos-do-seu-passado/maximized>. Acesso em: 01 jul. 2019.

IBGE. *Séries: históricas e estatísticas*. Disponível em: <<https://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60>>. Acesso em: ???

SILVA, Claudia Neves da. As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais: motivações e dificuldades. In.: *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 36, p. 35-60, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/874/928>>.

SILVA, Maria Nilza da. Território e Raça: Fronteiras urbanas numa metrópole brasileira. In.: *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 15, 2006, Caxambu. (Trabalho apresentado em evento) Disponível em: <<https://docplayer.com.br/189S76157-Territorio-e-raca-froniras-urbanas-numa-metropole-brasileira-1.html>>.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Religião e juventude: os jovens carismáticos*. 210f. São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05022010-175056/publico/FLAVIO_MUNHOZ_SOFIATI.pdf>

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Os jovens, as políticas sociais e a formação educativa. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, n. 26, p. 51-79, out. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23907/21413>>

SOUZA, Beatriz Muniz. *A experiência da salvação*. São Paulo: Duas cidades, 1969.

SPOSITO, Marília. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In.: *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, v. 5, p. 161-178, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v5n1-2/0103-2070-ts-05-02-0161.pdf>>

_____.; SOUZA, R.; SILVA, F.. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 44, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143527>>.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. *A construção social do 'ex-bandido': um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011

_____. *A teia do bandido: um estudo sociológico sobre bandidos, policiais, evangélicos e agentes sociais*. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, Vozes, 2013.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILHEIM, Jorge. *São Paulo: Uma interpretação*. São Paulo: SENAC, 2011.